

FRANCISCO CARVALHO

Corvos
de Alumínio
Poesia Inédita



Poetas à semelhança de Francisco Carvalho são poucos em cada século. O alogocismo de sua linguagem é característico da melhor arte do nosso tempo; isso já será suficiente para situá-lo em posição singular no quadro da poesia brasileira contemporânea.

César Leal/PE

Acompanho os trabalhos do poeta Francisco Carvalho, de quem sou leitor interessado, pois o considero uma das nossas grandes vozes líricas.

Fábio Lucas/SP

O Tecedor é bem um livro de maturidade, quando o poeta se “ilumina de imenso” e vê chegada a hora de dizer tudo, com amor e ironia, com melancolia e sarcasmo.

Fausto Cunha/RJ

Há muitos anos rumino às vezes alguns de seus versos. Não direi que me lembro deles, pois, como dizia o nosso pai Platão, a gente só se lembra daquilo que tinha esquecido. O verso “Um alguidar de barro com reminiscências dentro” é de Francisco Carvalho. Mas o alguidar é meu.

Gerardo Mello Mourão/RJ

A bem da verdade, vejo em Francisco Carvalho a confirmação harmoniosa de muitos poetas identificados na construção de uma obra só, diversos eus poéticos estabelecendo migrações simultâneas na rica geografia de sua paisagem textual.

Hildeberto Barbosa Filho/PB

Em vários poemas do livro **Os Exílios do homem**, sem demérito algum no que toca aos demais, a linguagem poética de Francisco Carvalho alcança o ápice da limpeza e da limpidez expressivas.

Ivan Junqueira/RJ

Centauros urbanos é uma prova a mais de sua força verbal e do poder que lhe anima para atingir o núcleo metafórico dos mais límpidos diamantes da escrita.

Jorge Tufic/AC

Francisco Carvalho, não só pela fecundidade de sua obra poética, mas também e sobretudo pela qualidade, que repercute nacionalmente, impôs-se ao respeito e à admiração da crítica e dos leitores em geral.

Linhares Filho/CE

Uma poética nutrida dos elementos primordiais e forjada também pelo compromisso e pela vocação da universalidade.

Luciano Maia/CE

O Silêncio é uma figura geométrica, última obra do Sr. Francisco Carvalho, vate maior da nossa terra, é uma epítome de sua poética (...) Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloquência do que se calou.

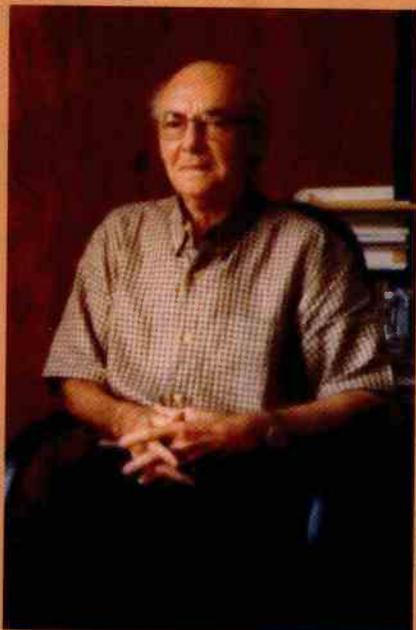
Luiz Tavares Júnior/CE

É esse, a nosso ver, o sentido maior da **Ode ao pastor das estações**, com que Francisco Carvalho celebra a memória de Octavio Paz. O poeta cearense comunga com o universo poético criado pelo autor de **Los hijos del barro**, reinventando suas veredas, picos e abismos.

Nelly Novaes Coelho/SP

Em Francisco Carvalho, a poesia se mostra consciente do mundo e da época, da terra e dos anseios do poeta. Tudo isso através de uma sensibilidade que teima em ocultar a pessoa do autor em permanente circunspecção.

Pedro Paulo Montenegro/CE



Prêmio Nestlé (1982) e Biblioteca Nacional (1997), louvado com entusiasmo por bons conhecedores, como Adriano Espíndola, Almeida Fischer, Artur Eduardo Benevides, Caio Porfírio Carneiro, Carlos d'Alge, César Leal, Domingos Carvalho da Silva e Fausto Cunha, não se pode dizer que Francisco Carvalho seja um poeta injustiçado, embora ainda espere o largo reconhecimento nacional a que tem direito (*Memórias do Espantado*, **Poemas Escolhidos**, Fortaleza: UFC, 2004). Seu nome e sua obra não são mencionados com a frequência um pouco automática que os chamados órgãos de opinião reservam a Drummond, João Cabral e Ferreira Gullar, francos favoritos dos colunistas literários e críticos de ocasião. Mesmo com

relação a Affonso Romano de Santana, os resenhistas ainda não se dispuseram a reconhecê-lo na alta e incomparável posição que é a sua (**Poesia reunida**, 2 vols. Porto Alegre: L&PM, 2004).

Refiro esses nomes todos por constituírem a constelação em que Francisco Carvalho se inclui e, juntamente com ele, nos quadros da grande poesia brasileira contemporânea. Ora, é preciso dizer que, em conjunto, Francisco Carvalho nada perde no cotejo, tendo com eles, além de nível incomparável de qualidade, os seus próprios impulsos de estilo, de sensibilidade e de pensamento, mais a visão particular que ao mesmo tempo os distingue individualmente, sem deixar de identificá-los no uso da "língua geral" da poesia. Em alguns poemas, cede à facilidade, a exemplo de tantos outros, mas quando vence as dificuldades, é igual aos melhores e, claro está, superior à média corrente.

Sua obra, como a de todos, é um diálogo permanente entre poetas, processo de empréstimos e reminiscências involuntárias (além das voluntárias...), é uma troca de visões e alucinações, sem esquecer as amistosas polêmicas implícitas; falando o idioma comum, cada um fala a sua língua pessoal. Os seus interlocutores, no espaço e no tempo, são Carlos Drummond de Andrade e Camões, Tomás Antônio Gonzaga e Murilo Mendes, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, para lembrar os mais evidentes, tanto em correspondências explícitas quanto no ar rarefeito das atmosferas.

Wilson Martins
(De artigo publicado em **O Globo**, de 5/3/2005)



Corvos de Alameda

Poesia Inédita

O poeta e ficcionista
Nilton Maciel, mentre
do erato moderno, com
a mais delimitação do

Amadeu

04/01/2004



FRANCISCO CARVALHO

Corvos de Alumínio

Poesia Inédita

Fortaleza
2007

(c) 2007 BY FRANCISCO CARVALHO
Direitos reservados em língua portuguesa

Tipo Serifa BT 12/13,8

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Carlos Alberto Alexandre Dantas

REVISÃO DE TEXTOS
Francisco Carvalho

FICHA CATALOGRÁFICA
Daniele Sousa do Nascimento

FOTO DO AUTOR
Profa. Maria da Graça Andrade Teixeira

As transcrições na abertura de cada parte do livro foram
extraídas da obra *Folhas de Relva*, de Walt Whitman,
com tradução de Rodrigo Garcia Lopes.

C331c Carvalho, Francisco

Corvos de Alumínio, poesia inédita./
Francisco Carvalho. – Fortaleza: LCR, 2007.
193p.

ISBN - 85-86627-47-3

1. Poesia, Brasil. 2. Literatura, Brasil.
I. Título

CDDir 808.1

SUMÁRIO

A METÁFORA PREDICATIVA EM FRANCISCO CARVALHO

Hildeberto Barbosa Filho 7

POESIA INÉDITA I

FANTASMA BOVINO, 13 ▪ II, 13 ▪ III, 14 ▪ IV, 15 ▪ HORA DAS METAMORFOSES, 16 ▪ DA ARTE DE MORDER, 16 ▪ ÚLTIMA CANÇÃO DE HIROXIMA, 17 ▪ PARA QUE SERVEM OS HERÓIS?, 18 ▪ CINCERROS, 18 ▪ RIDÍCULO À FLOR DA PELE, 18 ▪ PASTORAL, 19 ▪ ENTRE QUATRO PAREDES, 20 ▪ LIÇÕES DE ETERNIDADE, 20 ▪ FEITIÇO DOS VINHOS, 21 ▪ TAÇAS E LEÕES, 21 ▪ PAIXÃO E MORTE DE JULIANA BURGOS, 22 ▪ CORVOS DE ALUMÍNIO, 24 ▪ EPISÓDIO MEDIEVAL, 24 ▪ POEMA DE CABELOS BRANCOS, 25 ▪ INTIMIDADE, 26 ▪ RETRATO, 26 ▪ DISCURSO DO MENINO, 27 ▪ ESTRATÉGIA, 27 ▪ CHUVA ANTIGA, 28 ▪ DA ARTE DE VIVER, 28 ▪ O MENINO DO HOMEM, 29 ▪ DEUSES, 29 ▪ NOITE AZUL, 30 ▪ POEMA CANIBAL, 30 ▪ CATEDRAL DE ESPUMA, 31 ▪ ESPANHA DE AZULEJOS, 31 ▪ MAR MORTO, 32 ▪ NOITE DAS BALEIAS AZUIS, 32 ▪ GRAVATA DO MORTO, 33 ▪ DA SERVENTIA DAS COISAS, 33 ▪ VASTO MUNDO, 34 ▪ CONVERSA COM DRUMMOND, 34 ▪ SOMBRA DO CORVO, 35 ▪ ATÉ AS PALAVRAS SANGRAM, 35 ▪ LEGADO, 36 ▪ CASA DO OLHO, 36 ▪ PÁSSAROS DE LUTO, 37 ▪ TRISTEZA DA CARNE, 38 ▪ DA ARTE DE OLHAR, 38 ▪ DUAS SOMBRAS, 39 ▪ PÁSSAROS, 39 ▪ AS HORAS, 40 ▪ O PÃO E A MÁQUINA DO CORPO, 40 ▪ SOB O SIGNO DA NOITE, 41 ▪ NOTÍCIA DE MINAS, 42 ▪ O TEMPO E EU, 42 ▪ O VENTO NOS APAGA, 43 ▪ SOMBRAS CAIADAS, 43 ▪ PELA ESTRADA DE SINTRA, 44 ▪ OGIVA NUCLEAR, 44 ▪ CONTAGEM REGRESSIVA, 45 ▪ PROMESSA, 46 ▪ NUVEM ENAMORADA, 47 ▪ PÊNDULO DO CAOS, 47 ▪ ANTÍPODA, 48 ▪ POEMA RADICAL, 49 ▪ INVERNOS, 49 ▪ ÁRIDO ARADO, 50 ▪ PÊNDULO, 50 ▪ MENINOS, 50 ▪ TECELÃS DE DEUS, 51 ▪ CERTO VERÃO DE BESOUROS, 51 ▪ ODE AO NARIZ DE CLEÓPATRA, 52 ▪ BAÚS E ATAÚDES, 53 ▪ ATÉ O CÉU, 54 ▪ BALADA PARA UM BARDO BARBUDO, 55

POESIA INÉDITA II

ODE AO COMPARSA DA ROSA, 65 ▪ II, 65 ▪ III, 66 ▪ IV, 67 ▪ V, 68 ▪ VI, 68 ▪ VII, 69 ▪ VIII, 70 ▪ IX, 72 ▪ X, 73 ▪ COM PERMISSÃO DE CAMÕES, 73 ▪ LENÇÓIS AMARGOS, 74 ▪ FRAGMENTOS, 75 ▪ II, 75 ▪ III, 75 ▪ IV, 76 ▪ V, 76 ▪ VI, 76 ▪ VII, 76 ▪ VIII, 76 ▪ IX, 77 ▪ X, 77 ▪ XI, 77 ▪ XII, 78 ▪ XIII, 78 ▪ XIV, 78 ▪ NAQUELE TEMPO..., 79 ▪ TRAMA DIABÓLICA, 80 ▪ HOJE É SÁBADO, 80 ▪ CANÇÃO PARA UM TIGRE, 81 ▪ RIDÍCULO EM PESSOA, 82 ▪ OP & SEUS FANTASMAS, 83 ▪ 2, 83 ▪ 3, 84 ▪ 4, 84 ▪ 5, 85 ▪ À SOMBRA DOS OLMOS, 85 ▪ CATEDRAIS, 86 ▪ VÉRTICES DE DEUS, 87 ▪ NOTURNO DE VILA RICA, 87 ▪ II, 87 ▪ III, 88 ▪ UMA ARANHA CHAMADA PENÉLOPE, 88 ▪ ORGIA DOS PIANOS, 89 ▪ E DEUS FEZ A ÁGUA, 89 ▪ O MITO E SUA TRAMA, 90 ▪ VASTA É A NOITE, 91 ▪ PÁSSARO SELVAGEM, 91 ▪ ANDARILHO DE NAZARÉ, 92 ▪ SENTIMENTO DO MUNDO, 93 ▪ MUNDO CADUCO, 93 ▪ VOZES DE UM TEMPO MÍTICO, 94 ▪ EPISÓDIO BANAL, 94 ▪ CEIA DO NADA, 94 ▪ COISAS ESTRANHAS, 95 ▪ POEMA LINEAR, 96 ▪ BICHO DA TERRA, 96 ▪ CÂNTICO DAS FLECHAS, 97 ▪ FIM DOS TEMPOS, 97 ▪ CAMPO DE TRIGO, 98 ▪ ESPOROS & METEOROS, 99 ▪ DEDOS E ANÉIS, 99 ▪ ODE A UMA PÁGINA BRANCA, 100 ▪ OS GALOS E O GÓTICO, 101 ▪ TORRE II, 102

POESIA INÉDITA III

CÓDIGO DA ROSA, 105 ▪ II, 105 ▪ III, 106 ▪ IV, 106 ▪ V, 107 ▪ VI, 107 ▪ VII, 108 ▪ VIII, 108 ▪ IX, 109 ▪ X, 109 ▪ HORA MÁGICA, 110 ▪ CAVALOS DA ESFINGE, 110 ▪ GANSOS DE ALUMÍNIO, 111 ▪ MEDÉIA E O JUÍZO FINAL, 112 ▪ DEMÔNIOS DA PALAVRA, 112 ▪ VELHO DANÇARINO, 113 ▪ SE OS DEUSES NÃO EXISTEM..., 114 ▪ MORTE DOS CABRITOS, 114 ▪ SAPOS DO DILÚVIO, 115 ▪ SOMBRAS & CORVOS, 116 ▪ SINOS & ANDORINHAS, 117 ▪ ESPELHO & SOMBRA, 117 ▪ TEMPO & HISTÓRIA, 118 ▪ ONDE COISAS ACONTECEM?, 119 ▪ QUE FALCÃO ADORMECE EM TUA ESPÁDUA?, 120 ▪ PÁSSARO DO CAOS, 121 ▪ MONÓLOGO EM GIZÉ, 122 ▪ OS MÍSSEIS E OS OMISSOS, 122 ▪ VESTÍGIOS DO DIA, 123 ▪ MENINO ARCAICO, 124 ▪ VERSOS AO MAR, 125 ▪ TORRE III, 126 ▪ TODOS OS DIAS, 127 ▪ APOCALIPSE OU DISCURSO DAS SOMBRAS, 127 ▪ LOBA, 128 ▪ NUVEM DE VESPAS, 129 ▪ ETERNIDADE, 129 ▪ CAIXÃO DE POBRE É REDE, 129 ▪ MONARCA DA AURORA, 130 ▪ CANÇÃO DO CAPIBARIBE, 131 ▪ ELOGIO DA CIGANA, 133 ▪ DEUSES DE LIMO, 133 ▪ BICHO, 134 ▪ VELHA ROLDANA, 135 ▪ POÇO DE PEDRA, 135 ▪ ENTERRO DO BÓIA-FRIA, 136

POESIA INÉDITA IV

OS POBRES, 139 ▪ COISAS DA TERRA, 139 ▪ PÁSSARO FANTASMA, 140 ▪ CANÇÃO DO ARADO, 141 ▪ CABRAS DE HOMERO, 142 ▪ OS POBRES E SUA ROMARIA, 143 ▪ CANTEIRO DE OBRAS, 143 ▪ TREM DE SUBÚRBIO, 144 ▪ CEMITÉRIO DA COLINA, 145 ▪ BIOGRAFIA DO SAPO, 146 ▪ ELOGIO DE ROMA, 147 ▪ METAFÍSICA DO AMOR, 147 ▪ ODE A UM POTE DE BARRO, 148 ▪ PERGUNTAS AO VENTO, 149 ▪ SIGNOS DO DIA, 149 ▪ MONTANHAS AZUIS, 150 ▪ ANA E A LÂMINA, 151 ▪ CÓDIGOS E ADAGAS, 151 ▪ MADRIGAL LATINO, 152 ▪ DE VOLTA AO PARAÍSO, 152 ▪ MENINA COM BICICLETA, 153 ▪ LIMÕES VERDES, 154 ▪ LOUVAÇÃO DE RUTE, 155 ▪ RUTE E O DOURADO PASTOREIO, 156 ▪ PODER DA CHAMA, 157 ▪ DANTE: UM FRAGMENTO, 158 ▪ SONETO DO ADIVINHO, 159 ▪ MÁSCARAS DO AMOR, 159 ▪ EROS E SUAS CADEIAS, 160 ▪ SONETO DA CONTEMPLAÇÃO, 161 ▪ AZULEJO ROMANO, 161 ▪ EPISÓDIO, 162 ▪ OROÚIDEA AZUL, 162 ▪ AS VINHAS DE EROS, 162 ▪ ANCORAGEM, 163 ▪ ODE CRISTALINA, 164

POESIA INÉDITA V

DOM QUIXOTE, 167 ▪ SONETO DE RUTE, 167 ▪ SONETO DA CEIA, 168 ▪ ELEGIA DOS PORTÕES RETOS, 168 ▪ A UMA TAÇA DE VINHO, 169 ▪ VERSOS PARA UM TIGRE, 169 ▪ CÂNTICO DO MAR, 170 ▪ VIAGEM NO ARCO-ÍRIS, 170 ▪ ALTO RISCO, 171 ▪ AZUL LEJO, 171 ▪ AZULEJO MEDIEVAL, 172 ▪ BORBOLETA, 172 ▪ DIÁLOGO COM CDA, 173 ▪ MORTE DE MEU PAI, 173 ▪ II, 174 ▪ SONETO COM MOTE DE CAMÕES, 174 ▪ SONETO DA ETERNIDADE, 175 ▪ VINHO DE AZULADO AROMA, 175 ▪ TESTAMENTO, 176 ▪ NÃO ATA NEM DESATA, 176 ▪ VISÃO DÚPLICE, 177 ▪ ULISSES E O MAR, 177 ▪ HORAS DE BRONZE, 178 ▪ NOTURNO DE OURO PRETO, 178 ▪ II, 179 ▪ III, 179 ▪ UM DIA DEPOIS DO OUTRO, 180 ▪ SONHO DE ÓPIO, 180 ▪ VERSOS A UMA CAVEIRA, 181 ▪ II, 181 ▪ GIM COM SODA, 182 ▪ EXÍLIO DOS VERSOS, 182 ▪ DAS VONTADES, 183 ▪ AOS 80 ANOS DO POETA LÊDO IVO, 183 ▪ II, 184 ▪ III, 184 ▪ TRAGÉDIA REAL, 185 ▪ SEIOS DAS ALDEIAS, 185 ▪ PONTO DE FUGA, 186 ▪ SONETO COM MOTE DE FERNANDO PESSOA, 186 ▪ INFANTA DE PICASSO, 187 ▪ SONS DE FERRARIA, 187 ▪ COISAS PARALELAS, 188 ▪ VASSALOS DO MITO, 188 ▪ CEIA DOS MORTOS, 189 ▪ PLURIMETRIA, 189 ▪ EVOCAÇÃO DO RIO, 190 ▪ BORBOLETAS, 190 ▪ SONETO DAS MUTAÇÕES, 191 ▪ OGIVA, 191 ▪ SOLIDÃO, 192 ▪ POEMAS E EPITÁFIOS, 192 ▪ SONETO PARA EMÍLIO MOURA, 193

A METÁFORA PREDICATIVA EM FRANCISCO CARVALHO

Hildeberto Barbosa Filho

Nova coletânea de poemas de Francisco Carvalho! Publicada pela Universidade Federal do Ceará, em 2002, *O Silêncio é uma Figura Geométrica* retoma e amplia, por um lado, certos recursos retóricos e estilísticos, e por outro, alguns motivos temáticos que vêm se cristalizando ao longo de uma vasta obra poética. Constitui, portanto, uma espécie de epítome, isto é, uma síntese de sua poesia, como bem observa o professor Luís Tavares Júnior, em estudo introdutório.

Para tatear a pele de motivações como o tempo, o amor, a morte, o silêncio e a linguagem, entre outras que permeiam a sua lírica, o poeta cearense, sem descuidar de estratégias discursivas diferentes, procura realçar, conforme já sinaliza o próprio título do livro, a chamada metáfora de teor predicativo, ou seja, aquela que põe em relação semântica um comparante e um comparado a partir do elo sintático de um verbo de ligação. O modelo básico se formaliza, de logo, numa retórica da conceituação que visa, em função da subjetiva visão poética, apalpar os aspectos intangíveis e insondáveis da realidade, elaborando, assim, não somente um alargamento perceptivo do real, mas sobretudo a criação estética de uma supra-realidade moldada na tessitura da linguagem.

Os motivos são como que explorados, em suas camadas significativas, por intermédio de uma sintaxe de caráter expansivo que vai modulando, dentro evidentemente da cadência do verso, a cartografia das imagens, responsável, ao fim, pela expressão figurativa dos motivos abordados. As funções referencial, emotiva e lúdica dos procedimentos lingüísticos interagem sob a presidência aglutinadora da função poética, o que faz da dicção de Francisco Carvalho, neste e em tantos outros momentos, uma caleidoscópica geografia de imagens oníricas e visionárias a materializarem uma verdadeira "poética do devaneio", como diria Gaston Bachelard.

O paradigma do título (*O Silêncio é uma Figura Geométrica*), na sua arquitetura oracional, catalisa uma espécie de idéia ou de imagem primeira, germinal, irradiadora, da qual emerge, vezes por um processo de enumeração caótica, a ciranda das imagens outras que perfazem o corpo dos poemas. Vejamos um exemplo na página 46, tendo “Deus” como núcleo temático:

*Deus é algo incandescente.
Sou cria do espantalho
esse fauno de palha.
Deus é o centro de todas
as simetrias do universo
e de suas abóbadas.
Deus é o que trespassa
o corpo e seus labirintos.
O vértice do átomo.
O principio de todas
as velocidades da alma.*

O verbo de ligação pode vir explícito ou em zeugma na típica relação predicativa, mas pode também apresentar-se no âmbito de uma predicação verbal, com estruturas transitivas ou intransitivas, o que nos parece uma variação característica do padrão originário. Assim, podemos deparar expansões como estas, na página 58: “(...) A pedra é um hipopótamo/de lodo que flutua nas águas do rio (...) A pedra é a placenta/de um bólido do tempo do apocalipse/quilha e âncora das naus e utopias de Ulisses”; ou então variáveis deste tipo, com motivação metalinguística, no poema *Hóspede do tempo*: “(...) O poeta é um exilado de si mesmo. (...) O poeta sai do corpo e entra na concha da alma./ Sabe que não precisa estar o tempo todo/ bolinando as coxas da metafísica”.

Ora, tal técnica de construção literária agencia, de maneira visível, a componente fanopéica da linguagem a par, contudo, de um paralelo processo logopéico, correlacionando perfeitamente idéia e imagem enquanto traço seminal de uma forma poética. Em Francisco Carvalho a imagem serve à idéia e a idéia se expande em imagens. Tudo, ainda, no espaço de uma

pontuação melódica e rítmica que faz do poema uma caixa acústica, um artefato textual essencialmente lúdico, imagético e conceitual.

Não é comum encontrarmos expressão poética com este rigoroso equilíbrio e com esta rara singularidade. Se a fonte discursiva está naquele tipo de metáfora a cujo tronco se apegam os paralelismos sintáticos, as anáforas, as aliteraões, as rimas funcionais, enfim, todos os torneios figurativos, o resultado substancial, a idéia nova, o conteúdo conceitual, enfim, a forma estética, autônoma e acabada, tende a abrir o campo da percepção, a estimular as propriedades da fantasia e a elastecer os limites do conhecimento.

Com isto queremos dizer que a metáfora predicativa, em suas variadas modulações, transcende, na poesia de Francisco Carvalho, as fronteiras do ludismo, constituindo-se, na verdade, em um método de leitura, de análise, de interpretação e de descoberta do real, não do real como ele é ou parece ser, mas efetivamente do real como poderia ser. Do real possível. Do real verossímil, recriado no movimento estético da linguagem.

Lendo-se a poesia do autor de *Barca dos Sentidos* (1989), vive-se a estranha (estranha, de *estranhamento*) experiência de uma renovação da sensibilidade e da imaginação. O amor, a morte, a poesia, o tempo, a fauna, a flora, Deus, enfim, todas as possibilidades temáticas são convocadas pelo apelo da percepção poética e re-inseridas no plano da consciência cognitiva sob a regência de um olhar epifânico que, para referirmos Ezra Pound, em *ABC da Literatura*, faz do poema “linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”.

A metáfora predicativa, em *O Silêncio é uma Figura Geométrica*, evidencia a dialética nuclear da poesia de Francisco Carvalho, traduzida no intercâmbio permanente de Eros e Tânatos. Este manifesto nas inelutáveis tonalidades do tempo, na metafísica do perecimento das coisas e dos seres e na presença irremovível das imagens da morte enquanto vetores recorrentes de uma visão poética; aquele, por sua vez, erigido em flama vital e em energia celebratória das experiências humanas que promovem a busca da palavra enquanto atitude poética por excelência.

O elemento formal se une, portanto, aos ingredientes semânticos num processo de correspondência lógica, numa inter-relação estética, numa configuração isomórfica que responde pela coesão e coerência da expressão lírica de Francisco Carvalho. Coesão e coerência que, ostentadas, em seus múltiplos predicados, desde *Cristal da Memória* (1955) até *A Concha e o Rumor* (2000), se restabelece, aqui, enquanto súpula de um ofício, de um ofício que é muito mais entrega e devoção, poeticamente amadurecido e esteticamente plenificado.

Letras Cearenses, Edições Acauã. João Pessoa, PB, 2004.

Poesia Inédita I

O poeta sabe que o solo está sempre pronto
e arado e adubado. Ele vai direto à criação.

WALT WHITMAN



FANTASMA BOVINO

Mas o boi é um fantasma.
Gerardo Mello Mourão

O boi é algum fantasma
dos primórdios das eras.
Tem a idade dos deuses
das rapsódias de Homero.

Ao clarão dos relâmpagos
pasta lendas e relvas.
Presságios e esqueletos
do arado das estrelas.

Ao luar dos invernos,
o vento toca flauta
para os bois que semeiam
ossadas na paisagem.

O boi pasta a memória
de todos os Egípcios.
Madrigais e epitáfios
que ainda vão ser escritos.

O boi e seu fantasma
esculpidos a lápis
na epiderme do homem.
No mito do Boi Ápis.

II

O boi arrasta o arado
por cima das centúrias.
Onde planta o seu rastro,
sangram rosas e antúrios.

O boi é algum fantasma
dos tempos das quadrigas.
Seu hálito incendeia
o aroma das espigas.

Sósia de um deus arcaico,
crestado pelos sóis,
pasta o limo das eras
e as barbas dos avós.

O hálito do boi
perfuma as imburanas,
os seios de cambraia
que arrulham nas varandas.

Fantasma na paisagem,
nas várzeas, nos lajedos,
o boi escreve as odes
mas límpidas dos gregos.

III

No dorso de centauro,
enxames de besouros.
Os chifres são adagas
mais rijas que as dos mouros.

Nas tardes de setembro
se o vento vem dos ermos,
o boi regressa aos campos
da infância dos bezerros.

No couro ensolarado
as marcas dos canivetes.
O boi contemporâneo
de Odisseu e Laertes.

Nos baús das sinhás
nos enxovais das noivas
nas tramas de Penélope
no veludo das coisas.

Fantasma em qualquer parte
onde o sol põe os dedos,
o boi escreve as odes
mais límpidas dos gregos.

IV

Esse boi mitológico
vem do império dos Incas,
dos engenhos de açúcar
e alambiques de zinco.

Vem do odor do mascavo,
da casa da moenda.
Talvez do fogo-morto
que espreita no poema.

Vislumbro o seu fantasma
em noites de presságios,
quando os sinos da ermida
dobram pelos finados.

O boi era um ciclope
no tempo dos centauros.
Agora pasta os mortos
a longos intervalos.

Esse boi é uma lenda
nas cordas dos aedos.
Nos hinos e nas odes
mais límpidas dos gregos.

HORA DAS METAMORFOSES

Naquela hora dos dias em que o céu é mais profundo
e as nuvens deslizam velozmente como se tangidas
pelo vento ou pela mão invisível de algum deus.
Em que os pássaros se acariciam nas copas
das árvores, as pombas arrulham seus queixumes
mais tristes e os esporões das aves de rapina
são mais terríveis do que os punhais.

Naquela hora em que o sol arremessa dardos de ouro,
argonauta ao leme das caravelas que velejam
nas rotas do céu. Em que as alimárias empoeiradas
sacodem as orelhas para espantar a fúria
dos moscardos. Em que os lagartos se recolhem
a seus esconderijos nas cavernas ainda
úmidas das bátegas do dilúvio.

Naquela hora em que as rãs flutuam nas águas
dos pântanos. Em que as tempestades arrebatam
os ninhos dos pardais e as folhas amarelas dos bosques.
Naquela hora em que os corpos dos amantes
se entregam à embriaguez do êxtase.
Em que as artérias são cordas de um alaúde
que celebra as metamorfoses do amor.

DA ARTE DE MORDER

Morder o vento
como se mordesse o núcleo
do magma da célula.

Morder a vida
como se morde a polpa
de um pêssego.

Morder a raiva
como quem dilacera
o gomo de um beijo.

Morder o amor
como quem prova do fruto
do pomar alheio.

Morder o âmago do aroma
como se devorasse
a romã da língua.

Morder o lenho da chama
até ser consumido
pela labareda cósmica.

Morder a utopia
até o sangue jorrar
de todas as veias.

ÚLTIMA CANÇÃO DE HIROXIMA

Mil novecentos e quarenta e cinco.
Manhã de seis de agosto. A esfinge atômica,
de repente uma chuva de explosivos,
incendeia as paredes de Hiroxima.

Os jardins de papoulas e de lótus,
campos de arroz e plantações de trigo.
Noivas e noivos não tiveram tempo
de erguer um brinde à essência da matéria.

Odor de enxofre cala os passarinhos.
Árvores são fantasmas de espantalhos
que já não pastoreiam madrugadas.

No espaço em chamas pairam cogumelos.
Seu bailado é uma dança de ciclopes
para um noivado de baleias mortas.

PARA QUE SERVEM OS HERÓIS?

Não temos heróis nem jamais os tivemos.
Afinal, para que servem os heróis?
Suas estátuas de granito ou de mármore negro,
seus cavalos de bronze, suas medalhas
barrocas e as espadas que não passam de metáforas?
Afinal, para que servem os heróis?
Se o ácido da chuva e a poeira dos fantasmas
desdenham da glória dos homens?
Se os pássaros não se importam com eles
nem as pessoas lhes fazem reverências cívicas
no fugaz entardecer dos estios?
Afinal, para que servem os heróis?
Se não sabem quem somos nem jamais ouviram
falar dos nossos mitos e utopias?

CINCERROS

Os cincerros começam a balir
pelas ovelhas de Homero e os sonhos mortos.
A esta hora te espero numa esquina
deserta de zumbidos.
A noite avança à retaguarda das trevas
com sua adaga de estrelas.
Não vens, mas é como se o teu corpo
dialogasse com a multidão das minhas utopias.
Os olhos das candeias nos contemplam
de arrabaldes distantes. Teus passos ressoam
como se fossem de bronze. Adivinho
a leveza do teu corpo, que emerge dentre
as espumas do olvido e das labaredas do mar.

RIDÍCULO À FLOR DA PELE

A vida inteira tenho sido ridículo
como quem usa lentes bifocais.
Ou quando se vai ao circo mambembe
para escutar os versos dos jograis.

Tenho sido ridículo a vida inteira...
O meu folclórico chapéu de luto,
meu paletó comprado a preço módico
num boteco onde se vende charuto.

A vida inteira tenho sido ridículo
com os meus sapatos de brilho fosco,
a camisa de colarinho engomado
que me estrangula as veias do pescoço.

Neste palco de eunucos e espantalhos,
principalmente quando vou à feira
comprar tripas e gaiolas de pássaros...
Tenho sido ridículo a vida inteira.

Ridículo quando escrevo poemas
ou visito a bandeja das compotas.
Quando ensaio discursos de improviso
ou ninguém ri das minhas anedotas.

Quando saio a passeio numa esquina,
meu terno amarrotado fede a mofo.
Inclusive a gravata cor de abóbora...
Tenho sido ridículo o tempo todo.

PASTORAL

Para Laíre Dutra

Flautas e cordas dos gregos
tocam sonatas de Mozart
para ovelhas e borregos.

Vindos de um bosque de amoras
ou do aroma das adegas,
deuses cochilam nas ágoras.

Nas tardes de vinho efêmero,
cabras pastam nas colinas
hexâmetros de Homero.

ENTRE QUATRO PAREDES

Os mísseis te espreitam
das nuvens em chamas
(entre quatro paredes).

O amor se evapora,
o vento nos pranteia
(entre quatro paredes).

Os falcões de Osíris
dilaceram teus olhos
(entre quatro paredes).

Os peixes nos agridem,
as balas nos perfuram
(entre quatro paredes).

A noite é uma barca
de insônias e esqueletos
(entre quatro paredes).

Os mitos e utopias
redescobrem a infância
(entre quatro paredes).

As patas dos cavalos
esmagam minha sombra
(entre quatro paredes).

Na garganta dos galos
auroras decepadas
(entre quatro paredes).

O corpo se dissolve,
a alma se esfarela
(entre quatro paredes).

Mísseis inoxidáveis
rastreiam nossa cama
(entre quatro paredes).

LIÇÕES DE ETERNIDADE

Rãs de papos amarelos
mastigam coisas e insetos
entre amplexos e reflexos.

Comem os ovos dos astros
dançam de pernas abertas
sobre folhagens aquáticas.

Na água desenham círculos.
Seus movimentos parecem
certos brinquedos de acrílico.

Algumas vezes, algumas
de repente se enamoram
pelos olhos dos cardumes.

Pensam que a lua é uma esfera
habitada pelas rãs
desde o começo das eras.

Sob o veludo da noite
as rãs e seus namorados
dão lições de eternidade.

FEITIÇO DOS VINHOS

Os vinhos tintos em ânforas de absinto
os vinhos verdes dos portugueses da raça dos deuses
os vinhos da Alemanha, os vinhos do Reno
os vinhos das castas mais nobres das adegas dos gregos
os vinhos dos arqueiros do Santo Graal
os vinhos de Otelo e o sangue de Desdêmona
os vinhos feitos de uvas regadas pelas tramas de Penélope
os vinhos e seus adágios de espumas de cristal
os vinhos que incendiaram os crepúsculos de Tróia
os vinhos que envelhecem em garrafas negras
os vinhos perfumados pelas formas das adolescentes
[que esmagam as uvas nas dornas
os vinhos derramados nas conchas e seios
das concubinas dos faraós, em noites de lascívia
quando as ninfas do Tejo dançavam nuas
ao som das guitarras e das cordas de bronze dos alaúdes
dos mouros sob o luar das ameias.

TAÇAS E LEÕES

Rugem leões numa taça de vinho
E tigres de Bengala. Ardem sóis
Que incendeiam as curvas do caminho
E os sonhos de cristal dos faraós.

Numa taça de vinho a flor do éden
Semeia o firmamento com seu pólen
Dourado. Mimos que os deuses concedem
Aos vassalos do amor, aos que se movem
Ao redor dos triângulos da morte.
Numa taça de vinho se dilata
A pupila da cobra e de Cleópatra,
O som do bronze imita o som da prata.
Enquanto lê augúrios do adivinho,
Sangram punhais numa taça de vinho.

PAIXÃO E MORTE DE JULIANA BURGOS

De um conto de Jorge Luís Borges

São dois irmãos solitários
Num casarão de subúrbio.
Certo é que se apaixonaram
Pela mesma prostituta.

Eram rudes, mulherengos,
Violentos muitas vezes.
Cada qual tem seu cavalo,
Seus ornamentos e arreios.

Nem às paredes confessam
Que amam Juliana Burgos.
A mulher que os enfeitiça
Com pesadelos noturnos.

Por um golpe do destino,
Mais veloz que o de uma adaga,
Certo dia o primogênito
Traz a intrusa para casa.

O mais novo está perplexo
Ante o enredo dessa trama.
Canta-lhe o sangue nas veias
Por amor de Juliana.

Assim os dias se passam
Numa rotina implacável.
Entre uma noite e outra noite,
A lascívia transbordava.

Por sugestão do mais velho,
Que se ausenta de improviso,
Prova o mais novo do ágape
Daquele amor impossível.

O tempo eterno não pára
No carrossel dos planetas.
A vida segue o seu curso
Por entre curvas e retas.

Foi assim que os dois irmãos,
Depois de um pacto cruel,
Venderam o corpo da intrusa
Para a dona de um bordel.

Mas o tempo, esse alquimista,
Que muda a essência de tudo,
Traz de volta o fel da intriga
Para a casa do subúrbio.

A modo de alma penada,
Volta ao lugar da discórdia.
Como a sombra do enforcado
Retorna ao laço da corda.

Até que os irmãos decidem,
Com mais gestos que palavras,
Matar Juliana Burgos
Numa noite de fantasmas.

Essa história foi contada
Por um bardo da montanha
Que mergulhou nos abismos
Mais secretos da alma humana.

CORVOS DE ALUMÍNIO

Os corvos de alumínio semeiam
morte e cobalto nas plantações de legumes,
nos cemitérios das tribos.

Queimam aldeias de palha, lençóis e camas
de plástico, mudas de arroz e de lótus
e até os mitos da África.

Os corvos não vêm da China, das pirâmides
do Egito, dos Andes, da Patagônia.
Vêm das tripas de Wall Street.

São robôs da cibernética governados
pela física. Sabem técnicas de explosivos,
de estratégias da balística.

Rastreiam nossa memória, sabem dos nossos
segredos de primatas das cavernas
desde a infância dos espelhos.

Não vêm das rotas douradas que circundam
os hemisférios. Vêm das fornalhas
atômicas, das profundas dos infernos.

Sabem de que morreremos desde
as mais longínquas eras. Descendentes
dos morcegos, se alimentam de cadáveres.

EPISÓDIO MEDIEVAL

Úmidos ossos.
Pensamentos áridos. Fantasmas
desenham pornografias nas veias das lápides.
Múmias cosmopolitas
mercadejam a sensualidade dos faraós.

Revoadas de corvos semeiam
presságios nas cordilheiras da noite.
Gemidos. Uivos. Ranger
de dentes e aldравas. Tempestades de enxofre
despencam das esferas.
Faíscas de relâmpagos e os seios decepados
de medusas e adúlteras.
Numa caverna do purgatório, Medéia
amamenta os filhos degolados
aos olhos de Ana Bolena.
Do meio de serpentes em chamas
emerge a sombra espectral do florentino.
Ruflar de pombas brancas
incendeia os pórticos de espuma do paraíso.

POEMA DE CABELOS BRANCOS

Quando a gente envelhece, a poesia
também envelhece,
também se queixa de problemas reumáticos.
Tosse quando se deita ou se levanta,
na hora do café ou da ceia,
de fazer amor ou de dizer adeus.
Versos rangem a modo de aldравas enferrujadas,
têm crises de vômitos,
confundem substantivos com adjetivos,
pronomes com advérbios,
equações de Pitágoras com metáforas,
estrofe com estrogonofe
e outras guloseimas da retórica.
Quando um velho se encontra num dilema,
dói a coluna vertebral do poema.
Velhos e versos também morrem de câncer da próstata.

INTIMIDADE

Os mortos dormem conosco,
sob os mesmos lençóis de cambraja,
o mesmo teto,
a mesma sensação de frio,
o mesmo desconforto
que nos produz a poeira de um fantasma.
Escutam nossas confidências
e revelações mais íntimas. Acariciam
nossa pele e os pêlos da barba,
calçam as nossas meias,
passeiam no quarto com nossos sapatos.
Apagam a luz da cabeceira,
sussurram ao telefone e depois voltam a dormir.

RETRATO

Hoje sou a borboleta na gravata do morto
as rosas desbotadas do velório
as garatujas dos epitáfios
escritas pelos canivetes dos bêbados.

Hoje sou o que morreu no exílio
a mortalha dilacerada pelas corujas
a ferida que não cicatriza
a verruga esparramada na ponta do nariz.

Hoje sou o deserddado do albergue
o fantasma das escadarias dum teatro de ópera
o que adormece à sombra dos ciprestes
onde os corvos despejam seus ovos de lagarto.

Hoje sou a corda do enforcado
que teve a memória comida pelos cachorros
os chacais e as aves de rapina.
Hoje sou o esqueleto da gravata do morto.

DISCURSO DO MENINO

Na festa da noite azul,
sou menino e não boneco.
Não quero vacas de plástico
pastando no meu presépio.

A esta pobre manjedoura
não tragam pinheiros falsos.
Sou filho de carpinteiro,
não de Herodes ou Pilatos.

Meninos ricos e pobres
não deixam de ser meninos.
Os adultos nada sabem
dos sonhos dos pequeninos.

Me chamam Rei dos Judeus
alguns sábios e adivinhos.
Nobres romanos já tecem
minha coroa de espinhos.

Deus traçou os meus caminhos
à maneira de episódios.
Logo virão as matilhas
uivar na tumba de Herodes.

ESTRATÉGIA

Tudo seria mais fácil
se encarássemos a vida de frente
sem intermediários
sem filigranas jurídicas
sem cartas marcadas
sem intenções maquiavélicas
sem o cinismo dos mornos
sem o veludo da retórica
sem o manto diáfano da fantasia
sem alusões e sem ilusões.
Tudo seria mais lógico
se não fumássemos o cachimbo da paz
todas as vezes que nos apunhalam pelas costas.

CHUVA ANTIGA

Chovia quando éramos meninos.
A chuva daqueles tempos era mais poética,
nos fazia sonhar com namoradas
de cartões postais,
lânguidos olhos de pestanas negras
como os nossos pecados.
Chuva de pedra-sabão em noites coloniais,
chuva grossa, chuva fina
ou chuva torrencial.
Hoje chove granizo sobre os arranha-céus,
monstros de concreto e alumínio,
de frente para o mar ou para o amor,
para as curvas das adolescentes
e as curvas das ondas.
Hoje chove sobre os labirintos da rede elétrica.
E a chuva é mais pirotécnica
do que poética.

DA ARTE DE VIVER

A vida é uma arte
que se aprende em qualquer parte.
Como tocar clarinete
ou tanger as cordas de uma harpa.
Viver é desfraldar as velas da nau do corpo
sob os lençóis da cama,
aos olhos de Deus ou de Gautama.
Não é semear devaneios entre quatro paredes
e os seios da mucama
sem a liberdade de escolher
entre o que se odeia e o que se ama.
Viver uma existência toda
sem precisar dos mamilos da loba.

O MENINO DO HOMEM

Muitas vezes o menino
acorda na pele do homem.
Mas por acaso adormece
nos olhos de outros meninos.

Outras vezes o menino
cruza a infância em linha reta.
Talvez procure o fantasma
de uma antiga bicicleta.

Às vezes pensa que escuta
cordas e acordes de harpas.
Mas os anjos e os meninos
pescam conchas e afogados.

Sonha nuvens de andorinhas
no entardecer suntuário.
(Tombam folhas de eucaliptos
na calva dos epitáfios.)

Quantas vezes o menino
passeia na calva do homem.
Mas a infância do homem
dorme profundamente.

DEUSES

Os deuses dos tempos modernos
são mais vingativos
do que os deuses do olimpo
ou dos infernos.

Os deuses de agora são
mais ferozes do que os cachorros.
Nos golpeiam do alto
de seus narizes de corvos.

NOITE AZUL

Para Irmã Alexandrina de Fátima

Uma estrela reluzia
no céu da noite serena
mais brilhante do que o dia.

Nas palhas de estrebaria
nasce um rei sem pompa e cetro
do ventre de uma judia.

A estrela de luz macia
leva os Magos para a gruta
de José e de Maria.

Até o vento já sabia
que sobre um leito de feno
nasce um Rei sem dinastia.

No céu alto a romaria
dos astros semeia augúrios
contra os deuses da heresia.

Ovelhas cuidam das crias,
ruminam salmos e cânticos.
Arrulham ondas bravias.

À luz do azeite que ardia,
o Menino já sonhava
com seu cálice de agonia.

POEMA CANIBAL

A noite engole o rio e seus afluentes.
O rio engole os afogados
e seus descendentes.
A noite engole os arados
a infância dos bois, a pastagem.

O rio pastoreia as noivas
que desmaiam nos braços dos rapazes.
A noite engole o rio que deságua no Atlântico.
O rio engole os namorados seduzidos
pelos olhos dos pântanos.

CATEDRAL DE ESPUMA

O corpo que se dissolve
em labirintos de pedra e sonho.
O corpo que ama e odeia,
que se equilibra nos trapézios
da morte, que se dispersa entre a luz
e a escuridão, que decifra
os enigmas do universo, as rotas
dos navios e dos pássaros.
O corpo dilacerado pelos mísseis,
perseguido pelos déspotas.
O corpo é uma catedral de espuma
e sangue, com suas torres e suas criptas.

ESPANHA DE AZULEJOS

Espanha do Quixote
e do sangue dos touros.
De Lorca em Nova Yorque,
dos moinhos de vento.

Espanha das ameias,
das adegas e adagas.
Dos mirantes dos mouros,
das guitarras românticas.

Espanha de azulejos
e de catedrais góticas.
Espanha de Picasso,
da Mesquita de Córdoba.

Espanha de Guernica,
das sagas de Cervantes.
Das patas de um cavalo
polidas pelo Douro.

Espanha de Cernuda
e de Bernarda Alba.
Espanha que ainda espreita
os séculos vindouros.

MAR MORTO

Mar morto, peixes mortos
maremotos, marés mortas
ondas mortas, índios mortos
cardumes fulminados por lâminas de sal.

Mar morto, profetas mortos
palavras ressuscitam parábolas.
Foi nessas águas de um mar de lendas
que o Rei dos Judeus escreveu
com sangue a memória dos séculos.

NOITE DAS BALEIAS AZUIS

A noite é uma prostituta de olhos míopes
que se deita na cama conosco.
Os seios da noite exalam aromas de flores desabrochadas
nos pântanos. A noite, meretriz egípcia,
encobre o rosto de esfinge que incendeia os mortos.

A noite ruma sua pastagem de trevas
nas ladeiras e declives do Tártaro.
Hipopótamo dos pântanos da Ásia, a noite deita-se
na cama das monjas e noviças, entre as dobras
da insônia e a sensualidade dos lençóis.

A noite arrasta a placenta cravejada de estrelas
sobre esqueletos de múmias e faraós.
Amamenta as crias de cobras e lagartos,
anjos de pedra-sabão, madonas do Aleijadinho,
profetas exilados nas cavernas do Hebron,
dragões gerados nas estranhas das baleias azuis,
éguas e cavalos árabes de linhagem barroca,
ossadas de navios soterrados pelo dilúvio.

A noite é uma feiticeira
que nos ensina os rituais do Kama-Sutra
e nos introduz no purgatório dos frios candelabros.

GRAVATA DO MORTO

Ano passado, ainda ceifava
as amoras do amor.
Ainda me deslumbrava com a sensualidade
dos frutos do pomar alheio.
Ano passado, ainda bebia vodca
no bar da esquina, acreditava na humanidade,
nas mentiras expostas na vitrina.
Contava anedotas pornográficas
para uma platéia de místicos.
Ano passado, falava mal dos tucanos
e de seus charutos cubanos.
Ano passado, escrevia poemas abstratos
para os cachorros e os gatos.
Fumava ópio, bebia vinho do Porto.
Hoje sou a gravata do morto.

DA SERVENTIA DAS COISAS

Para que serve o elogio dos mortos?
Quem não foi convidado ao banquete da papa-ceia?
A candeia que não ilumina a escuridão
dos fantasmas de pedra-sabão?

As pessoas dos verbos também amam?
Também morrem, também odeiam?
Onde estão os arlequins dos carnavais de Veneza?
Existem papagaios políglotas
com doutorado em filigranas de retórica?
No cemitério dos gansos de pólvora
também escrevem epitáfios e semeiam lágrimas?
Veneno à flor da pele da cobra?
Por quem o sino das madrugadas não dobra?

VASTO MUNDO

Quem ousa decifrar os enigmas do vasto mundo?
O que se passa nas engrenagens
desta máquina de pulverizar homens e deuses?
O mundo é o ventre da baleia
que nos arrasta para as entranhas do abismo?
Sabemos de tudo ou não sabemos de nada?
A morte nos espreita em cada esquina
da fugacidade do amor?
Somos o bêbado que resvala na casca de banana
e nos brinda com a taça do seu vômito?
O mundo é a eternidade provisória?
Ou não passa de um desvario dos nossos sentidos?
Que nau é o mundo, em que navegamos
rumo às praias do adeus e aos pássaros em chamas?

CONVERSA COM DRUMMOND

A ode mais límpida
não se escreve no mármore.
Na espuma do mar
ou no tronco da árvore.
Não é a que se faz
para Marília ou Bárbara.
Para o rei dos hunos
ou para o rei dos bárbaros.

A ode mais límpida
não se aprende nas ágoras.
É a que se escreve sem versos
e sem metáforas.

SOMBRA DO CORVO

Dizem que era uma vez
Joaquim Silvério dos Reis.

Enquanto dorme Ouro Preto,
semeia o espinho das leis.

Em Minas, pregava os éditos
do monarca português

nas janelas dos sobrados
ou nas grades do xadrez.

Vendeu a alma ao diabo
como se vende uma rês.

Seu fantasma ainda vagueia
nas esquinas dos bordéis.

Sombra de corvo faminto,
arde no inferno, talvez.

ATÉ AS PALAVRAS SANGRAM

Chega um momento em que o corpo é uma nau
com todas as velas partidas.
Um momento em que as razões do amor
são todas as portas que se fecham.
Um momento em que todos os caminhos convergem
para as encruzilhadas da morte.

Um momento em que o velocípede do menino
despenca do arco-íris.
Um momento em que voltas para casa
quando todas as candeias foram apagadas.
Chega um momento em que as amadas fogem
da cama pelas frestas do adeus.
Um momento em que a eternidade nos comemora
e até as palavras sangram.

LEGADO

Herdei de meu pai
o alpendre ensolarado
a cacimba de pedra
os trovões e relâmpagos
as aldravas de bronze
que assustavam os fantasmas
a pêndula de medir o tempo e a eternidade.

CASA DO OLHO

A pálpebra é o telhado
da casa do olho.
Sombrinha da menina dos olhos,
a concha da ostra
que esconde a pérola.
Aranha dançarina
numa ribalta de artérias.
Arco que arremessa
as flechas róseas do amor.
A pálpebra é o oásis
onde os sentidos arrulham.
A lápide, o epitáfio
dos filhos da escuridão.
Uma taça que derrama
gotas do vinho da lágrima.

A orelha decepada
de um girassol de Van Gogh.
A pálpebra nos ensina
lições de amor e de álgebra.
Não resiste à nudez
do corpo vítreo.
Aos raios do cristalino
ardem nossas utopias.
Nossos brinquedos guardados
dentro de caixas vazias.
A pálpebra, uma porta
sempre aberta para a morte.

PÁSSAROS DE LUTO

Chegam silenciosamente com as asas
espalmadas e pousam nas copas
das árvores, nas torres dos campanários.

Ou das antigas igrejas devastadas
pelas reminiscências do limo.
O negro lustre das plumas dardeja

aos raios do sol da manhã. Os pássaros
estão molhados. Numa colina distante, ovelhas
ruminam o orvalho em memória da chuva.

As horas avançam a passos de soldados
num campo de batalha. Os pássaros
de luto sacodem as asas. Em minutos,

velejam majestosamente nos píncaros do azul.
Parecem legiões de anjos unidas por Deus
para expulsar o espírito das trevas.

TRISTEZA DA CARNE

A carne é triste. E já li todos os livros.

Mallarmé

A carne é triste por mais que sonhe.
É corruptível e se decompõe.

Rosa escondida dentro dos pântanos,
a carne é harpa dos nossos cânticos.

A carne é o gume de alguma adaga,
pluma de corvo que hospeda a alma.

Às vezes réptil, às vezes pássaro,
semeia enigmas num quadrilátero.

Posta num aquário, peixe de vidro.
A carne é pouca para tanto exílio.

A carne é o dorso de algum centauro.
Se vai ao bosque, seduz o fauno.

À flor da pele, a carne é triste.
Não basta a carne para tanto exílio.

DA ARTE DE OLHAR

A vida é pura contemplação.
Os movimentos dos corpos nas ruas
a velocidade dos dínamos e metais nas avenidas
as pétalas das coxas despetaladas pelo vento.

O arco-íris pousado num fio da rede elétrica
a flor que desaba do seu trapézio
o enterro que passa entre cogumelos de fumaça
a lágrima que rola na face da prostituta
vaiada pelas árvores e os pássaros.

A vida é pura contemplação.
Vertigem da fugacidade que desmaia
sob as retinas das elites e da arraia-miúda.

DUAS SOMBRAS

O corpo é extensão da alma
ou não passa de um reles objeto de plástico?
Mas a alma não existe sem o corpo,
que exala os odores da morte.
Corpo e alma não falam a mesma linguagem,
não se comunicam pelos mesmos signos
nem pelos mesmos códigos.
Às vezes se tocam, ora se repelem.
O corpo é um centauro, a alma uma idéia.
Arquétipo de sombra sonora
à flor da pele do que se evapora.

PÁSSAROS

Os pássaros semeiam plumas no azul
das tardes de estio.
Fazem seus ninhos nos devaneios do gótico,
nas barbas dos profetas do Aleijadinho,
nas árvores mais altas da montanha
entre as nuvens e a perplexidade de Deus.

Sósias dos anjos e dos meninos
que já tiveram asas e as perderam
quando visitados pela sedução do pecado,
os pássaros são reminiscências
do paraíso perdido nas trevas dos pântanos
que antecederam a criação do mundo.

Os pássaros já foram dançarinos.
Agora são contemporâneos dos mísseis,
dos homens e dos deuses.

AS HORAS

As horas são folhas amarelas da árvore
do tempo. Desabam sobre nossas
cabeças ao fluxo dos minutos e das centúrias,
do olvido e da memória.

As horas são gotas de bronze das artérias
das pêndulas. Ressoam no vazio
do espaço constelado de utopias. Cordas
e acordes de uma harpa tocada pelos
corvos da insônia nos funerais dos déspotas.

O PÃO E A MÁQUINA DO CORPO

Pão nosso de cada dia
com manteiga ou margarina,
move a máquina do corpo.
Essa engrenagem de sonhos
de uma complexa oficina.

Pão nosso de cada fome
que começa e não termina.
Pão do inverno que não veio.
Pão de sangue e esquecimento
para os mortos da chacina.

Pão dos ricos. Pão dos pobres.
Pão da América Latina.
Pão amargo dos vassallos,
sem cheiro de madrugada,
sem gosto de vitamina.

O corpo que sente fome
às vezes morre na esquina
de um sonho ou de uma favela.
O corpo que o vento leva
para baixo ou para cima.

O corpo vai para a cama,
de onde avista uma colina.
Mas volta de mãos vazias
porque o sangue envenenado
pela fumaça da usina.

O corpo que se embebeda
sabe que o espectro da morte
está de espreita na esquina.
O corpo que o vento leva
para baixo ou para cima.

SOB O SIGNO DA NOITE

Sob a noite arcaica
o orgasmo não me basta.
Sob a noite célebre
o cão passa por lebre.
Sob a noite espúria
a fome semeia a fúria.
Na aldeia, na planície
fedea a vômito de míssil.
Desfilam à retaguarda
fantasmas de espingarda.
Odor de seios e aldeias
mouros descem das ameias.
No velório do vizinho
punhais e nódoas de vinho.
Soluçam bardos e aedos
cordas de alaúdes gregos.
Em madrugadas de acrílico
sangram as papoulas da tísica.
Em noites de saxofone
bailam seios de silicone.
Em noites de febre
e calafrio, tosse o casebre.
Em noite de sagitário
a lei nos rouba o salário.

Sob a noite circumspecta
rasteja a dialética.
Sob a noite paralítica
devaneia a metafísica.
Em noites de seresta
as bombas vêm do Leste.
Sob uma vaia de andróides
robôs com chifres de bodes.

NOTÍCIA DE MINAS

Noite alta. Vaticínios nos telhados de Ouro Preto.
Soam os clarins dos galos pela última vez.
Sombras de boêmios semeiam o pólen da liberdade
nas esquinas. O vento escreve epitáfios
na insônia dos Inconfidentes.
Uivos de cachorros descem das ladeiras
e dos morros, dilaceram a memória
de Joaquim Silvério dos Reis.

O TEMPO E EU

O tempo já não me vê como um vassalo
do amor. Já me dá as costas
quando passo a caminho dos arrabaldes
onde rastejam esgotos urbanos.
Já não me envia flores nem cumprimentos
nos aniversários. Me devolve
reminiscências tardias e pensamentos
mutilados. Vou às esquinas
da utopia ao encontro das namoradas
que não tive. O amor são retinas
dilaceradas de punhais que me espreitam
na escuridão. Música de flauta
partida por algum vilão de ópera burlesca.
O tempo já não me vê como alguém
que adivinha a fugacidade das estações,
as rotas das baleias e dos navios.

O VENTO NOS APAGA

O vento apaga os elogios das lápides.
A chuva e os rastros dos cavalos
esmagam sonhos e epitáfios.
Nenhum mortal resiste aos ácidos
do tempo, à corrosão dos relâmpagos
e das marés. Somos pasto
de alimárias e aves de rapina, vindas
subitamente dos arrabaldes,
nos intervalos entre a infância dos anjos
e o toque do Ângelus.

SOMBRAS CAIADAS

Alguns vão à missa aos domingos
rezar salmos e ladainhas.
São os mesmos que escrevem odes
às anatomias femininas.

Desfiam as contas dos rosários,
alteiam a voz nos misereres.
Mas os olhos não se despregam
do magnetismo das mulheres.

Dormem nos bancos das igrejas,
na penumbra das catedrais.
Só vagamente pensam Deus.
Algo que ardesse entre fanais.

Nos rostos graves se desenham
sombras por trás dos gestos calmos.
É que os martelos da luxúria
sopram clarins nos crânios calvos.

Certos de que a missa aos domingos
pode ensejar um bom negócio,
voltam aos braços das amantes
nas asas místicas do ópio.

PELA ESTRADA DE SINTRA

Ler Camilo Pessanha
não basta ser pelintra.
Beber versos com ópio
pela estrada de Sintra.

Ler Fernando Pessoa
vinte vezes ou trinta
é tudo o que me apraz
pela estrada de Sintra.

Ao murmúrio dourado
das vides de uma Quinta,
ir com Cesário Verde
pela estrada de Sintra.

Saudar Antônio Nobre
na planície ou na grimpá.
Ir à luz das candeias
pela estrada de Sintra.

Beber vinho do Porto
nos seios de Jacinta.
Voltar do paraíso
pela estrada de Sintra.

OGIVA NUCLEAR

A ogiva nuclear
ou vem da noite ou do mar.
Albatroz de negras asas
não se cansa de voar.

O centauro de alumínio
em sinistro galopar.
Passa por dentro do inferno
e dos raios do luar.

Pousa nas águas do Tártaro
que não deságuam no mar.
Pousa na rocha de Sísifo
em qualquer tempo ou lugar.

Essa ave cor de abutre
que tem morfina no olhar.
Esse pássaro do inferno
veio para nos matar.

Essa noite de alumínio
nunca mais vai acabar.
Essa pomba imita a sombra
de uma ogiva nuclear.

CONTAGEM REGRESSIVA

A velhice conta os minutos de insônia
como se fossem moedas de ouro
trancadas a sete chaves.

Conta os fragmentos do tempo
com a mesma avidez com que o avarento
conta mil vezes a fortuna guardada no cofre.

Conta os minutos de expectativa.
Os minutos que passam e os que restam.
O chumbo da espingarda e os pêlos da barba.

A velhice esconde vestígios de memória,
reminiscências dos tempos de menino
e de pombas azuis nos pátios ensolarados.

Conta as folhas derrubadas das árvores
mais altas pelas rajadas do outono.
As artérias e vértebras dos mármore.

Conta os minutos dos dias e das noites.
Conta as batidas do pulso. Marcas
do ritmo da vida e da morte.

Conta as contas do rosário do amor.
Conta as velas que se apagaram
no bolo de aluguel do último aniversário.

PROMESSA

Não serei o menestrel
de um planeta do futuro.
Serei o olhar que semeia
nos intervalos da morte.

Serei, talvez, o poeta
de um momento provisório
onde as coisas acontecem
num compasso de relógio.

Não serei o testemunho
de um rebanho sem memória
empurrado pelo vento
para os detritos da história.

Não serei jogral do acaso,
das bombas que o homem faz.
Serei jogral que afugenta
o espectro do capataz.

Não quero ser o poeta
de um mundo contraditório.
Das tramas e das mentiras,
das perguntas sem resposta.

Serei jogral dos minutos
que tecem a malha do mito.
Não serei o que se move
por um mundo dividido.

Serei o que acorda o povo
para os comícios na aldeia.
O que traz água do poço
para os mortos que têm sede.

NUVEM ENAMORADA

A nuvem dilacerada pelos falcões se enamora
de mim, reles poeta à deriva das reminiscências de Deus.
Os falcões devaneiam no céu sob
uma chuva de meteoritos e relâmpagos.
Nada sei do que se passa na dinastia dos trovões.
Sou apenas uma fantasia de espuma e areia
acariciada pelos dedos da morte.

O universo esmaga todas as minhas utopias.
Os cachorros ladram nas esquinas da minha sombra.
São mais reais do que os meus devaneios,
as minhas perplexidades, os meus deslumbramentos
metafísicos. A vida é apenas o que se esfarela,
o que se acaricia na palma das mãos.

O poeta é um átomo da grande constelação que incendeia
os mundos e suas órbitas de fogo. Os falcões
e os anjos se afofagam nas avenidas do tempo e do espaço
curvo. A nuvem dilacera o homem que semeia
idéias e palavras em memória dos deuses clandestinos.
O homem apodrece sob as frondes ensolaradas
dos hexâmetros de Homero.

PÊNDULO DO CAOS

Sou o pêndulo de um relógio
sem pêndulo. Oscilo com o vento
que despeta a fugacidade dos pássaros.

Sou o pêndulo de água
da matéria em movimento
para as orgias da lápide.

Sou o pêndulo do caos
e da bússola das naus que arderam
aos olhos dos muros de Tróia.

Sou o pêndulo do abismo
que ressoa. O pêndulo
de uma eternidade provisória.

Sou o pêndulo da sensualidade dos pêssegos.
Acompanho a diáspora das Plêiades
até que novo apocalipse aconteça.

ANTÍPODA

Não serei o que vai ao pódio
buscar seu ramalhete de medalhas.
Serei o antípoda.
O que semeia vespas e controvérsias na platéia.

Não serei o que chega primeiro
ao ágape do velório.
O que beija as rosas de plástico
com dissimulado asco.

Não serei o que pranteia em público.
O que soluça estando bêbado
qual domador de áspides.

Não serei o que escreve uma ode
antes de subir ao pódio
ou de ser vaiado pelas gralhas das lápides.

POEMA RADICAL

Não escreverei poemas para os déspotas
que semeiam ódios.
Não dedicarei rimas aos que escondem mísseis
dentro das retinas.
Não escreverei poemas para os genocidas
nem os seus enfisemas.
Não escreverei sonetos para os que explodem
meninos nos guetos.
Não farei necrológios para os que trapaceiam
nas cartas e negócios.
Não escreverei versos para os robôs do Pentágono
que têm pilhas no sexo.
Não escreverei elogios para o incêndio de Roma
nem para o rei Herodes.
Farei algumas rimas para as adolescentes
de todas as Hiroximas.
Farei um diadema de conchas do Tâmis
para a rainha Ana Bolena.

INVERNOS

Os invernos dissolveram a memória
das casas, a insônia
das paredes e das fotografias.

Expulsaram as borboletas dos olhos
dos espelhos. Apagaram
dos lençóis os vestígios de luxúria.

Chegaram dos vales e das patas
dos cavalos. Trouxeram
aromas de chuva e de madressilvas.

Expulsaram os pássaros do covil
das serpentes. Acordaram
rãs e sapos dos tempos do dilúvio.

Apagaram os epitáfios
e vogais de bronze da calvície
dos mármore e dos outonos.

ÁRIDO ARADO

Na terra escura da cor de petróleo
rasteja o arado com a luxúria
de uma áspide no cio.
Parece um lagarto expulso do esconderijo
onde há milênios hiberna.

A cauda do arco-íris incendeia o arado.
Pássaros tocam flauta nas ramagens
do vento. Novilhos dardejam
ao sol de abril. Ruminam lerdamente
espigas douradas de uma lavoura invisível.

O arado tem caninos de aço
que trituram os ossos e a plumagem
das árvores e dos mármore.
O tempo dissolve o arado em pólen de formigas.
Vestidas de noiva, cigarras declamam
versos metálicos sem metros e sem rimas.

PÊNDULO

Pêssegos maduros
os minutos despencam do pêndulo.
As horas são rebanhos de algum pastoreio
de meninos extraviados.
O pêndulo não pára.
Jogral do espaço e do tempo
vai tecendo a mortalha da eternidade.

MENINOS

Os meninos ficaram sem arroz
(meninos esmagados pelos mísseis).

Os meninos chamaram pelas mães
e lhes pedem brinquedos e carícias.
Os meninos fugiram das granadas
dos campos semeados de explosivos.
Desenterraram bombas do tamanho
dos ovos dos maiores crocodilos.
Os meninos chegaram muito tarde
os meninos tiveram muita sede
os meninos sentiram muito frio.
Os meninos são filhos de leopardo
abrem fendas e escrevem na parede
odes de insônia para um deus sombrio.

TECELÃS DE DEUS

Tecelã de Deus, a pequena aranha
Constrói a teia com fios de prata.
Se destruída pela chuva e o raio,
Refaz a trama com destreza inata.

Ao sol das tardes, nas manhãs sem nuvem,
Fazem canções sem precisar de rimas.
Por avenidas de cristal passeiam
Essas irmãs de deusas dançarinas.

Rivais, sem o saberem, de Penélope,
Fazem rendas de seda para blusas.
Proletárias de reinos encantados,
Não são contemporâneas das Medusas.

Nada sabem de Marx e outros filósofos,
Do mito do poder pelo trabalho.
Passam dias inteiros em seu reino,
Cravejado de pérolas de orvalho.

CERTO VERÃO DE BESOUROS

Em certo verão de besouros,
andei a vagar pelos ermos.
Voz de arauto me sussurrou
uma canção para os enfermos.

Essa voz veio das alturas,
das copas das mais altas árvores.
Súbito, a tarde ficou branca
da cor das artérias dos mármore.

Em certo verão de espaventos,
meu pai subiu por uma escada.
Os degraus não eram de pedra
nem de granito nem de prata.

Quando lhe falei sobre a morte
(algo além das nossas intrigas),
respondeu-me que as minhas dúvidas
são certas para as formigas.

Em certo verão de besouros,
me achei a pensar sobre o amor.
Um pássaro zombou de mim,
seduzido por uma flor.

ODE AO NARIZ DE CLEÓPATRA

Cleópatra VII, célebre por sua beleza, reina sobre
a dinastia do Egito. Restaura o poderio
da pátria das pirâmides com tamanho esplendor
que deixa inquietos os nobres de Roma.
Casa-se com dois de seus irmãos, teve um filho
com Júlio César, veio a morar perto
de Roma, regressando a Alexandria após o assassinato
do imperador romano.

Seduzido por Cleópatra, Antônio, senhor do Oriente,
concede o título de rei aos três filhos da rainha
e anexa algumas províncias de Roma
ao reino do Egito. Otávio, novo imperador romano,
declara guerra à monarquia egípcia.

Derrotada, Cleópatra e seu amante fogem para
o Egito, onde praticam o suicídio.
Reza a lenda que a soberana escondera uma áspide
no seio para trocar o reino do Egito
pelo reino da morte.
Afirma Pascal que o nariz de Cleópatra,
se um pouco menor, teria mudado a face do mundo.

BAÚS E ATAÚDES

A Gerardo Mello Mourão

Em baús recobertos de couro aveludado
de novilho, as noivas guardavam,
a sete chaves, os seus enxovais de cambraia,
lençóis bordados e peças íntimas.

Os baús recendiam a flores silvestres,
a pecado e sedução. Rendeiras da mais alta
linhagem trabalhavam dias e noites
para mudar o linho numa reliquia dos deuses.

À luz de candeias a querosene,
sob a fumaça de cachimbos de argila,
as velhas Penélopes entrelaçavam as teias do amor
para a volta de Ulisses da guerra de Tróia.

Baús de couro aveludado de novilho
com as maiúsculas das noivas desenhadas
em alto-relevo. Baús de jacarandá perfumado
pelos aromas sensuais da selva amazônica.

Baús dos tempos do arco-da-velha
onde se guardavam escrituras e reminiscências
de um sonho barroco que evaporou
sob o clarim dos galos, em madrugadas coloniais.

Baús são barcos naufragados numa praia deserta,
outrora visitada por fantasmas de gaivotas.
Talvez formas rudimentares de ataúdes
onde tentamos esconder pecados e remorsos.

ATÉ O CÉU

À memória de Fausto Cunha

A morte nos visita
em seu cavalo de Tróia
às primeiras rajadas do vento.

Ao ranger das aldravas
a morte nos golpeia
às primeiras rajadas do vento.

Ao tropel dos cavalos,
ao som do cio das éguas,
às primeiras rajadas do vento.

A morte nos espreita
nas esquinas da memória
às primeiras rajadas do vento.

Aos arrulhos das artérias,
ao som das cordas do amor,
às primeiras rajadas do vento.

A morte vem das galáxias
em seu veleiro de espumas
às primeiras rajadas do vento.

Esse pássaro do Tártaro
vem das entranhas das eras
às primeiras rajadas do vento.

As feras para as cavernas.
Até o céu fecha as portas
às primeiras rajadas do vento.

BALADA PARA UM BARDO BARBUDO

Elogio para Walt Whitman

Teus poemas são largas avenidas
que se bifurcam na alma e em nossa pele.
Nos vastos horizontes dos teus versos
deságuam rios de espumas amarelas.

O Mississippi irriga os nossos mortos,
lavouras de centeio e de palavras.
Veia onde circula o sangue da América,
que se mistura ao sangue das baladas.

Semeias folhas de relva nos túmulos
dos ancestrais. Às vezes, pastoreias
o vôo rasante dos falcões em chamas,
nas tardes promulgadas por sereias.

Celebras os prodígios do universo
e a sensualidade da matéria.
O anzol do vento, a cauda das baleias,
as plumas do mar e as folhas de relva.

As baleias do Ártico e do Pacífico
quando regressam dos confins do Atlântico
e semeiam nas águas mais profundas
as notas mais pungentes do seu cântico.

Celebras a pluralidade das coisas,
as volúpias do corpo e dos sentidos.
O amor que move o sangue e seus satélites,
o balido da infância e dos cabritos.

Seres que voam, seres que rastejam
nos pântanos da insônia e nos esgotos.
As almas dos que partem, dos que ficam,
ao luar de setembros e de agostos.

Seres que hibernam dentro das cavernas,
seres que emigram para novos climas.
Seres que se governam pelos astros,
homens-robôs que espreitam nas esquinas.

Os que vivem nos campos, nas aldeias,
os que escrevem legendas e epitáfios
nas lápides. Os mágicos dos circos,
os tigres dançarinos da Malásia.

Os que fugiram para os arrabaldes
com seus ursos, seus gatos e seus vícios.
Os que tiveram morte repentina
ou foram dizimados pelos mísseis.

Os que amaram mas foram infelizes
ou dormiram na lama das sarjetas
ou morreram nos campos de explosivos
ou apodrecem dentro das gavetas.

Os jograis que não foram aplaudidos
pelos heróis do povo e pelos críticos.
Não foram sábios nem tiveram glória
nem declamaram versos metafísicos.

Os marujos de barcos naufragados,
os que partiram sem deixar notícias.
Os que foram para a guerra de Tróia
num cavalo sonhado por Ulisses.

Celebras os arranha-céus de vidro
da América, a Estátua da Liberdade.
A tocha erguida para o céu dos negros,
em noites de granizo e tempestade.

As torres de cimento e as torres de aço
que dardejам nos céus de Nova York.
Lâmpadas e mais lâmpadas nos vértices
de um mundo seduzido pelo gótico.

És da raça dos nômades que ouviram
canções de amor no alvorecer da América.
Pastoreias as águias nos penhascos,
o despertar dos tigres e panteras.

Todos os homens do planeta.
As mulheres que amamentam as noivas.
As moças e rapazes que se tocam.
Os velhos que ainda semeiam todas as noites.

Os artistas do povo que trabalha
e constrói o alicerce das metrópoles.
Toda essa humanidade de formigas
que sonha e se embেbede em Nova York.

Toda essa assimetria que protesta,
nossos dilemas, nossas incertezas.
Todos esses acordes que ainda arrulham
são de pardais nas torres das igrejas.

A Liberdade em todos os seus ângulos,
a Liberdade em todos os seus prismas.
A Liberdade acima das retóricas,
a Liberdade isenta de cinismos.

A Liberdade em todos os recintos,
em todas as ladeiras e declives.
A Liberdade aos ventos do armistício,
a Liberdade a salvo das intrigas.

Cantas a terra e as formas transitórias
das mulheres, dos homens e dos tigres.
As vértebras das águas e do fogo,
os falcões exilados no arco-íris.

As estações que mudam de plumagem,
os pássaros que mudam de gorjeio,
as serpentes que mudam de epiderme
como se troca o adorno para o seio.

As lavouras de trigo e de centeio,
as plantações douradas de legumes.
Os aromas dos vinhos nas adegas,
as garrafas mais negras do que os pumas.

Visitas as cavernas dos morcegos,
as mansardas dos ratos e dos partos.
Acendes os pavios das candeias,
cobres de relva os ovos dos lagartos.

Não te afligem problemas metafísicos.
Nos imponderáveis não te insinuas.
Quando vais a passeio, testemunhas
“cartas de Deus” dispersas pelas ruas.

O parteiro faz o parto. Decides
onde enterrar o ouro da placenta.
A mulher já não sofre nem reclama,
toma o filho nos braços e o amamenta.

Sobes os degraus de escadas de pedra,
onde encontras “cachos de eras”. Cachos
de todas as vides. Vais às colinas
para dizer teus versos aos riachos.

Passa a derradeira nuvem da tarde,
espera por ti numa das esquinas
do abismo. Essa nuvem te seduz com
seu colar de ciganas dançarinas.

Falas às almas de homens e mulheres
que te azucrinam com perguntas ávidas.
Vais às tribos dos nativos do México,
ofertas madrigais aos caras-pálidas.

Recolhes flechas e cantos tribais,
tambores de guerra, plumas e máscaras.
Provaste dos licores dos indígenas
nas taças negras das argilas ásperas.

Regressas às cavernas dos morcegos,
que se governam por sutis manobras.
Percorres as planícies onduladas
como o dorso das ondas e das cobras.

Dizes que a vida é feita de estilhaços
e fragmentos de todos os minérios.
Que as leis da morte não distinguem castas,
são iguais para os homens e as mulheres.

Os bons e os maus, os heróis, os covardes,
os monarcas e herdeiros dos monarcas.
Príncipes, rufiões e messalinas:
– todos serão comidos pelas gralhas.

“Rápido o trote rumo ao cemitério”,
à sombra de vetustos castanheiros.
Numa tarde de chuva ou de granizo,
os braços musculosos dos coveiros.

Admiras matemáticos, filósofos,
mestres versados em pesquisas quânticas.
Sabes que as funerárias se divertem
com nossas futilidades românticas.

Caixões de cedro de primeira classe
ou de segunda – nada disso importa,
se o corpo se transforma em filamentos
para a fabricação de celulose.

Pois todos morrem, todos apodrecem
num caixão de primeira ou de segunda.
Descendemos da escória primitiva,
fecundada nos úteros da espuma.

Se essas verdades todas nos ensinam
nos livros, nas escolas ou nas lousas,
teus cantos serão lidos nos palácios
ou nos esconderijos das raposas.

Baniste as rimas e todos os metros.
Todas as formas de domar o tigre
que espreita nas veredas do poema.
E abriste as portas para o verso livre.

O verso incandescente dos profetas,
o verso rebelado dos vassalos.
Verso que afaga a vértebra flexível
dos garanhões gerados por centauros.

Deus é o cristal duma energia cósmica,
o tecelão de inumeráveis fios.
Amamenta a linhagem dos primatas
desde a infância dos mares e dos rios.

Os teus versos celebram densidades
e transparências. Baladas arcaicas
e modernas. Consensos, paradoxos.
Os que plantam na rocha os estandartes.

Não desdenhas do amor das prostitutas,
vais ao enterro dos jograis da aldeia.
O que amola os punhais da irreverência
aplaude os espantalhos na platéia.

Os falcões da América, em vôo rasante,
rememoram teus cantos e rapsódias.
As canções que escreveste nos cadernos
nos galpões dos robôs semeiam tochas.

Teu canto libertário ainda ressoa
nas cidades, nos campos, nas adegas.
Nos redis das ovelhas e das vacas
que pastam lendas e folhas de relva.

“Quando as noites de tédio terminarem”,
e os dias forem longos como os séculos,
seremos conduzidos numa barca
para um solar de deuses diabéticos.

Os mortos são palpáveis quanto os vivos
que escrevem odes, tangos e sonetos.
Ensinas que o indivíduo é mais complexo
que o fluxo das marés e dos planetas.

Falcões emigram dentro dos teus versos
pelas rotas do sangue e das artérias.
Sangue que irriga os nossos movimentos
de primatas polidos pelas eras.

Teus versos são lembrados pelos velhos
rapsodos, nos intervalos dos vinhos,
quando as taças e os lábios dos amantes
se tocam febrilmente para os brindes.

Poesia Inédita II

A fruição da beleza não é obra do acaso.
É tão inevitável quanto a vida, tão exata
e perpendicular quanto a gravitação.

WALT WHITMAN

ODE AO COMPARSA DA ROSA

I

Semeador do riso e da esperança,
do riso que inunda as bordas das palavras.
Um anjo te equilibra nos trapézios da infância,
onde nos pastoreias, solidário e eterno.

Ó demolidor de mitos e de máscaras,
dançarino das nossas ilusões.
Tua boca nos ensina os dialetos da paz,
os madrigais que escreves com a tua bengala.

As platéias te acenam com os lenços bordados
de súplicas. Tuas palavras têm o sabor dos pêssegos.
Lembram os pães acabados de sair do forno.

Teus gestos arrulham como as asas das pombas.
De teus dedos brotam rosas vermelhas.
Acordas as madrugadas para as núpcias do povo.

II

És namorado da florista cega,
o mais gentil dos mendigos de Londres.
Na lapela surrada da casaca,
nódoas de vinho e restos das almôndegas

surrupiadas dos balcões dos árabes.
Dormes nas avenidas, nas estátuas
dos heróis, nas calçadas das igrejas.
Mas não perdes as maneiras fidalgas

de Quixote londrino. Também lutas
contra a injustiça e os moinhos de vento.
Também cortejas leides emplumadas
com teu chapéu de mágico ao relento.

Também carregas, dentro da cartola,
pombas que arrulham por um mundo novo.
Palavras que incendeiam e nos convidam
para o enterro dos déspotas do povo.

Ó sócia do Quixote, aventureiro
expulso dos palácios, das ribaltas.
Teu Rocinante, esse cavalo eterno,
pasta a nossa tristeza e as madrugadas.

Te equilibras nos vértices do sonho
mais alto, ó trapezista de mendigos.
Zombas de aventureiros e fidalgos
com o mais devastador dos teus sorrisos.

Teu paletó, mordido pelos cães,
teu corpo, fustigado pela chuva.
Tuas mãos, que semeiam a liberdade
mas não conhecem o afago de uma luva.

Pastor da liberdade e da esperança,
tu mereces todas as nossas odes.
És o que traz notícias do armistício,
de um mundo sem fronteiras e sem ódios.

III

Foste expulso de West End
pelos cães das elites.
O mármore em que dormes
à sanha dos mosquitos.

Os cães enfurecidos
comeram tuas calças.
Até mesmo os vestígios
dos compassos das valsas.

Ó rei em Nova York,
em Roma, em Liverpool.
Múltiplo em todas as partes.

Teu riso expulsa a morte.
O teu bigode azul
de Pedro Malasartes.

IV

Chaplin espera nas esquinas
pela namorada cega.
Compra uma rosa do Cairo
para uma blusa amarela.

Vai aos subúrbios de Londres
pisa na lama e escorrega.
Seus passos de vagabundo
nas cordas da tarantela.

Chaplin e o garoto órfão
almoçam restos de arroz.
Dormem juntos nas estátuas
fazem xixi nos heróis.

Descendente de espantalhos
usa vistosas gravatas.
Vai ao motim dos palhaços
que envelhecem nas ribaltas.

Vai ao barbeiro do rei
polir o riso e os bigodes.
Dança valsas com princesas
bolina as noivas dos lordes.

V

Artesão do riso e da pantomima,
espantalho enfeitado de Arlequim.
Tu vens dos arquipélagos da infância
onde o rei dos palhaços é um pinguim.

Vens dos becos e vielas de Londres,
das fanfarras de algum circo mambembe.
Em noites de estupor nos pastoreias
à luz dos lampiões de querosene.

Vens dos bordéis onde se vende o amor.
Do Tâmis ancorado em maré alta,
seduzido por águas dissolutas.

Em Hyde Park roubas uma flor
para alegrar as velhas prostitutas
e os palhaços expulsos da ribalta.

VI

Tuas botas de operário
dos tempos modernos,
reduzidas à escória
por êmbolos de ferro.

Tuas roupas e as luvas
de matéria sintética,
transformadas em caldo
de uma sopa dietética.

Teu corpo de amianto,
sugado pela máquina,
despenca numa esteira
lambuzado de pátina.

Engrenagens te empurram
para dentro de tubos
de plástico. És agora
o melhor dos adubos

para orquídeas e papoulas
dos jardins dos milordes.
Semeias o imprevisto
à flor dos episódios.

Palhaço de Whitechapel,
zombas da vida ingrata.
És o filho bastardo
de um certo aristocrata.

Jogral e vagabundo
de um mundo sem fronteiras.
Galopas num centauro
que pasta nas estrelas.

VII

O teu viralata
dorme num catre
enquanto mastigas
bifes de sapato.

Na úmida Londres
rondam fantasmas.
Teu cachorro sonha
com bifes na brasa.

Bifes pelo chão
bifes na grelha
bifes nos compassos
da tarantela.

Teu cachorro sonha
com bifés de alcatra.
Lordes e milordes
comem bifés de prata.

Bifés de novilhas
testículos de touros.
(Vassalos do rei
só comem besouros.)

O vento estraçalha
teu sórdido gorro.
A casaca fede
a mijo de cachorro.

As pulgas te sangram
porém não te alarmas.
Na lúgubre Londres
rondam fantasmas.

VIII

Ó amado dos deuses,
tu não envelheces.
Teus gestos, teu riso,
teus dedos, teus dédalos.

Teu andar de mágico
que perdeu o emprego.
Teus sapatos rotos,
teu bigode preto.

Na boca, uma rosa,
um riso e seus gumes
de faca e metáfora
com que nos deslumbras.

Na tasca do árabe
tu roubas almôndegas.
Não perdes a pose
dos lordes de Londres.

Na hora da valsa,
de casaca preta,
vomitas na saia
da velha condessa.

O riso se alastra
por todos os cantos.
– Um riso que escorre
de esgotos urbanos.

Dormes num aquário
de peixes de vidro.
Jogral na ribalta
expulso do exílio.

A cartola arcaica
roubada de um lorde.
O corpo franzino
na casaca enorme.

O nariz de argila,
teu riso de prata.
A rosa espetada
no espinho do lacre.

O tempo rasteja
nas tumbas, nos mármorees.
Permaneces jovem
como as grandes árvores.

Ó amado dos deuses,
algoz dos tiranos.
Teus dedos, teus dédalos
e o mito que amamos.

IX

Bengala de Carlitos
pavio de estopim.
Tu andas pelas ruas
com plumas de Arlequim.

Ó bengala encantada
que adivinhas os fatos
e transformas em ágape
os cordões dos sapatos.

Ó bengala de mágico
e de todas as épocas.
Mandas rosas de escárnio
para o enterro dos déspotas.

Teus sapatos rasgados
vão aos bailes de Londres
e cospem nos bigodes
de condes e viscondes.

Bengala que passeias
entre risos e lágrimas.
Roubas leite e pudim
dos gringos e dos árabes.

Bengala de palhaço
vaiado nas platéias.
Sonhas nos viadutos
com os seios das sereias.

Bengala de Carlitos
teu andar de pingüim
atravessa as galáxias
do universo sem fim.

X

Pela liberdade que semeias
 pelo riso que remove o limo das estátuas
 pelo teu destino de andarilho
 pelas metamorfoses do teu bigode azul
 pelo ridículo que se alastra como erva daninha
 pelos mil rostos que espreitam
 pelas almôndegas que escondes entre os dedos
 pela volúpia com que as devoras
 pelo humor que goteja de tuas pálpebras
 pela destreza com que te manténs no topo do prodígio
 pela vida de cachorro sem eira nem beira
 pelos botões roubados da casaca
 pelas utopias esmagadas em Hyde Park
 pelos teus sapatos mutilados
 pela astúcia com que coses a seda do monólogo
 pelo sarcasmo da rosa na lapela
 pela tua imersão nas encruzilhadas do futuro
 eu te saúdo humildemente.

COM PERMISSÃO DE CAMÕES

Para Sânzio de Azevedo

Seduzido por Raquel
 foi Jacó, pastor de ovelhas.
 Mas, ao cabo de sete anos,
 Labão confessa às estrelas
 que vai mudar os seus planos.

Em vez da bela pastora,
 que ofuscava a luz do dia,
 Labão entrega a Jacó,
 pelas caladas da noite,
 a herdeira chamada Lia.

Jacó pondera a si mesmo
que há sete anos pastoreia.
Mas o destino, esse bruxo,
troca a pastora mais bela
pela pastora mais feia.

Não tendo a posse daquela
que exala a essência da murta,
pergunta aos raios da estrela
se tanto amor vale a pena
para uma vida tão curta.

LENÇÓIS AMARGOS

Sou o que oferece migalhas aos cachorros famintos,
aos cães fulminados pelas flechas da noite.
O que adormece à sombra dos fantasmas nas esquinas
dos bordéis. O que invoca os domadores
de tempestades e espera a vinda das gaivotas suicidas
que emigraram para as catacumbas do Ártico.

Sou o que organiza a diáspora dos mendigos,
o que toca de leve nos seios das noivas e segura as caudas
de seus vestidos de cambraia. O que acorda
os pescadores das aldeias, os seus rebanhos de ovelhas
e escreve as canções mais límpidas em louvor
de suas ânforas abarrotadas de leite.

O que se governa pelos movimentos da Ursa Maior,
pelas órbitas das estrelas mais distantes
pelo esplendor dos anéis de Saturno
que incendeiam as esferas.

Sou o fabricante de ataúdes para os suicidas
e os desamados. O que tece o pano áspero das mortalhas
de algodão para os que não tiveram acesso
aos ágapes do sonho e do amor.

Meus ombros já vergaram sob o esqueleto de bicicletas
quebradas, das nuvens do céu e dos relâmpagos do mar.
Já fui vigia noturno num bordel de prostitutas
e arlequins. Já dormi sob lençóis amargos
e os aromas pervertidos da luxúria.

Sou o que alimenta os cavalos negros da quadriga.
O que adormece nas esquinas da madrugada
para ouvir a serenata dos cachorros.

FRAGMENTOS

I

As nuvens são namoradas
dos anjos e dos falcões.
Fragmentos de lã dos rebanhos
de cabras que pastam a relva das estrelas
nas encostas da eternidade.
Restos de novelos com que Penélope
tece a túnica de Laertes e a volta
de Ulisses da guerra de Tróia.

II

Os cães da madrugada
ladram nas esquinas
da minha sombra.

III

A jovem índia
não sabe que o beijo
é a romã da língua.

IV

O universo esmaga
todas as nossas utopias.
O homem apodrece sob as frondes
ensolaradas dos hexâmetros de Homero.

V

A vida não é um banquete de trutas.
Se a terra esquenta com os gases
que transformam o oxigênio em cicuta,
seremos pulverizados
pelas labaredas do efeito estufa.

VI

Os olhos do amor enxergam
de longe o que se não vê de perto.
A sombra da águia que semeia alvoradas
no horizonte aberto.

VII

Enquanto a relva dos séculos
cresce à luz da clarabóia
e a sensualidade nos rumina,
a morte nos arrebatada
em seu cavalo de Tróia.

VIII

Costumava ir à igreja
para sentir o cheiro do incenso
nas brasas dos turíbulos.

Aquele odor de velas e de altares
grudava no corpo e na alma,
nas rugas das paredes e dos mártires.

Era como flutuar no limbo.
Como se o Deus da chuva e dos raios
também fumasse cachimbo.

IX

A gente anda como se fosse
arrastado por uma onda.
Como se as breves rondas do amor
acabassem em curvas redondas.
Como se fosse possível
não ser devorado pela anaconda.

X

O sexo não é tudo:
nem a seda nem o veludo.
Não é o que todos pedem às portas
do éden. Um pórtico de Leonardo da Vinci
por onde se entra no paraíso.

XI

É verdade que os pássaros
não precisam de alvará
para trafegar nas rodovias do céu.

Flutuam em qualquer lugar.
Alguns até fazem amor em pleno vôo
sem que Deus nem ninguém se importem com isso.

Apesar de todo esse aparato,
podem ser engolidos pelas turbinas
de algum avião a jacto.

XII

Passou a vida inteira
fabricando tijolos
para os arranha-céus dos outros.

Tijolos vermelhos,
tijolos raiados de amarelo
como os girassóis de Van Gogh.

Ao morrer da síndrome do mel,
já não pagava o leite dos meninos
nem as contas do aluguel.

XIII

A máquina do corpo é mais complexa
do que a máquina supersônica.
Tamanho prodígio acaba
nos depósitos de lixo atômico.

XIV

A gente se deita com a mulher que ama.
Morena de Angola, dançarina
em Luanda. Sensualidade de pantera,
maciez de urso panda. E acorda
mais tarde com um míssil na cama.

NAQUELE TEMPO...

Naquele tempo
À flor da pele
Jograis semeiam
Versos de Homero.

Tempo de Iagos
Bruxos e Otelos
Das dançarinas
Em seus trapézios.

Ricos de outrora
Herdavam bodes
Éguas, fantasmas
Léguas de abrolhos.

Naquele tempo
Buquês de estrofes
Ardem nas chamas
Do purgatório.

Faunos e espelhos
Seduzem moças
Com serenatas
Todas as noites.

Sombras de abutres
Sobre as cornijas
Lordes de luto
Por nossas vidas.

Naquele tempo
Os olhos das vacas
Pastam relâmpagos
Sobre as estacas.

Mortos ilustres
Daquele tempo
À luz de lâmpadas
A querosene.

Naquele tempo
Cordas e acordes
Vão às exéquias
Das nossas odes.

As borboletas
E seus casulos
Semeiam pólen
Nos ataúdes.

Naquele tempo
Dos epitáfios
Com sangue escritos
À flor das lápides.

Flechas e raios
Na luz dos móveis
Entre as raízes
Dos nossos olhos.

Aves de agouro
Sobre os armários
Com três gavetas
Para os cadáveres.

Corujas vindas
Da noite espúria
Rasgam mortalhas
De seda pura.

TRAMA DIABÓLICA

Alguns conhecem Juliana Burgos,
A que se entrega à sombra de um bordel.
Dois irmãos que viviam num subúrbio
Suspiram por esse amor de aluguel.

A história lembra uma tragédia grega.
Três atores num palco sem platéia
Vêm a cair numa cilada negra
Do destino, que às vezes trapaceia.

Enredados nas teias de um dilema,
Os amantes se cercam de evasivas
Para matar o amor que os envenena.

Numa noite de adagas e de augúrios,
De punhais amolados e de intrigas,
Corvos cortejam Juliana Burgos.

HOJE É SÁBADO

Hoje é sábado nos arcos.
Gaivotas fazem seus ninhos
nas rachaduras dos barcos.

Hoje é sábado em Copacabana.
As espumas do mar lembram bordados
de renda da saia de uma cigana.

Hoje é sábado de rimas e remos.
Bandolins tocam serenatas
para as namoradas dos boêmios.

Hoje é sábado no Jardim Botânico.
Orquídeas se despem nas estufas
para um noivado satânico.

Hoje é sábado nas esquinas dos morros.
Mulatas fazem colar de balas
para enfeitar os seus cachorros.

Hoje é sábado de mulata sambista
de porta-bandeiras com seus penachos
de sonhos e serpentinas na pista.

Hoje é sábado no Morro do Valongo.
A morte passeia nas favelas
a foice e o pente de balas no ombro.

CANÇÃO PARA UM TIGRE

Deus dos palácios da floresta,
dourado tigre de Bengala.
Que domador feito de bronze
te pôs nas grades de uma jaula?

Quem modelou teus movimentos,
teus devaneios de cascata?
Quem pôs miragens no teu pêlo,
dourado tigre de Bengala?

Quando te embrenhas pela selva,
semeias reflexos de opala.
Que ovelha dos rebanhos míticos
deu-te a lâ, tigre de Bengala?

Sentes de longe o odor das fêmeas,
teu magnetismo se dilata.
Foste amamentado por Penélope,
dourado tigre de Bengala?

O sol cambaleia no zênite.
Subitamente a luz se refrata.
Teu olfato incendeia as nuvens,
dourado tigre de Bengala?

Com teus caninos de morfina
sangras os cervos e o primata.
Que de atavismos te incendeia,
dourado tigre de Bengala?

Que ciclope veio da lenda
e te pôs dentro de uma jaula?
Quem das alturas te governa,
dourado tigre de Bengala?

RIDÍCULO EM PESSOA

Quando cortejo antigas namoradas
ou me curvo para beijar a mão
de alguma caftina decadente,
– tenho sido ridículo.

Até mesmo quando vou aos funerais
de algum parente morto.
Na hora de ensaiar os ritos dos pêsames,
– tenho sido ridículo.

Quando vou ao cinema da periferia
com veleidades românticas,
confesso que tenho sido
– inexplicavelmente ridículo.

Nas solenidades públicas
ou nos saraus de aniversários.
Na hora de pegar na alça dos caixões,
– sou o ridículo em pessoa.

Durante as missas fúnebres,
meu lenço de cambraia ensopado de lágrimas.
Na hora da ceia ou do brinde...
– A vida inteira tenho sido ridículo.

OP & SEUS FANTASMAS

1

Nos sobrados de Ouro Preto,
conspiram sombras e ausências.
Até os lacaios do reino
arrastam pedras e algemas.

Na Casa da Baronesa,
no Arraial do Ouro Podre,
palavras estranguladas
pelas tenazes da força.

Profetas do Aleijadinho,
a sete palmos do chão,
rezam pelos condenados
salmos de pedra-sabão.

A noite, uma asa de corvo,
pousa em Silvério dos Reis.
Uma sombra desce a escada
entre as grades da Cadeia.

2

Ouro Preto, sob os astros,
faz o inventário dos mortos.
O espectro do Aleijadinho
pastoreia anjos barrocos.

Expulsa a lepra das mãos,
do corpo que não se exaure.
Cinzela pombas e arcanjos
pousados nos candelabros.

Dedos de pedra-sabão,
devastados pela lepra.
Pintam madonas do gótico
com pincéis da Idade Média.

Dedos marcados a fogo
pelos estigmas de Cristo.
Já sonhavam desde a infância
com os pregos do crucifixo.

3

Fantasma de Chico Rei
vem dos pântanos, das sombras.
Os seus passos de leopardo
vão para a Casa dos Contos.

Paredes inconfidentes
falam de insídias e astúcias.
Logo se instaura a devassa
nas entranhas da República.

As asas longas da noite
desabam sobre Ouro Preto.
Marília, rosa da Arcádia,
afaga a lã dos borregos.

Seduzidos por Marília,
que escuta o arrulho das fontes,
galos semeiam fanfarras
pela aurora que desponta.

4

Ouro Preto e seus dilemas,
seus espectros, seus fantasmas.
Seus esqueletos ilustres
nas sextas-feiras de páscoa.

Ouro Preto vai à missa
sob a luz dos candelabros.
Reza salmos pelos mortos
que mineram seus pecados.

Ouro Preto e seus fantasmas
demoram pelas esquinas
até que os sinos de bronze
acordem os galos de Minas.

Ouro Preto se debruça
nas janelas dos sobrados
para ver o Cristo morto
que ainda semeia parábolas.

5

Pela Ponte de Marília,
alta noite, erra um fantasma.
Dizem que a sombra se chama
Tomás Antônio Gonzaga.

Chegam da Casa da Ópera
gemidos de violoncelos.
Corujas velam seus mortos
com silêncios amarelos.

Sussurros de chafarizes
vêm do Alto da Cabeça.
Os ponteiros dos relógios
têm gumes de adagas gregas.

Nas igrejas cor de limo,
sons de algema que se arrasta.
São esqueletos de escravos
nas sextas-feiras de páscoa.

À SOMBRA DOS OLMOS

Filho das áridas glebas estivais
onde só germina a pedra,
não posso escutar a insônia dos rebanhos
à sombra dos olmos.

Não posso ouvir o cântico das vertentes
nas madrugadas salinas
nem o clarim das núpcias dos rouxinóis
à sombra dos olmos.

Não posso decifrar o enigma das bâtegas
que jorram do céu sobre os vales
nem ir de volta por escadas de relva
à sombra dos olmos.

Gostaria de ter nascido numa aldeia
branca, à beira do Douro.
De ser contemplado pelos olhos da amada
à sombra dos olmos.

Se eu me chamasse Antônio Nobre,
pastor das musas nas estradas de Sintra,
talvez pudesse escrever uma ode
à sombra dos olmos.

CATEDRAIS

Pelos vitrais das catedrais
jorra a luz que incendeia as barbas
e estigmas dos mártires.
Anjos barrocos semeiam naves e altares
de arrulhos de pombas.
Sinto-me esmagado pela majestade
e a pompa das catedrais.
Tamanho esplendor me assusta,
dispersa a turba dos meus pecados.
Se entro numa catedral,
sou a sombra de um peixe de plástico
expulso de um pântano para ser
bailarino de Deus num aquário de vidro.

VÉRTICES DE DEUS

As catedrais são pórticos da eternidade.
Monumentos aos semeadores
de perdões, campanários e parábolas.
Memórias de um paraíso
perdido pela sensualidade dos homens.
As catedrais são escadas
de cristal para os vértices de Deus.

NOTURNO DE VILA RICA

A noite põe o seu lacre nas pedras de Vila Rica.
Santos e arcanjos descem de seus pedestais
de mármore. Aves de agouro
pousam molemente nos galhos dos candelabros.
Silêncios têm ângulos de rochas polidas.
Dos telhados de limo despencam
fragmentos de esmeralda e bátegas coloniais.
O espectro de Silvério dos Reis afugenta
a insônia das corujas.
Salmos de pedra-sabão semeiam acalantos
e epitáfios na tumba do Aleijadinho.

II

Detrás das portas e janelas dos sobrados,
fantasmas de azul pastoreiam
reminiscências que se movem na penumbra.
Silêncios arrastam clâmides de veludo
sobre os rastros de sangue dos Inconfidentes.

III

As horas são gotas de bronze
coaguladas na memória de Silvério dos Reis.
Pêndulas de ouro fossilizadas
pelos ácidos do tempo e da chuva.
A cal dos esqueletos ressurge nas paredes
de limo e nas fendas dos remorsos.

UMA ARANHA CHAMADA PENÉLOPE

Uma aranha chamada Penélope
teceu uma teia num galho da árvore
do paraíso com o novelo dourado
dos astros, numa noite de lua cheia
sob as garras do Escorpião.

Sob uma chuva de prata
seus olhos minúsculos de inseto
contemplavam o jorro luminoso das esferas
como se os astros fossem aranhas
da mesma matéria e luminescência dos deuses
que pastoreiam as cobras do Tártaro.

Uma aranha chamada Penélope
sonhava tecer uma teia que abarcasse o tempo
e a eternidade. Uma teia que ligasse
o universo de ponta a ponta, na qual os anjos
pudessem refazer as asas mutiladas
pelos relâmpagos e as legiões
de Satã que passeiam nas pradarias do céu.

Uma aranha chamada Penélope
teceu uma grande mortalha de fios de prata
para as núpcias reais de Ana Bolena.

ORGIA DOS PIANOS

Pianos enlouquecidos tocam valsas de Strauss
e adágios de Mozart. Acordam os esqueletos
das gerações, os cavalos da carruagem
de Ramsés, o Grande, as borboletas
pousadas no sexo de Cleópatra.

Pianos descem das escadarias do Scala
ao som de flautas e clarinetes.
O séquito das Valquírias os acompanha
até os pórticos de cinza de Sodoma
destruída por uma chuva de sal.

Pianos vestidos de casacas
negras vão à ópera da feiticeira Medéia
para o funeral dos filhos degolados.

Aos olhos dos fantasmas do Sena,
e ao som dos tambores de Ravel, pianos
se embebedam nas tavernas de Paris.

E DEUS FEZ A ÁGUA

A chuva fez a maré
a maré fez a concha
a concha fez a pérola
e Deus fez a água.

O vento fez a nuvem
a nuvem fez o orvalho
o orvalho fez a rosa
e Deus fez o vento.

O pássaro fez o ninho
o ninho fez o arrulho
o arrulho fez a aurora
e Deus fez o fogo.

A onda fez o peixe
o peixe fez a escama
a escama fez a espuma
e Deus fez as ondas.

A lua fez o lobo
o lobo fez a matilha
a matilha fez os dentes
e Deus fez as trevas.

O pastor fez a flauta
a flauta fez o rebanho
o rebanho fez o redil
e Deus fez o abismo.

O sopro fez a costela
da costela se fez Eva
Eva inventou o pecado
e Deus fez o amor.

O MITO E SUA TRAMA

Poema com mote de Fernando Mendes Viana

O dia é a plumagem de um cisne,
O cisne é a medula do lago.
O amor é punhal que nos fere.
O mar é um pássaro tombado.

O rei é vassalo da morte,
A morte não anda a cavalo.
O amor é fanal que incendeia.
O mar é um pássaro tombado.

O vinho é um condado de espumas,
Um diamante lapidado.
A taça com que os deuses brindam.
O mar é um pássaro tombado.

O céu é pórtico do abismo
Que atrai o homem e seu arado.
O amor é o azeite da candeia.
O mar é um pássaro tombado.

O vento não é de cristal,
O rastro não é de centauro.
O amor são migalhas do mito.
O mar é um pássaro tombado.

VASTA É A NOITE

A noite é mais vasta do que todos os abismos.
Do que todos os vértices e vórtices
das tempestades e dos relâmpagos.

Mais vasta do que o cântico do Atlântico.
Do que a canção dos afogados do Nilo,
do que a eternidade de linho dos faraós.

Mais vasta do que a palavra apunhalada
na memória dos suicidas. Do que a nostalgia
das velhas dançarinas expulsas da ribalta.

Mais vasta do que o cerne da idéia.
Do que a solidão do profeta
nas entranhas da baleia.

Mais vasta do que o lamento das mães
que enterraram meninos da aldeia,
num cemitério de granadas e de cães.

PÁSSARO SELVAGEM

O poeta não tem ambições,
além de saber que a vida não passa
de plumagem do acaso.
Celebra as núpcias do mar flechado pelo sol
mas não cavalga o centauro das ondas.
Quando muito, pastoreia o redil das espumas.

O poeta é um pássaro selvagem
que incendeia as marés.
Pousa nos mastros dos navios extraviados
em rotas de ninguém.
Um arlequim sem máscaras num carnaval
de serpentinas pulverizadas pelo incêndio de Roma.

O poeta é um pobre-diabo
que rastreia o pesadelo dos outros.
Escreve poemas de amor na superfície das lápides
e coleciona esqueletos de velocípedes.

ANDARILHO DE NAZARÉ

Era um judeu da estirpe de Davi,
pregava aos fariseus e aos insensatos.
Passou quarenta dias no deserto,
morreu na cruz por ordem de Pilatos.

Jovem, confunde os sábios da Judéia,
sabe das leis, decifra as Escrituras.
Por Madalena teve os pés ungidos
com bálsamo. Foi traído por Judas.

Guiados por uma estrela, os reis Magos
O descobriram numa estrebaria.
Entre o balir de cabras e de ovelhas,
a deusa das esferas o alumia.

Era um judeu da estirpe de Davi,
deixou marcas de sangue na memória
dos homens e nas clâmides dos déspotas.
Semeou no deserto a nova História.

Não era legionário do Tetrarca
nem podador das vinhas de Engadi
nem adivinho e escriba da Judéia.
Era um judeu da estirpe de Davi.

SENTIMENTO DO MUNDO

O mundo não é o que pensamos,
é o que nos diz o poeta Carlos Drummond de Andrade,
nascido em Itabira nas Minas Gerais.
Talvez tenha razão. O mundo é um sonho
de bêbado que adormeceu num banco de jardim
e foi esbarrar nas grades da cadeia.

O mundo é o que fazemos das palavras,
do olfato e dos nossos sentidos.
Uma barca à deriva das ondas
onde as gaivotas fazem seus ninhos,
põem os seus ovos e depois
se dispersam pelas rotas dos meridianos.

O mundo não é o que pensamos.
É o que sonhamos de olhos abertos
quando velejamos numa nau para Madragoa
e essas montanhas azuis que só existem nos mapas.

MUNDO CADUCO

Não serei o poeta de um mundo em decomposição.
Serei o poeta de um mundo provisório
onde as coisas acontecem com a velocidade
dos minutos num relógio de areia.
Serei o poeta de um mundo em conflito
com a metafísica das enciclopédias.
Mundo com as entranhas expostas à voracidade
dos abutres. Mundo arquitetado para
as orgias da imagem e a decadência das sensações.

Serei o poeta de um mundo em que as palavras
serão pulverizadas por máquinas de última
geração. Em que os poetas serão trabalhadores
braçais. Pescadores de pérolas entre
as fendas da semântica e a sensualidade das ostras.

Um poeta que se alimenta de peixes e ameixas
e pode até morrer de câncer da próstata.
Serei o poeta de um mundo sonhado por computadores.
Tecnologias abstratas e fragmentos
de impulsos eletrônicos. O poeta de um mundo
em transição para a metalinguagem dos velocípedes.

VOZES DE UM TEMPO MÍTICO

Uma nuvem a galope
volta à infância do ciclope.
No horizonte de neblina
arados semeiam trigo.
Das entranhas da terra
brotam palavras de húmus.
O inverno, deus sonolento,
pasta o feno dos cavalos.
Pássaros de asas molhadas
pousam nos raios do sol.
Enquanto tremem de frio
nas torres ou nas cornijas
sonham rajadas de estios
perto de um campo de espigas.

EPISÓDIO BANAL

Crepúsculos incendeiam cúpulas de arranha-céus
e de catedrais apunhaladas pelo gótico.
Revoada de pombas sai das ruínas e arcadas do Coliseu.
Fontes semeiam no espaço ramalhetes de cristal.
Deusas de seios de limo amamentam
centauros vestidos de arlequim e turistas bêbados.

CEIA DO NADA

Volta-se à terra como se volta
a um campo semeado. Para expulsar
as lagartas e gafanhotos que se alimentam
do pólen das borboletas e dos pássaros.

Volta-se à terra nos braços da mortalha,
de gravata e paletó de linho.
Numa caixa de papelão para calcinhas de renda
e outras excentricidades íntimas.

Volta-se à terra e ao pastoreio das ovelhas
paridas em madrugadas de inverno.
Ou para recolher as entranhas das árvores
fulminadas pelos relâmpagos.

Volta-se à terra para ceifar as barbas
dos avós dos avós. Velar os fantasmas das mães
que amamentaram mendigos e facínoras.
Volta-se à terra para a ceia do nada.

COISAS ESTRANHAS

Coisas estranhas acontecem
neste sábado ensolarado de agosto.
Um menino pedala a bicicleta na cauda do arco-íris
o vento levanta saias distraídas
enquanto dançarinas assassinadas são
jogadas ao mar numa tarde de cavalos-marinhos.

Aviões esfarelam nuvens de meteoros
espalham fragmentos de átomos no azul
da tarde dilacerada pelos caninos dos peixes.
Arlequins cambaleiam na avenida
com suas máscaras de centauros e dragões.
Desenham beijos e gestos de lascívia
para as adolescentes que vão para o cinema
assistir à rebelião dos anjos e dos pássaros
e à morte inverossímil da prostituta Juliana Burgos.

Coisas estranhas acontecem
neste sábado ensolarado de agosto.

POEMA LINEAR

A grande dor das coisas que evaporam
a grande dor das coisas que envelhecem
a grande dor das coisas que germinam
e logo mais são coisas que apodrecem.
A grande dor das coisas que se calam
a grande dor das coisas que se mudam
a grande dor das coisas que se foram
a grande dor das coisas que não voltam.
A grande dor das coisas que não passam
de utopias, das coisas que se ausentam
trocam de pele ou trocam de plumagem.
A grande dor das coisas que se perdem
das aldeias que as bombas explodiram
dos meninos que os mísseis enterraram.

BICHO DA TERRA

Sou um bicho da terra
entre formigas e escorpiões
não pertença às legiões dos páramos.

Continuo a viver na terra
minhas palavras têm sabor de terra
molhada e aromas de chuva.

A terra é a única esquina do universo
onde as pessoas têm encontro
marcado para o funeral dos déspotas.

Não me escrevam epitáfios
em losangos de mármore negro.
Continuarei existindo na memória da terra.

CÂNTICO DAS FLECHAS

As flechas das catedrais góticas
as flechas dos cactos
as flechas das pálpebras das amadas
as flechas de veludo dos lábios das caftinas
as flechas de absinto dos seios.

As flechas do dia quando a claridade
sacode a plumagem de albatroz.
As flechas das retinas do tigre de Bengala
as flechas dos ponteiros dos relógios
as flechas dos novilhos e as flechas da tribo.

As flechas dos olhos das mães que perdem os filhos.
As flechas do mar. As flechas do amor.
As flechas do verso contra os vícios do déspota.

As flechas de Ulisses e as flechas do adeus.
As flechas do cavalo de Tróia. As flechas dos rios
que dilaceram a memória dos afogados.

FIM DOS TEMPOS

A noite está próxima
o juízo final está próximo
a rebelião das marés de sangue está próxima
está próxima a hecatombe dos peixes e dragões do planeta.

Está próxima a cavalgada das matilhas
as grandes sombras do Inferno de Dante estão próximas
está próxima a quadriga dos anjos rebelados
e dos profetas dos derradeiros dias.

O monarca vai morrer de anasarca
os ímpios serão desventrados como se fossem peixes
escorpiões aprisionados em gaiolas de ouro
serão degolados por eunucos.

Nem todos serão convidados para os rituais
e orgias da última ceia, quando
se ouvirão os acordes da Missa de Réquiem
sob a regência do fantasma de Amadeus Mozart.

CAMPO DE TRIGO

Campo de trigo com corvos.
Ramalhetes de alcatra
para a ceia dos cachorros.

Campo de trigo com ciprestes.
Fantasmas incendeiam
suas negras vestes.

Campo de trigo com reflexos.
Palhaços declamam Sófocles
para ambos os sexos.

Campo de trigo com borboletas.
Deusas passeiam nuas
entre faunos e bicicletas.

Campo de trigo com casamatas.
Bombas explodem no hospício.
Ao vencedor as baratas.

Campo de trigo com girassóis.
As barbas dos antepassados,
raízes dentro de nós.

Campo de trigo com centeio.
O fruto mais cobiçado
é o seio do pomar alheio.

ESPOROS & METEOROS

Para Antônio Carlos Osório

Noite ancorada na pedra.
Esporos & meteoros
devaneiam na cisterna.

A plumagem dos galos
incendeia a madrugada
os vales e seus fantasmas.

A noite é uma pantera.
Sangra os cervos distraídos
aos olhos dos vagalumes.

Da torre do campanário
despenca o calafrio
das retinas das corujas.

Aos primeiros raios
centauros e morcegos
se hospedam nas cavernas.

A noite é um crocodilo.
Pasta a medula dos séculos
e os ossos dos faraós.

A claridade dos mármore
afugenta os demônios
para o fundo dos pântanos.

DEDOS E ANÉIS

Tudo seria ótimo
se a bomba não explodisse
na boca do hipopótamo.

O moderno, o arcaico,
num caixão de pinho
ou num saco de plástico.

Mais cedo ou mais tarde,
vão-se os dedos e anéis
e as luxúrias do olfato.

Ao silvo das cobras,
nas tardes de espavento
à terra se volta.

Sob o gume da foice,
partimos a galope
no centauro da noite.

Entre esfinges de areia,
à terra se volta
para a última ceia.

ODE A UMA PÁGINA BRANCA

Ó página branca, ó monte de Vênus das Valquírias.
És o seio de Julieta apunhalado em Verona,
esmagado num copo de vinho do Reno.

A anca ondulada de Desdêmona, o magnetismo
de Cleópatra. O ventre de papiro
das concubinas e profetisas dos faraós.

Página onde Einstein escreveu a Teoria da Relatividade.
Onde esvoaçam adágios de Mozart e os corpos
dos amantes nos desenhos de Picasso.

Nos meridianos da página branca
faunos se entrelaçam. Prostitutas e dançarinas
num madrigal sonhado por Maiakóvski.

OS GALOS E O GÓTICO

Para Wilson Pereira

As esculturas do Aleijadinho semeiam diásporas
nas lajes da noite. Os Profetas percorrem
silenciosamente as ruas de Ouro Preto
sob uma revoada de anjos barrocos.
Galos de Vila Rica cantam nas flechas do gótico.
Seu clamor enche de augúrios a madrugada.

Os olhos dos Profetas são pássaros recém-chegados
expulsos pelo maremoto e as chuvas diluviais.
Os Profetas adivinham as curvaturas da eternidade.
A cidade os contempla dos morros e das casas
de onde jorram inconfidências e traições
das frestas e memória das paredes.

A noite sobe ladeiras.
Corujas rasgam mortalhas na penumbra
dos campanários. Mortos confabulam nas criptas.
A sombra do Aleijadinho ergue-se da tumba.
Os Profetas vão ao encontro da multidão rebelada
sob uma revoada de estandartes barrocos.

TORRE II

eram sete corvos
 eram sete côvados
eram sete versos
 eram sete vértices
eram sete dados
 eram sete dardos
eram sete dedos
 eram sete dédalos
eram sete adagas
 eram sete adegas
eram sete sátiros
 eram sete mártires
eram sete vacas
 eram sete barcas
eram sete remos
 eram sete rêmoras
eram sete ancas
 eram sete âncoras
eram sete potes
 eram sete potros
eram sete éguas
 eram sete léguas
eram sete pêras
 eram sete pires
eram sete demos
 eram sete damas
eram sete amores
 eram sete amoras
eram sete ramos
 eram sete rimas
eram sete sinos
 eram sete sonos
eram sete poetas
 dentro das gavetas.

Poesia Inédita III

Toda a beleza provém de um belo sangue
e de um belo cérebro... E agora a relva parece
a cabeleira comprida e bonita dos túmulos.

WALT WHITMAN



CÓDIGO DA ROSA

I

Código da rosa que desabrocha
no caule do estio ou da primavera.
Rosa que se desintegra no caos
da nossa verticalidade efêmera.
Rosa aberta para as núpcias dos pássaros
e das colméias. Rosa em polvorosa
e levitação. Rosa ao sol da úlcera
dos corpos devastados pelo átomo.
Rosa de Herodes, rosa de Hiroxima
transformada em centauro e cogumelo.
Rosa das rêmoras, rosa dos rumos
e das pedras raiadas de amarelo.
Rosa dos bastardos, rosa dos dardos
que dardejam nos olhos dos leopardos.

II

A rosa nas manchetes dos jornais
dá novo aroma aos lábios da notícia.
Lembra a cavalgada dos querubins
rumo à Cabeleira de Berenice.
As pombas adormecem nos beirais,
as rosas amanhecem nas janelas.
O mito acena em forma de raposa
onde as rosas se afogam nas tigelas.
Rosa que afaga, espinho que magoa
são equações da mesma dialética.
Rosa do asfalto chega da ribalta
e volta à infância numa bicicleta.
Rosa da estrada que não se bifurca
no coração da bailarina turca.

III

Rosa dos metais, rosa dos fagotes,
dos violinos castrados pelas trompas.
Ó rosa dos tambores de Ravel,
colar de adágios de setenta contas.
Rosa dos mouros, rosa das adagas
escondidas nas rugas das ameias.
Rosa que vem do inferno numa barca
remada à noite pelas almas feias.
Rosa da volúpia, rosa das células
à sanha da matilha dos instintos.
Rosa dos cães mordidos pelos dentes
da lepra. Rosa espúria dos bordéis
onde uma esfinge espanca uma cachorra
por causa dos pecados de Gomorra.

IV

Rosa do acaso, rosa de topázio
nascida do galope de um centauro
quando as manhãs do abismo já raiavam
e Teseu trespassava o minotauro
com seu alfanje assírio. Rosa é o mito
sonhado pelos bardos e rapsodos
sob o luar das éguas e das ágoras
e pelos ancestrais dos visigodos.
Rosa é o mito esculpido nas muralhas
de Tróia e nos túmulos de Corinto.
Fios de lã urdidos por Penélope
para os heróis e as clâmides do olimpo.
Rosa é o mito do amor que pastoreia
os mortos convidados para a ceia.

V

Rosa é o mugido das vacas sagradas
que pastam borboletas nas colinas
onde o lenhador enterra seus mortos.
É a língua das vacas que amamentam
os bezerros e a infância das meninas.
O arroio que arrulha. São os seixos
que fazem serenatas para as aves
e madrigais de espuma para os peixes.
O cântico das tardes de novena
nos campanários brancos dos caminhos.
As núpcias das aranhas, dos arados,
das andorinhas e dos andorinhos.
A lâmina do orgasmo, que ressoa
e decepa os brilhantes da coroa.

VI

Rosa é o mito do tempo, que esfarela
nossos mais esquisitos devaneios.
Da vida que se humilha e se abastarda
ou se converte em cinzas de uma vez.
O galopar da mula sem cabeça,
o espantalho sem braços e sem pernas.
As sombras dos ancestrs, refletidas
na pupila azulada das cisternas.
O mito da curvatura do espaço,
a lenda da quadratura do círculo.
Do pêndulo que oscila entre dois polos
mas sempre volta ao ponto de partida.
Rosa é o mito do tempo, que esfarela
até mesmo a carcaça de uma estrela.

VII

Rosa é o mito do tempo, que não volta
e jamais desiste do seu percurso.
É mais veloz que o trote de um cavalo,
deixa marcas mais fortes que as dum urso.
É a vasilha onde se guarda a chuva,
flocos do inverno e a cauda do arco-íris.
O cântico das rãs, esmigalhadas
pelas patas dos centauros de Osíris.
Rosa é o enigma do copo de cicuta,
a serpente enroscada em nossas veias.
O mistério que jorra dos armários
sob a luz encardida das candeias.
Rosa é o mito do tempo. Os intervalos
em que a morte amamenta os seus cavalos.

VIII

Rosa do mito é a tampa da cisterna
que esconde os amuletos do adivinho.
As sombras que se afastam de Virgílio
e se afogam no Tártaro e no vinho.
É o clamor das juritis na sombra
do ingazeiro tombado sobre o rio
onde os peixes têm escamas de pérola,
fazem bolhas de amor se estão no cio.
O atrito da correia da roldana
que parece um lamento em noite morta.
Lamento de andarilho extraviado
sem saber quando parte ou quando volta.
Mapas da Espanha, a espada do Quixote,
que trespassa a retina do ciclope.

IX

Rosa do mito é a nuvem desgarrada
do rebanho que pasta no horizonte
entre os espinhos dos astros. A flauta
dos pastores, a música da fonte
que acorda as madrugadas nas aldeias.
As esporas do galo, esse monarca
que exhibe os seus brasões de prata e cobre
e alegra as concubinas da comarca.
O que semeia augúrios nas lavouras,
as profecias de uma idade antiga
quando os metais dos velhos alquimistas
eram menos amados que uma espiga.
Rosa do mito é o tempo, que nos tinge
da mesma cor das gralhas e da esfinge.

X

Rosa do mito é o sonho que evapora,
o estridor dos metais e das fanfarras.
Os raios da roda ao redor da esfera.
O jorro cristalino das cigarras
nas tardes de mormaço, quando as coisas
se desintegram num torpor de febre.
A coruja esculpida na cornija,
de olhos fitos no aroma de uma lebre.
A morbidez dos pântanos. A fala
e o timbre de gralha das carpideiras.
Sons de bigorna chegam das centúrias
pelas fendas e frestas das paredes.
Rosa é o mito do tempo, que esfarela
a orquídea de veludo e os seios dela.

HORA MÁGICA

Hora de chamar pelos anjos rebelados
e de estancar o pulso dos relógios.
Hora de expulsar as borboletas das paredes
hora de silenciar as torres dos claustros
onde as noviças têm sonhos heterodoxos.

Hora de repartir as sobras dos pães e dos peixes
com os pobres que adormeceram às margens
do lago de Tiberíades. Hora de não
acordar as prostitutas que se esconderam
nas ruínas dos templos desmoronados.

Hora de emudecer os pianos do pânico.
De fazer em pedaços a sensualidade dos déspotas.
Hora de não ranger os dentes para os cães
e as serpentes das águas do Tártaro.

Hora de não cruzar as portas da cidade maldita.
De não olhar para as estátuas de sal
seduzidas pelos aromas do pecado.

CAVALOS DA ESFINGE

Os cavalos da esfinge percorrem
os labirintos das pirâmides.
As patas de bronze deixam marcas de sangue
nos esqueletos dos faraós.
Grandes pássaros negros se agasalham
na memória de limo das múmias.

Abutres de bicos vermelhos
assustam os cavalos da quadriga
dos anjos que perderam a memória de Deus.
Ressonâncias de alegorias barrocas
nos intervalos da eternidade.

Revoadas de morcegos descem
furiosamente das cúpulas das pirâmides
de onde jorram centúrias de limo.
A noite, sósia dos leopardos,
investe contra a sensualidade dos faraós.
Os cavalos da esfinge e suas patas de sangue
regressam às dinastias do caos.

GANSOS DE ALUMÍNIO

Para Abelardo Vasconcelos

Mísseis de todas as formas,
mísseis de todos os lados.
Os mísseis dormem conosco,
sabem dos nossos pecados.

Há mísseis no firmamento,
nas cabeleiras dos astros.
Mísseis rastejam no inferno
como se fossem lagartos.

Caem mísseis das alturas,
a modo de frutos podres.
Esses gansos de alumínio,
feitos das tripas dos corvos.

Nos subúrbios das favelas,
os mísseis andam a cavalo.
Esmagam rosas de pólvora
e as vogais dos epitáfios.

Nas catedrais do barroco
ou nas aldeias das Áfricas,
os mísseis plantam sementes
numa lavoura de lágrimas.

Subitamente desabam
de algum rochedo de Marte.
Seu odor lembra o dos corvos
ou de uma ceia de larvas.

Os mísseis chegam da noite,
ao luar dos candelabros.
Ruminam nossos desejos,
sabem dos nossos pecados.

MEDÉIA E O JUÍZO FINAL

Sinos medievais badalam sem cessar.
Astros se esfarelam. Estrelas sangram.
Anjos e centauros pastam relâmpagos
e ogivas atômicas. Universos
em conflito desabam sobre as pernas
das jovens dançarinas e dos mágicos.
Catedrais de mármore pegam fogo
e são arrebatadas por ventos malignos.
Os veios secam na floresta. Os seios
das mães são taças de vodca. Os vinhos
apodrecem nas adegas. As vacas
amamentam borboletas às vésperas
de novo dilúvio. Noivos desistem
da cópula e os peixes fogem dos rios
e dos aquários. Chove sangue na África
dos meninos sem arroz. Grandes sombras
chamam lugubrememente por Medéia
quando ao ventre da deusa estão de volta
as cabeças dos filhos degolados.

DEMÔNIOS DA PALAVRA

A palavra imita um cofre
fechado a sete chaves.
Tem um demônio que o fecha
e outro demônio que abre.

A palavra é a pele das coisas,
das idéias, dos objetos.
A pálpebra do adivinho,
o impudor dos sonetos.

A palavra está repleta
de tudo quanto é vazio.
Sob a pele das palavras
juras de amor desmoronam.

Palavra não se decifra
na lauda nem na caverna.
Tem uma esfinge por dentro
e outra esfinge na pele.

A palavra é o que sabemos
dos fantasmas de uma casa.
Tem um demônio que fecha
e outro demônio que abre.

VELHO DANÇARINO

O mar é um velho dançarino
que foi expulso da ribalta.
Às vezes brinca de trapézio
nas encostas da maré alta.

Lembra um jogral da Idade Média
quando arrulha para as infantas.
O mar é o centauro de Ulisses,
argonauta de barbas brancas.

O mar é um plantador de vinhas,
pastor de espumas e baleias.
Aquele mouro apaixonado
que amola adagas nas ameias.

O mar é um deus que pastoreia
os fantasmas dos afogados.
Os navios que naufragaram
por causa dos nossos pecados.

Em noites de augúrios e algozes,
o mar é um centauro de prata.
Aquele velho dançarino
que foi expulso da ribalta.

SE OS DEUSES NÃO EXISTEM...

Deuses existem apenas na imaginação
dos poetas. Aos deuses prefiro
o som da flauta e os seios da pastora.

Na ondulada planície pastam rebanhos.
Eu os invejo com toda a pureza e impurezas
da alma. Além da lã com que se enfeita a moda.

Céu e inferno nós os tecemos com a mesma lã
dos acordes. Se os deuses não existem,
por que inventá-los em nossas odes?

A pedra, o lago, a lebre, a montanha são coisas.
E as coisas aprazem aos nossos sentidos
e não foram geradas nas entranhas dos deuses.

Devemos cantar os gansos do Capitólio.
Os faunos e os bodes. Se os deuses não existem,
por que inventá-los em nossas odes?

MORTE DOS CABRITOS

Os humanos imolam seus cabritos
e guardam seus tesouros numa fenda
da parede. Mas os ladrões são sábios,
sentem de longe o aroma da oferenda.

Às vezes dão esmolas aos mendigos,
pensam que o afago lhes clareia o ego.
Que o céu está mais perto do que o Tártaro.
Mas o olho são não basta ao olho cego.

Os humanos são deuses por um lustro,
fumam seu ópio todos os domingos.
Dão de mamar aos mitos e cachorros,
brincam de amor e acendem seus cachimbos.

Acreditam nos demônios de Dante,
nos faraós de todos os Egitos.
Enquanto o mar digere os afogados,
os humanos imolam seus cabritos.

SAPOS DO DILÚVIO

As tecnologias nos inventam,
nos cercam de mistérios e falácias.
Em cada esquina um sábio desmorona.
Somos contemporâneos das galáxias.

Ironizamos o que não sabemos.
Por natureza, os sábios são sarcásticos.
Ao céu se vai por uma estrada única,
à terra se volta em sacos de plástico.

Mal sabemos da máquina do corpo,
do núcleo de uma veia ou de uma artéria.
Descendemos dos sapos do dilúvio,
inventamos a alma da matéria.

A terra nos embala com seus ritmos.
A eternidade é a infância dos planetas.
Os sábios não nos dizem, mas a chuva
foi inventada pelas borboletas.

SOMBRAS & CORVOS

As grandes sombras do florentino
estão no inferno ou no purgatório?
De onde veio a ilustre romaria?
Do tempo eterno ao tempo provisório?

Sombras dos sátiros de Sodoma,
sombras dos déspotas e monarcas.
Onde estão as sombras dos facinoras
que enforcaram princesas e vassallos?

Sombra de Barrabás, libertado
pelos visionários da sarjeta.
De Salomé, que entrega ao rei Herodes
a cabeça barbuda do profeta.

Sombra de Édipo, sombra de Nero,
sombra de Caim, sombra de Judas.
Sombras dos grandes lascivos. Sombras
venais. Sombras das almas peludas.

Sombras de Van Gogh e de Picasso,
sombras degoladas de Canudos.
Sombras espetadas nas estacas
à maneira de uma raça de eunucos.

Sombras de agiotas e avarentos,
sombras dos amantes de Medéia.
Sombras dos marujos seduzidos
pelo canto e os encantos das sereias.

Sombras de Lorca e de Bernarda Alba.
Sombras da Espanha expulsas pelos mouros.
Sombras dos touros vistas das ameias,
ao som sinistro do ruflar dos corvos.

SINOS & ANDORINHAS

Sinos e andorinhas semeiam plumas e arrulhos
nas tardes de samambaias e papoulas
reminiscências destroçadas pelos cardumes do mar.

Serpentes enroscadas sob os pés da Madona
anjos de pedra-sabão pousam nas dobras
dos mantos salpicados de perdões.

Velhos arrastam memórias dos tempos do dilúvio
cachorros ladram preguiçosamente
ao ranger de aldravas e ferrolhos das portas.

Fantasmas sobem os degraus de pedra do adro
vespas e pardais incendeiam o crepúsculo
aromas de incenso e adágios se alastram pelas naves.

Subitamente a noite desce dos outeiros
coágulos de sangue na hora branca do Ângelus.
Os últimos clarões do dia se esfarelam na montanha.

ESPELHO & SOMBRA

O espelho me recorda um lago.
Nenhum rumor, nenhuma onda.
Procuro em vão reminiscências
da minha sombra.

Perde-se a imagem no vazio.
Roça-me o augúrio de uma pomba.
Não vejo a mim. Somente o enigma
da Gioconda.

Meu rosto imberbe de menino
parece um rosto de madona.
Procuro em vão fugir do assédio
da minha sombra.

A escuridão invade o espelho
com seus feitiços de anaconda.
Procuro em vão seguir os passos
da minha sombra.

Borboleta pousa no espelho.
De onde veio? Ninguém responde.
Procuro em vão reter a infância
da minha sombra.

Vem da janela um calafrio.
Rumor, talvez, de ave hedionda.
Procuro em vão ruflar as asas
da minha sombra.

Do negro céu de tempestade
ouço o estampido de uma bomba.
Procuro em vão o molde egípcio
da minha sombra.

TEMPO & HISTÓRIA

A história é filha do hábito,
não se move em linha reta.
Igual ao rio de Heráclito,
a história não se repete.

A história é feita de gestos,
de esquecimento e memória.
Ninguém sabe onde começa
nem como se acaba a história.

A história emerge dos vales,
ao homem não se sujeita.
De silêncios e intervalos
faz-se a morte, a história é feita.

O tempo muda de ritmo
ao solo do clarinete.
Ao som dos passos do homem
a história não se repete.

A história é a messe do homem,
quando se move ou se deita.
Colhe os mitos que semeia
como se fosse uma ceifa.

A história é um rio que vai
da nascente para a foz.
Nesse rio de palavras
nafragamos todos nós.

ONDE COISAS ACONTECEM?

Onde o inferno despeja os seus detritos?
onde os anjos incendeiam as asas mutiladas?
onde os pobres semeiam as urtigas da insônia e da fome?
onde os bêbados pastoreiam soluços e madrugadas?
onde Berenice despenteia a sua cabeleira?
onde o mar pranteia os afogados?
onde os afogados dão adeus a suas almas de limo?

Onde se evaporam os brinquedos das crianças mortas?
os esqueletos de seus velocípedes?
os cabelos encaracolados de suas bonecas?
os olhos de vidro de seus ursinhos de pelúcia?
seus artefatos de espuma? seus heróis de plástico?
o galopar dos cavalinhos do carrossel?
os personagens e objetos do seu mundo encantado?
as bruxas, os saltimbancos, as máscaras dos palhaços?
os saltos ornamentais das jovens dançarinas?
as pombas degoladas pela espada do mágico?
colares e braceletes de pedras falsas sumidos da cartola?

Onde as fotografias das meninas que envelheceram
antes do tempo? das adolescentes que não
tiveram namorados? que morreram de nostalgia
ou de câncer? onde os poemas que não foram escritos?
os déspotas que não foram degolados
da mesma forma que os novilhos e cabritos?
e o pólen das borboletas embalsamadas?
e os aquários de barbatanas azuis?
Onde o mar despeja os mortos e seus detritos?

QUE FALCÃO ADORMECE EM TUA ESPÁDUA?

Que luminosidade te incendeia?
e os mortos estendidos no varal?
Que estrelas apagadas ressuscitam
nos teus olhos de cílios de cristal?

Que belezas de antanho se entrelaçam
no íntimo do teu ser paradoxal?
que zigomas de andróide? que remorsos
te afastam do esqueleto do ancestral?

De que argila as centúrias te modelam?
que divindades te celebram? qual
dos deuses forjou teus movimentos?
que amante esmaga o adeus com seu punhal?

Que alquimista, adivinho ou feiticeiro
moldou teus gestos com volúpia tal?
que as serpentes e as feras do deserto
invejam teu feitiço de animal?

Que falcão adormece em tua espádua?
que espada te golpeia em diagonal?
que albatroz mutilado pelo raio
pousa em teu ombro e acende o teu fanal?

Quem pastoreia as crias das ovelhas
e as liberta das garras do chagal?
Quem, senão tu, poda os brolhos das vinhas
e expulsa os fantasmas da catedral?

Quem decepou as barbas de Moisés?
quem foi espadachim do Santo Graal?
quem regressou do ventre da baleia?
quem não foi pomba exposta ao vendaval?

Que mão semeia o trigo entre as urtigas?
lavra a sentença a golpes de punhal?
Quem, senão tu, vela os brolhos das vinhas?
e os mortos estendidos no varal?

PÁSSARO DO CAOS

O pássaro do caos pousa na minha cama.
Tem garras de abutre e tenazes de águia que habita
nas grutas das montanhas.

O pássaro do caos tem plumas de arlequim
bêbado que despencou do trapézio
e foi vaiado pelos centauros da platéia.

O pássaro do caos é da estirpe
das aves de rapina, que se alimentam
das pálpebras dos mortos.
Tem plumagem de enxofre e asas de salitre.
Seu corpo tem a mesma circunferência
inoxidável de uma ogiva nuclear.

O pássaro do caos pousa nas estrofes
de Dante e nos seios de Beatriz.
Dilacera as lombadas dos códices de Alexandria,
dos incunábulo e das enciclopédias.
O pássaro do caos me observa das cornijas
sob os acordes de uma valsa de Strauss.

MONÓLOGO EM GIZÉ

Por que não me enterraram
nalgum lugar tranqüilo
perto das terras negras
banhadas pelo Nilo?

Já faz cinco milênios
que aos poucos me definho.
Sou resinas e bálsamos.
– Um fantasma de linho.

Meu corpo é de papiro.
Venero o deus-sol. Rá
me protege do inferno
e dos que ardem por lá.

Minha origem remonta
às linhagens mais nobres.
Sou a tumba de bronze
junto ao muro das cobras.

Pesa-me a eternidade,
esse rio sem foz.
Rastejo sob as pálpebras
de limo dos faraós.

Por que não me enterraram
perto dos crocodilos?
Das vacas que dividem
a relva com os esquilos?

OS MÍSSEIS E OS OMISSOS

Os mísseis convivem conosco
em cada fragmento do nosso corpo.

Diz o grego que as flechas de Ulisses
não se bifurcam com as rotas dos mísseis.

Em noites de espumas e barbatanas
os mísseis contemporâneos das ratazanas.

Vou à feira comprar repolho:
um míssil explode dentro do meu olho.

Namorados que vão para Ipanema
levam flocos de mísseis para o cinema.

Os homens de prol, os burocratas
e omissos são mísseis que usam gravata.

Mísseis nos jatos e nos navios
que naufragaram. Mísseis nos rios

perfumados pela sensualidade das noivas
que singram as naus do amor todas as noites.

Na hora da ceia ou do brinde
um míssil de ópio acende o cachimbo.

Mísseis teleguiados por gringos
explodem no céu, aos sábados e domingos.

Raia a madrugada nupcial dos gatos.
Os mísseis põem seus ovos nos retratos.

VESTÍGIOS DO DIA

Para Astrid Cabral

O dia se engalana
para as orgias
do vento e da espuma.
Fustiga os cavalos
dos meridianos.
Até as pedras mudam
de cor e de pluma.

O dia é uma estátua
de orvalho em memória
da deusa da luxúria.
O arrulho dos veios
acorda as formigas
e os fantasmas da catedral.
O dia a galope
atravessa a neblina
dos corpos e das almas
com sua flecha de pérola
ou de ave de rapina.
Parte para toda parte
e a rota dos peixes
num pégasos que se alimenta
da música dos seixos.
O dia é uma teia
de aranha. Uma dança
da vida e da morte.
Fome que não se farta
do mito que não semeia.
São asas molhadas
de abutre pousado
nos olhos dos mortos.
O dia é um tigre dourado
pelo faro da raposa.
O dia e seus pêndulos
de bronze e prata. Ritmos
dispersos das harpas
sem cordas de uma cascata.

MENINO ARCAICO

Apenas um ser dentre os humanos
que andava de bicicleta
nos meridianos.

Apenas os vestígios de um poeta
que colecionava reminiscências
dentro da gaveta.

Apenas o jorro aveludado do instinto
que tentava escapar aos fios
do labirinto.

Apenas a lâmina de cal da memória
que lapidava o verniz
da palmatória.

Apenas a incauta adolescência
fustigada pelo látego
da ausência.

VERSOS AO MAR

O mar são as barbas de Homero incendiadas
pelo fulgor dos cardumes.

Um beduíno à procura de esmeraldas
nos rastros dos camelos.

O garanhão de Átila seduzido pelas
éguas da montanha.

O mar é a taça de ópio do Tetrarca,
a lápide do rei dos hunos.

Faraó cravejado de pérolas, o epitáfio
dos navios e afogados.

O mar é o cavalo de Sardanapalo,
estepe onde os deuses semeiam relâmpagos.

Aquele pássaro fugido das labaredas
do Tártaro, em noites de tempestade e maremoto.

Cordas para adágios e madrigais.

Tarântula de vidro à espera da ressurreição dos mortos.

TORRE III

Para Luciano Maia

Era um cavalo negro
era um cavalo nórdico
era um cavalo em pânico
era um cavalo exótico.

Era um cavalo ao vento
era um cavalo à noite
no dorso do cavalo
centelhas de uma foice.

Um cavalo a galope
no vértice do abismo
era um cavalo em Tróia
montado por Ulisses.

Era um cavalo ao fogo
era um cavalo ao frio
cavalo entre as espumas
das bátegas do estio.

Um cavalo-marinho
fisgado pelo anzol
era um cavalo em chamas
puxava o andor do sol.

Era um cavalo dentro
de um círculo de prata
cavalo predileto
das noivas de um monarca.

Era um cavalo esguio
de origem sarracena.
Mas não era o cavalo
negro de Ana Bolena.

TODOS OS DIAS

Todos os dias somos atropelados
pelos nossos problemas
nossos poemas
nossos dilemas
nossos enfisemas.

Todos os dias escorregamos
na casca de banana
nas curvas e retas da cigana
nos feitiços da baiana
nas dívidas da semana.

Todos os dias tropeçamos
nos degraus do sonho burguês
na gramática do economês
nos que roubam no tabuleiro de xadrez
nas contas do fim do mês.

Todos os dias nos afogamos
na lama das falcatruas
num pântano de muitas luas
num rio de coxas nuas
que se entrelaçam nas ruas.

APOCALIPSE OU DISCURSO DAS SOMBRAS

Ó andarilhas sombras
das noites decapitadas
pelas asas das pombas.

Ó sombras inquilinas
das trevas. Foices de átomo
ceifam novas Hiroximas.

Ó sombras perdulárias
da fome. Mastigais
vossas arcadas dentárias.

Ó sombras dentro dos becos
regais os lírios da insônia
com vossos mamilos secos.

Ó sombras dos leopardos
ó retinas fumegantes
como as palavras dos bardos.

Ó sombras dos meus fantasmas
lobos famintos mastigam
a ossada das nossas casas.

Sombras expulsas dos rios
a noite esconde os abutres
em vossos olhos vazios.

Ó sombras dos afogados
banidos do purgatório
pelos arcos dos arautos.

Ó sombras da aurora tísica
a morte nos pastoreia
na besta do apocalipse.

LOBA

A vida é uma loba que nos alimenta,
nos ressuscita e nos inventa.
Loba de Roma, loba de Rômulo, loba da rima,
loba da eternidade que nos ruma.
Loba que amamenta os grilos
com o leite que vasa de seus mamilos.
A vida é uma loba peluda
que apascenta os chacais, pastoreia
os vales de espuma do nirvana
sob as pálpebras de Buda.

NUVEM DE VESPAS

Na tarde que já não arde
me assaltam desejos de outrora
com a ferocidade de uma nuvem de vespas.
Felinos semeiam lascívia no muro
de uma chácara em ruínas.
Pombas migratórias chegam do mar,
enquanto gatos e cachorros
mastigam silenciosamente os ossos da lua.

ETERNIDADE

Em laudas de mármore
supostas virtudes
de homens e heróis.

Nuvens em chamas
velejam no céu
nas rotas do Tártaro.

A eternidade
passeia indiferente
sobre tufos de relva.

CAIXÃO DE POBRE É REDE

Caixão de pobre é rede
sem adorno e sem alça.
A tipóia em que dorme
lhe serve de mortalha.

Dois homens e uma vara
bastam para o serviço.
A rede oscila ao vento
qual pêndulo sinistro.

O morto se despede
da alma sonolenta.
Sem velório e sem pêsames,
sem latim e água benta.

Os sinos da matriz
são bronzes de veludo.
Pobre não tem direito
a esse requinte inútil.

A tarde já se deita
nas árvores dos vales.
Juritis carpideiras
soluçam nos intervalos.

O sol vai declinando
por cima dos outeiros.
Abutres rondam a estrada
com seus capuzes negros.

Calados vão os homens
no seu piedoso ofício.
A rede oscila ao vento
qual pêndulo sinistro.

MONARCA DA AURORA

Galo aristocrata
com plumas de rei,
entre jovens galinhas
seus dardos semeia.

Nas tardes mais rubras,
nas horas mais claras,
seu reino se estende
por vastos Saaras.

Monarca da aurora,
do sol, das espigas,
esse galo de Tróia
foi arqueiro de Ulisses.

No seu reino de plumas,
o galo é um centauro
que ao vento alardeia
seus impulsos de fauno.

Nem o rei dos salmos
nem Sardanapalo
tiveram os mesmos
ímpetos desse galo.

CANÇÃO DO CAPIBARIBE

Para César Leal

Formado por dois riachos,
o Canhoto e o Cachoeira.
Cantado pelos poetas
João Cabral, Manuel Bandeira.

Por entre curvas e retas,
desenha o andar de uma cobra.
Esse rio sempre parte
mas não sabe quando volta.

Amamenta os namorados
com o leite de seus reflexos.
Sobre as pontes se entrelaçam
orgasmos de ambos os sexos.

Nessas águas planta Augusto
versos que lembram raízes.
Falam de peixes e angústias,
de febres e de hemoptises.

Dos mistérios de uma ponte
ao luar da metafísica.
Do sonho feito em pedaços
pela cadela da tísica.

Rio que o limo semeia
nos bairros pobres e ricos.
A prata e o cálcio dos peixes
nas entranhas dos mendigos.

César Leal e outros bardos
celebram o Capibaribe.
– Esse afluente que jorra
dos mamilos do Recife.

Escreve lendas e histórias
nas barbatanas dos peixes.
Irriga a infância dos mortos
pelas frestas das paredes.

A ponte atravessa a noite,
escuta os passos de Augusto.
Os olhos do rio o fitam
com seu feitiço de bruxo.

Esse rio vai e volta
entre o arrulho das areias.
Capta os suspiros das noivas
em noites canavieiras.

Segue os passos dos fantasmas
nos sobrados, nas varandas.
Dança o frevo sob a chuva
das madrugadas urbanas.

Serpente de lodo e espuma,
à espreita à beira dos lagos.
Nos seus olhos de morfina
sangra o adeus dos afogados.

Ao som de cordas e sopros,
o Capibaribe acorda.
Ao jeito dos namorados,
esse rio sempre volta.

ELOGIO DA CIGARRA

Ouço de longe, no fim da tarde,
o canto límpido de uma cigarra.
Canto extraído da harpa dos deuses
ou das entranhas das profundezas.

Canto de bronze, talvez de prata.
Canto mais rútilo que o de uma faca.
(Foíce amolada na superfície
de alguma pedra do Apocalipse.)

Cântico arcaico fora do tempo
desde os primórdios da água e do vento.
Canto de nômade com que celebra
o deus do aroma e o deus da lebre.

Canto de estios, vales e várzeas
ao som das cordas das próprias asas.
Canto do cântaro nas tardes mornas
em que as aldravas gemem nas portas.

Corre uma lenda, de sala em sala,
que de nostalgia morre a cigarra.
Canção de amor polida às vezes
pelo sussurro das profundezas.

DEUSES DE LIMO

Ídolos são fantasmagorias de areia,
nuvens com cabeças de cavalos e caudas de dragões
que se esfarelam aos olhos dos pássaros
às primeiras rajadas do vento.

Os ídolos passam como as folhas dos bosques
levadas pela correnteza dos rios.
São castelos de espuma que se desfazem
às primeiras rajadas do vento.

Os ídolos caminham sobre rastros de sangue.
Os invernos apagam os devaneios de seus epitáfios.
Os pássaros fugirão de seus mausoléus
às primeiras rajadas do vento.

BICHO

A moda de alguns estetas,
o bicho escreve epitáfios
por linhas tortas e retas.

À sombra das horas mortas,
come o cedro perfumado
das janelas e das portas.

Onde passa, esse arquiteto
vai deixando o seu desenho
na caveira do soneto.

Vai à estante dos poetas,
mastiga os versos dos clássicos
e as múmias das borboletas.

Sobe os degraus das escadas
seduzido pelo aroma
dos seios das namoradas.

Devora estátuas de sal,
asas e plumas de bronze
dos anjos da catedral.

Os paramentos do bispo
e até o sangue que jorra
das cinco chagas de Cristo.

VELHA ROLDANA

Velha roldana de extrair água
do fundo do poço.
O teu lamento lembra o de um cão
que perde o osso.

Às vezes te escuto desde
as manhãs ao fim das tardes.
Pássaro ferido pelo
chumbo e pólvora das espingardas.

Escuto o ranger das vértebras
de cedro e imburana.
Mas não te cansas de arar o poço
toda a semana.

De hora em hora, tua alma rústica
me acorda e chama.
Há no meu peito uma roldana
que também ama.

POÇO DE PEDRA

Poço de pedra, cordas e roldanas sempre visitado
pelas caravanas, vindas de muito longe com filtros
e absinto para as deusas da terra e os deuses do Olimpo.
Ouro, incenso e mirra trazidos pelos vândalos,
braceletes exóticos e frascos de sândalo das florestas
da Ásia. Cobras e lagartos da linhagem mais rara
semeiam desvarios nas areias do Saara.
Era um poço de duzentos metros. Sapos e rãs dormem
ali desde os tempos do dilúvio. Reza antiga
lenda que o poço é uma cova onde outrora enterravam
esqueletos de cobras. Aves de rapina chegam
das escarpas, mais velozes que os mísseis do Pentágono.
Nem o olhar do abutre nem o olhar das águias
podem ver o brilho dos rubis da água.

ENTERRO DO BÓIA-FRIA

As aves cantaram baixo
na tarde de calmaria.
Os sinos estão calados
no enterro do bóia-fria.

A noite chegou mais cedo,
mais agourenta e mais fria.
Os barcos se dispersaram
por causa da ventania.

O vento quebrou as portas
das torres da mouraria.
Nuvens de chumbo velejam
no sangue do fim do dia.

A espada golpeia a fúria
do touro que reluzia.
A morte passou por dentro
da porta que não se abria.

Nos galhos altos da árvore
uma cigarra zumbia.
Canto mais longo e mais triste
há tempo que não se ouvia.

O entardecer derramou
seu cálice de agonia.
Os sinos disseram adeus
ao morto que se esvaía.

O ferro rangeu na aldrava
da porta que não se abria.
Somente os clarins dos galos
no enterro do bóia-fria.

Poesia Inédita IV

Os grandes poetas também serão
conhecidos pela ausência de truques.

WALT WHITMAN

OS POBRES

Os pobres e seus andrajos
suas muitas tristezas
e poucas lágrimas.

Os pobres e seus canivetes
de cortar os pêssegos
de seus desafetos.

Os pobres e suas mazelas
suas febres e vertigens
de fomes amarelas.

Os pobres e suas histórias
de ascendentes mordidos
pelas cobras.

Os pobres de esparadrapo
nos gestos e nas palavras.
Os pobres sem epitáfio.

Os pobres e seus recatos.
As contas de seus rosários
feitas de carrapatos.

Os pobres e seus bigodes
salpicados de luxúria.
Seus bodes são rapsodos.

COISAS DA TERRA

O verme perdoa o arado que o golpeia
William Blake

O verme perdoa o arado que o golpeia.
As lâminas do arado abrem sulcos na terra.
Túmulos de homens, deuses e sementes.

A semente germina, o pássaro procria.
Os ovos dos pássaros são pêssegos de cálcio.
As asas dos ovos atravessam as fronteiras
dos meridianos. E pernoitam nos subúrbios das galáxias.

Os vermes se alimentam das potências da terra.
Do ferro, dos metais, do ouro, da prata,
do cobre, do enxofre, do mercúrio, do potássio,
do zinco, de moléculas alcalinas.

O arado os corta ao meio, mas eles se reproduzem
com tal velocidade, que dentro em breve
voltam a cavar seus túneis nas entranhas da terra.

Assim a vida se transforma num permanente
ritual de eternidade. Tudo se acaba,
tudo se renova num ímpeto de ressurreição.
Os vinhos transbordam das taças guardadas para a ceia.
O verme perdoa o arado que o golpeia.

PÁSSARO FANTASMA

Pássaro fantasma
saído das espumas
de fogo do Tártaro.

Seu rumor de plumas
esfarela a insônia
dos mortos nas tumbas.

A coruja e seus pios
semeiam pelas naves
medos e calafrios.

Pousada nos caibros
pastoreia os mortos
à luz dos candelabros.

Soletra nomes e datas
nas coisas e loisas
de alguns burocratas.

Seus arrulhos célebres
assustam coveiros,
os anjos e as lebres.

Aos pingos da chuva
seus lamentos sangram
por outra coruja.

CANÇÃO DO ARADO

O arado, puxado por um boi, golpeia os músculos
da terra e os transforma em pequenos túmulos cor de ocre.
Minhocas reluzentes, formigas, lagartas,
escorpiões e várias outras faunas de insetos coloridos,
são dilaceradas pelas navalhas da máquina
que metodicamente executa os seus ritos tribais.

O homem fustiga as ancas do boi. O boi caminha
vagarosamente para o calvário das espigas.
Os músculos retorcidos do boi.
Lágrimas porejam dos olhos, das orelhas.

A tarde é uma torre inclinada onde os pássaros
se equilibram amorosamente. O vento
arranca-lhes as penas para devolvê-las na próxima
estação dos ninhos. O homem fustiga as ancas do boi
e pensa num celeiro abarrotado de espigas.

Trovões esfarelam a cabeleira das éguas castanhas.
A noite se aproxima das árvores e dos lagos.
Na escuridão macia relampejam os olhos dos morcegos.
Tem-se a impressão de que um deus semeou seu
hálito de vinho nos campos sazonados. Mas os poetas
e adivinhos sabem que os deuses se alimentam de polímeros.

CABRAS DE HOMERO

Para Ascendino Leite

Um boi arrasta o arado
num campo de centeio.
Um deus golpeia o boi.
Dardeja o sol no zênite.

Ventos uivam nos vales,
lobos no pastoreio.
O boi refaz a infância
num campo de centeio.

Em repentino frêmito,
o arado e seus adágios
semeiam odor de espigas
nas vilas e nos vales.

Pássaros de rapina
sangram as veias dos veios.
O boi ruma os homens
num campo de centeio.

O sol vai para as núpcias
com os rubis da matéria.
Vertentes tocam flauta
para as cabras de Homero.

Celebra o boi e o homem,
que morrem tantas vezes.
Quando não se evaporam
na velhice dos deuses.

OS POBRES E SUA ROMARIA

Os pobres sobem vagarosamente os degraus de barro do santuário da aldeia. Levam súplicas nos bolsos misturadas a tocos de cigarro e fragmentos de tabaco. Vão rezar ladainhas pelos vivos e pelos mortos. Pedem coisas singelas. Uma cabra para assegurar o leite dos meninos. Os seios da mulher não passam de sacos de plástico vazios.

Pedem água para os rios e lagos, charcos e pântanos, poços e cacimbas. Água para as lavouras de milho, para as vacas e os bezerros, as ovelhas e suas crias, as pessoas e alimárias. Água para os peixes que ainda rastejam na latrina dos charcos à procura de migalhas de oxigênio.

O vento sopra das profundas do inferno. Vento que despedaça as telhas das casas, as dobradiças das portas, as palhas das choupanas, as redes onde os pobres amam e agonizam apressadamente.

Os pobres rezam, mas a chuva não vem. A noite vasta os agasalha em suas dobras de feltro. Velejam numa barca de pesadelos. Esperam o dia chegar, mas o dia os ameaça com seus punhais dourados e as cápsulas das balas do invasor.

CANTEIRO DE OBRAS

Para Jorge Tufic

Segundo jornais da época,
aqui foi coito de cobras.
Agora plantam as estacas
para um canteiro de obras.

Chegam máquinas modernas,
objetos de formas raras.
Logo estão perto das nuvens
espigões de trinta andares.

Outrora, espaço baldio,
esgoto e cacos de vidro.
Hoje se escuta o monólogo
feroz das perfuratrizes.

Engenheiros e operários
numa urgência de formigas.
Todos fazem a sua parte
nas pilastras e nas vigas.

É o progresso que se alastra
nos rincões das palafitas.
Estas lâmpadas são pêssegos
para a ceia das elites.

TREM DE SUBÚRBIO

O apito do trem acorda a madrugada. Cães, insones,
ladram furiosamente quando ele passa pelos subúrbios
iluminados por lâmpadas sonolentas e amarelas.
O velho trem respira à maneira de um boi que arrasta
o arado nos sulcos da terra ensopada pela chuva.

Galos cantam à passagem do trem. Seu canto demorado
se alastra em todos os recintos da noite.
Velhos acordarão mais cedo, esfregarão os olhos
para apagar vestígios de sonhos e pesadelos.

O apito do trem vara a madrugada pressentida
pela memória dos cachorros. Parece até que se dissolve
nos esgotos do subúrbio, onde se afogam
a plumagem das horas e fantasmas de estrelas.

Os pobres começam a dança dos esqueletos.
Sentem fome em todas as vísceras e labirintos do corpo.
A pele ressecada, uma teia de rugas de plástico.
O trem desaparece na encruzilhada onde
o mar despeja os seus detritos. As sombras dos bêbados
esmagadas pela fugacidade do tempo.

CEMITÉRIO DA COLINA

Cemitério da colina
plantado em cima das pedras.
Nos invernos, nos estios,
cruzes brancas, cruzes negras.

Os mortos desta lavoura
são operários da usina
onde se fabrica o álcool
que serve de gasolina.

Morreram de causas várias.
Pelos registros de óbito,
alguns, de febre palustre,
outros por motivo exótico.

Esses mortos da colina,
sem velórios e epitáfios,
já morreram muitas vezes
por aumentos de salários.

Ali se produz o açúcar,
a rapadura e o mascavo.
Usineiros sem canudo
são juristas no senado.

BIOGRAFIA DO SAPO

Pensa que é mouro.
A golpes de adaga
defende o tesouro.

Sabe que salta
com a mesma astúcia
da maré alta.

Sabe de sobra
que é ceia farta
para alguma cobra.

Sabe que a chuva
é o canino de ouro
da dentadura.

Em seu devaneio
o sapo não sabe
o quanto é feio.

O sapo flutua.
Sonha que é da mesma
matéria da lua.

Não sabe que é feio.
Que às vezes parece
o câncer do seio.

ELOGIO DE ROMA

Roma, cidade eterna desde a infância da caverna,
nasceste das entranhas da Lavínia, no tempo
dos doze monarcas albanos, à margem esquerda do Tigre,
que irriga os teus labirintos e monumentos
de pedra, teus palácios e catedrais,
as termas e artérias de cristal, até o desaguar do rio
no mar Tirreno, sob as retinas de Óstia.

Metrópole das Sete Colinas:

Capitólio

Quirinal

Viminal

Esquilino

Célio

Aventino

Palatino.

Roma das ruínas do Coliseu, do martírio dos primeiros
cristãos, da Fonte de Trevi, com seus cavalos
brancos emergindo do útero das espumas.

Do Fórum Romano, dos templos de Vesta e da Fortuna
Viril, das Catacumbas, dos Arcos de Sétimo
Severo, do Mausoléu de Adriano, da *Domus Áurea*
de Nero. Roma, cidade eterna,
desde a alvorada do mito e a infância da caverna.

METAFÍSICA DO AMOR

Metáfora do pecado e da luxúria,
a maçã foi comida pelo homem
por astúcia de Satã.

O sol brilhava no zênite entre
os racimos do éden. Mortais não ousam
negar aquilo que os deuses pedem.

Aos pés de Eva se enrosca
uma serpente de prata. Da boca
joram palavras, em luminosa cascata.

O feitiço da serpente passa
às veias de outras Evas,
seduzidas pelo príncipe das trevas.

Assim nasceu o pecado, segundo
a escritura bíblica. Alguns sábios acreditam
nessa ingênua metafísica.

ODE A UM POTE DE BARRO

Ó velho pote de barro,
sempre cheio de água fria.
Estavas a nossa espera,
fosse de noite ou de dia.

Num canto obscuro da casa,
mistério te consumia.
Alta noite te cercavas
de estrelas em romaria.

Rãs à procura do orvalho
que do teu corpo escorria.
Rumor de chuva e de folhas
por toda a casa se ouvia.

Em madrugadas de insônia,
o enigma se repetia.
Os mortos vão às nascentes
da sede que os consumia.

Ao som da água acordada,
tudo, ao redor, se movia.
O fantasma de meu pai
rondava a casa vazia.

Ó velho pote de barro,
quem te deu tal simetria?
gosto de sangue e de lágrima?
que esfinge te acaricia?

O tempo apaga a memória
mas não apaga a magia
com que o menino embalavas,
fosse de noite ou de dia.

PERGUNTAS AO VENTO

Que sabe a serpente do seu covil?
ou o rebanho do seu redil?
Que sabe o árabe do som do arrabil?
ou da onda que requebra à moda de um quadril?

Que sabe o arlequim do que é viril?
ou do vinho que envelhece no seu barril?
Que sabem os velhos da juventude hostil?
ou as borboletas das chuvas de abril?

Que sabe da história o herói sem fuzil?
o que bebe cicuta quando fica senil?
Que sabe do amor e da morte o aprendiz de buril
que não distingue o vermelho do anil?

Que pensa a janela do peitoril?
Quem já não viu a esfinge de perfil?
É correto ensinar ética num canil?
Quantos índios morrem de fome no Brasil?

SIGNOS DO DIA

O dia é um centauro chegado das colinas,
pasta a relva do sol e as espigas do zênite.
Demora nas estradas ao cântico dos veios,
escreve sobre as ondas odes de vento e espuma.

Lembra um cavalo árabe que percorre cem léguas
de areia perfumada pelas éguas no cio.
Cavalo ou meteoro montado por Osíris,
o deus que pastoreia a insônia dos fantasmas.

O dia que incendeia as pupilas dos tigres,
bolina as lavadeiras e as âncoras dos barcos.
O dia que se gruda no magnetismo das gaiivotas
e às vezes adormece nos olhos dos lagartos.

O dia cor de ocre se enfeita para as núpcias,
suga o pólen e o ópio do sexo das papoulas.
O dia é uma asa-delta pousada no arco-íris,
a concha de topázio onde se engendra a pérola.

O dia e seus aromas de amada que se despe
nas esquinas de orvalho de alguma primavera.
O dia erguido em brinde aos vértices da infanta,
o dia e seus rebanhos de pássaros no exílio.

O dia e suas torres de amaranto e cristal.
O dia entre os acenos de seios de veludo.
O dia irriga as vides e os campos sazonados.
Uma ode em metro grego às jovens prostitutas.

MONTANHAS AZUIS

Essas montanhas azuis
que só existem nos mapas.
Eu as vejo há muito tempo,
desde outras vidas passadas.

Vejo-as em sonho ou na trama
das retinas acordadas.
Essas naus que vêm de Tróia
a bordo das noites claras.

Certas vezes imagino
que essas torres de alabastro
são picos de cordilheiras
para os fantasmas das águias.

Deusas do tempo e dos ventos
e até da infância das águas.
Existem dentro de nós
desde outras vidas passadas.

ANA E A LÂMINA

Ana Bolena / Ana bolina
Ana na grama / Ana na esgrima
Ana adúltera / o amor é uma úlcera
Ana na cama / Ana na câmara
Ana sem lei / sob a espada do rei
Ana no Tâmis / Ana na lâmina
A foice não tarda / mas não se acovarda
Oferta os peitos / à prole dos eleitos
Semeia venenos / no monte de Vênus
Poda a relva loura / a golpes de tesoura
Ana Bolena / não se amofina
Vestida de noiva / da seda mais fina
Vai para o noivado / da guilhotina.

CÓDIGOS E ADAGAS

Teu sorriso semeia madrugadas
e passarinhos nas minhas retinas.
Papoulas cor de sangue desabrocham
nas coxas de Valquírias dançarinas.
Artérias dos teus seios se entrelaçam
às veias azuladas destas rimas.
As romãs dos teus lábios são mais rubras
que a menarca de infantas e meninas.
Vens das cisternas onde as rãs celebram
o pólen que evapora e fertiliza.

Dos celeiros de trigo e de centeio
regados pelo mênstruo das espigas.
Das ameias dos mouros que, às caladas,
os códigos trocaram por adagas.

MADRIGAL LATINO

Guardarei o teu semblante
Em perpétuo movimento
Nas estrelas mais distantes
Que brilham no firmamento.

Teus suspiros, teus espantos
Com volúpia de avarento
Num verso escrito por Dante
Para as deusas do seu tempo.

Na eternidade do instante
No cristal dos elementos
No alvorecer das distâncias
Longamente te contemplo.

Num verso escrito por Dante
Nas labaredas do vento
Guardarei o teu semblante
Com luxúria de avarento.

Guardarei o diamante
Do teu amor para sempre.
Teu magnetismo de infanta
Em perpétuo movimento.

DE VOLTA AO PARAÍSO

O dia em que os pardais se acasalarem
nos fios da rede elétrica.
O dia em que as pupilas dos faunos forem
comidas pelas aves de rapina.

O dia em que as retinas dos tigres incendiarem
as plumas dos pássaros.
O dia em que plantarei hortências e pedúnculos
de gerânios em tuas coxas.

O dia em que a foice da lascívia decepar meus
sonhos e desejos mais secretos.
O dia em que acharei vestígios de orgasmo
em todas as fendas dos lençóis.
O dia em que estaremos unidos pela cumplicidade
da carne para a viagem de volta
ao paraíso perdido.

O dia em que as palavras serão inúteis para decifrar
os enigmas de tua nudez.
O dia em que os beijos e cachos das vindimas
recenderão a outonos sazonados.
O dia em que a orquídea de Vênus nos brindará
com seu jorro de sangue.
O dia em que os nossos corpos, entrelaçados,
serão como duas árvores apaziguadas
pela cópula das raízes.

MENINA COM BICICLETA

Mais esguia que uma seta,
ela passa na avenida
pedalando a bicicleta.

Vem da espuma de uma lenda
essa musa de Matisse
na tarde azul de Ipanema.

Essa infanta de Picasso
vem da alvorada dos touros
numa tarde de mormaço.

Tem a leveza das ondas
que exalam odor de placenta
filtradas pelo sargaço.

De onde vem essa ninfeta
que se confunde com as chamas
dos raios da bicicleta?

Vem das colinas de Roma?
das gôndolas de Veneza
ou das fogueiras de Tróia?

Vem do Mar do Labrador?
das ameias onde os mouros
são jograis da paranóia?

Teria sido raptada
por um príncipe d'Évora?
ou foi gerada no ventre

de uma égua sarracena?
– Essa infanta de Picasso
na tarde azul de Ipanema.

LIMÕES VERDES

Tempo de limões verdes e de amoras
a recender aromas de luxúria.
Na fonte te banhavas toda nua
com teus pêlos dourados pelas horas.

Meus olhos mergulhavam cegamente
na selva emaranhada dos cabelos,
que jorravam da nuca sobre a espádua
em cascatas de espumas e novelos.

Tempo de limões verdes e de amoras.
De suspiros esmagados na boca,
de desejos que explodem nas retinas.

A flauta do adivinho já não toca
serenatas aos seios das meninas.
Nem às curvas douradas pelas horas.

LOUVAÇÃO DE RUTE

Louvo os cabelos de Rute
seus olhos de égua castanha.
Louvo os seios que amamentam
os cabritos da montanha.

Louvo a gleba em que semeia
versos nas teias de aranha.
Louvo o feno em que se deita
e as espigas que ela apanha.

Louvo o aroma de centeio
da barra de seus vestidos.
Os gestos de que se enfeitam
seus momentos distraídos.

Louvo os mitos do seu povo
o emblema impresso na fronte.
O bailado de seus passos
quando traz água da fonte.

Louvo a relva em que ela pisa
e os movimentos de lâ
com que vai, todas as tardes,
buscar frutos de avelã.

Louvo as aves que a namoram
quando regressa da aldeia.
Louvo a fonte em que se banha
e as vinhas que pastoreia.

Louvo o vinho que adormece
na taça de sua voz.
Os pensamentos que arrulham
quando se ausentam de Booz.

RUTE E O DOURADO PASTOREIO

Vai Rute aos campos de Booz
respigar trigo e centeio.
Aos seus olhos de estrangeira,
as espigas são as crias
de um dourado pastoreio.

Vai atrás dos segadores,
ao som de canções antigas.
Lembra as messes do seu povo,
celeiros abarrotados
pelo aroma das espigas.

Ouve o palpitar do seio
quando a tarde já se deita
sobre almofadas de feno.
Seu corpo aos ventos do exílio
recende ao trigo da ceifa.

Os sons dos gumes das foices
são de adágios e acalantos.
A noite já se aproxima
com seu arado de estrelas
para a ceifa de outros campos.

Os conselhos de Noemi
ressoam nos seus ouvidos.
Foi aos campos recolher
sobras de espigas e afagos
de outros olhos distraídos.

Aos olhos negros de Rute,
o tempo é alfanje veloz
que ceifa o amor e as espigas.
Seu corpo, gleba de sândalos,
perfuma os sonhos de Booz.

PODER DA CHAMA

O teu sorriso incendeia
a memória das palavras,
a plumagem da asa-delta
e até soldados de plástico.

O pólen que nos semeia,
o míssil que nos atinge.
Teu sorriso de madona
decifra o enigma da esfinge.

Acalma os ventos do Ártico
e as rajadas das estepes.
Expulsa as asas dos corvos,
clareia a infância das trevas.

Pastoreia anjos de espuma,
acalma as ondas revoltas.
As almas dos afogados,
que emergem todas as noites.

Afugenta os albatrozes
que às vezes pousam nos astros.
As serpentes das Medusas,
vindas das chamas do Tártaro.

O teu sorriso de bronze,
o teu sorriso de prata.
O teu sorriso amamenta
até os meninos da África.

DANTE: UM FRAGMENTO

Foi em Florença, em plena Idade Média,
que foram escritos os primeiros cantos
do que se chama A Divina Comédia.

Dominado por ódio subalterno,
o mais alto dos bardos florentinos
coloca reis e déspotas no Inferno.

Outros condena ao fogo, e não são raros.
Condes, monarcas, sábios, concubinas,
por dragões esmagados e centauros.

Antes que o abismo os dentes escancare,
asas de abutres ruflam nas alturas
sob o olhar de Beatriz Portinari.

O florentino as pálpebras levanta,
confunde a amada com o raiar da aurora.
Raios de luz jorram da voz da infanta.

Quanto mais do prodígio se aproxima,
mais de seus olhos a visão se afasta,
qual do verso escandido a esquiva rima.

Persegue a estrela que incendeia as eras,
cujo esplendor ofusca o firmamento
e as paragens mais rubras das esferas.

SONETO DO ADIVINHO

Nas estrelas longínquas e nas ondas
do mar. Nas asas do sonho e do vinho.
Nos arrulhos dos veios e das conchas.
Nos acordes da espuma eu te adivinho.

No vento que semeia madrugadas
nas curvas e ondulações do caminho.
No sol da voz. Nas retinas das águias.
Na astúcia da raposa eu te adivinho.

Os deuses da volúpia e da vertigem
sabem que te celebrou e pastoreio
nas alvoradas dos lençóis de linho.

Nas estrelas que pulsam desde a origem.
Nos aromas dos campos de centeio.
Nas artérias da espuma eu te adivinho.

MÁSCARAS DO AMOR

Dizer que o amor é uma invenção dos deuses
é coisa de mentecapto.
O amor é sentimento à flor da pele,
uma orquídea do olfato.

Filósofos e cientistas de renome,
sábios e entendidos.
Antropólogos opinam que o amor não passa
de uma orgia dos sentidos.

O amor é tudo isso
que pastoreia a matilha dos instintos.
Que não são diferentes
de lobos famintos.

O amor é reminiscência
do esquecimento que não se recorda.
Uma taça de veneno
que transborda.

O amor é uma primavera de crisântemos,
o sonho que soçobra.
A serpente que muda de pele,
a pele que muda de cobra.

Descendemos dos antropóides das cavernas,
da luxúria do macaco.
O amor é a mais sedutora metafísica
das orquídeas do olfato.

EROS E SUAS CADEIAS

O sexo nos aprisiona
em suas grades de veludo.
Odor de morfina e ópio.

Porta do inferno ou do paraíso.
Oásis à espera da noite
acariciada pelos rastros dos beduínos.

Ali, onde espreita a serpente
e a lascívia semeia o seu pólen,
curvam-se deuses e a carne mais áspera.

Mais profundo que o cerne das noites,
o sexo é o mito que nos pastoreia
a golpes de adagas e de foices.

Ali, onde a inocência despe a máscara
e a racionalidade desmorona,
curvam-se os deuses e a carne mais áspera.

SONETO DA CONTEMPLAÇÃO

Na vida andei por solitária estrada,
meus caminhos não foram de veludo.
Os deuses nunca me ensinaram tudo
nem que do amor nunca se sabe nada.

Em tua ausência pus os meus cuidados,
todas as horas, todos os minutos.
O mais alto dos galhos onde os frutos
dificilmente podem ser tocados.

Onde pus esperança e pus empenho,
meu sonho ardeu como se ardesse um lenho
entre as chamas do cedro perfumado.

Nada espero do augúrio do adivinho.
Não beberei da espuma do teu vinho
nem serei por teus olhos contemplado.

AZULEJO ROMANO

Na tarde romana a nudez das estátuas
recende a luxúria. Pombas se acasalam nos seios
de mármore das deusas de curvas pagãs.
Das fontes de pedra escorrem vestígios das eras.
A plumagem dos dias e das noites.
A insônia dos barcos e das gôndolas. O ruflar
dos gansos nas madrugadas do Capitólio.
Os gemidos de amor nas camas barrocas de Veneza.
Os arcos do Coliseu, onde as águias
depositam seus ovos de topázio. Os mamilos
da loba romana, que amamentam séculos de memória.
O tropel dos violinos de Nero em louvor
de Roma incendiada. O assassinato de Agripina.
Os amantes de Verona seduzidos pelo anjo da morte.

EPISÓDIO

Ouro Preto dorme.

Nuvens rebeladas ancoram no horizonte.
Asas golpeiam sussurros coloniais.

O silêncio muda-se lentamente em coágulos
de sangue pelas ruas desertas.

Campanários celebram reminiscências de um tempo
dilatado em gorjeios barrocos.

Ouro Preto dorme entre espectros de soldados
e a ronda sinistra das leis.

Bátegas despencam das nuvens
e apedrejam o fantasma de Silvério dos Reis.

ORQUÍDEA AZUL

Sou o jogral que dorme nas esquinas
onde os deuses fizeram serenatas.
Ouço o arrulho das pombas e meninas,
som de cristal polido pelas harpas.

A orquídea azul que emerge das areias
do deserto com florescências raras.
O mouro que adormece nas ameias
enquanto amola os gumes das adagas.

Fui adivinho nos serões das ágoras.
Estava em Delfos quando o rei de Tiro
cruza o Mediterrâneo numa barca.

Fui menestrel no tempo de Pitágoras.
Cantei o amor em laudas de papiro
e os seios das amantes do Tetrarca.

AS VINHAS DE EROS

Incendeias desejos e suspiros
de sândalo nas tendas dos desertos.
Enfeitiçavas generais assírios,
arautos de Odisseu e de Laertes.

Chegam rapsodos dos bordéis fenícios,
bebem absinto nos teus olhos negros.
Hexâmetros de Homero são escritos
em teu louvor com sangue de borregos.

Os vinhos das adegas do salmista
não têm o mesmo aroma das amoras
aveludadas pelo canto dos veios.

Se o alaúde de Apolo me visita,
sou podador das heras e das horas
e dos brolhos das vinhas dos teus seios.

ANCORAGEM

Para Gilberto Mendonça Teles

Onde os anjos nos espreitam
 onde as rosas não sangram
onde as vinhas não brolham
 onde as nuvens são pombas
onde os arriolos arrulham
 onde os arados são harpas
onde os lobos não uivam
 onde as serpentes não amam
onde as panteras dardejам
 onde os navios adernam
onde os mísseis não explodem
 onde o amor semeia dardos
onde os gatos não são pardos
 onde os bêbados velejam
nos espinhos do seu vômito
 onde os ventos são adágios
onde adeuses são adagas
 onde a romã se enamora
a nau dos seios ancora.

ODE CRISTALINA

A ode cristalina é a que se faz sem poeta
(CDA)

Não se escreve com palavras,
rimas ricas, rimas pobres.
Nem caneta esferográfica
faz a ode cristalina.

Não se faz com devaneios,
não se escreve com metáforas.
Nem o estilo rebuscado
faz a ode cristalina.

Nem com preceitos de esteta
nem com os metais da retórica.
Nem o amor que move o mundo
faz a ode cristalina.

Nem figuras de sintaxe
nem zeugma nem pleonasma.
Nem Pero Vaz de Caminha
faz a ode cristalina.

Nem a lascívia dos reis
nem as rapsódias de Homero.
Nem a dor-de-cotovelo
faz a ode cristalina.

Nem jograis da Idade Média
nem os mágicos da China.
Nem o rei dos Nibelungos
faz a ode cristalina

Poesia Inédita V

O passado, o presente e o futuro não
estão separados mas fundidos. O maior
poeta forma a consistência do que será
a partir do que foi e do que é.

WALT WHITMAN

DOM QUIXOTE

Cavaleiro de uma Espanha romântica,
talvez jogral dos séculos vindouros.
Celebravas o amor ao som das cordas
das guitarras tocadas pelos mouros.

Dançavas teu bailado inverossímil
de fidalgo a serviço de utopias.
Imaginas que moinhos de vento
são muralhas de antigas dinastias.

Transformas camponesa numa infanta
acorrentada à sombra de um castelo,
com quem sonhas, em noites acordadas.

Tua espada de nobre de la Mancha,
teu Rocinante, esse cavalo eterno,
estão de volta à infância e às madrugadas.

SONETO DE RUTE

Booz estava nos campos de centeio
e logo da estrangeira se aproxima.
Chega a pensar que o palpitar do seio
fosse o balir dos veios na colina.

Aos seus ouvidos o rumor das fontes
lembra o frescor da tarde que declina.
Pergunta ao vento, aos pássaros dos montes
se aquela infanta é sonho de morfina.

Ao refletir que a vida é lauda escrita
com suspiros de amantes e vogais,
disse aos deuses da esquiva moabita
e aos seus numes dos tempos de rapaz:
– Este amor que em segredo me visita
há de ser para sempre ou nunca mais.

SONETO DA CEIA

Quando me deito, quando me levanto,
rezo uma prece isenta de palavras
pelas horas felizes, as amargas
e até pelas ausências, se houve pranto.

De tudo o que sonhei, resta-me o espanto
de sombras que se abraçam nas estradas.
Revejo em sonho as faces desbotadas
dos mortos que precisam de acalanto.

O amor semeia aromas de morfina.
O anjo da morte nos meus olhos pousa,
num gotejar de chuva carpideira...

O Deus da lebre é o mesmo da raposa:
adoça e esmaga os cachos da vindima
para o brinde da ceia derradeira.

ELEGIA DOS PORTÕES RETOS

Jogral das nossas ilusões mais caras
E das nossas mais puras utopias.
Ao som dos galos e ao raiar dos dias,
Celebras o "Fervor de Buenos Aires".

Os verões e seus brilhos amarelos,
Os aromas dos vinhos e dos sábados,
Os augúrios da esfinge e dos espelhos
E as mechas de luar dos arrabaldes.

Ranger de ferro e aldrava em portões retos.
Guitarras à memória de esqueletos
Saídos da penumbra dos altares.

Canções e adagas sangram nos teus livros,
Nos olhos das panteras e dos tigres,
Nos labirintos de Buenos Aires.

A UMA TAÇA DE VINHO

Ó feiticeira das orgias rubras,
madrigais te celebram nas esquinas,
ao som das harpas e dos alaúdes
sob os olhos venais das messalinas.

Ânfora em que Ugulino e seus vassallos
aos deuses brindam com o licor das trevas.
Teus olhos negros lembram os dos cavalos
que pastam tempestades nas esferas.

Taça do amor, evocas clavicórdios
em noites medievais. Velas a insônia
dos amantes com as pálpebras das éguas.

Os jograis te celebram em suas odes,
seus madrigais aos nobres de Verona,
ao luar de veludo das adegas.

VERSOS PARA UM TIGRE

Monarca dos bosques e das florestas
da África, essa comarca de veredas
que se bifurcam. Teus olhos são flechas
que trespassam remorsos e paredes.

Teu faro é mais agudo que o das cobras,
teu pêlo mais sedoso que o dos pumas.
És algum deus banido de outros orbes,
de uma tribo fundada entre os cardumes.

Os teus passos semeiam madrugadas,
réstias de sol, ramagens de crepúsculos,
visões de assombro entre chacais e cervos.

Reinas ao vento e à púrpura das tardes.
Deuses invejam teus dourados músculos
de descendentes dos arqueiros gregos.

CÂNTICO DO MAR

Celebro o mar, marulhos e marolas
que desenham parábolas na areia.
Ostras e espumas que produzem pérolas.
A mão que afaga a chama da candeia.

A audácia do argonauta que semeia
liberdade, a palavra sem argolas.
O outono que sazona e pastoreia
o seio aveludado das amoras.

Celebro o mar, volúvel paquiderme.
Dançarino dos pélagos vulcânicos
que embala e nos assusta com seus cânticos.

Celebro a terra que amamenta o verme.
Cala os tiranos, arrebenta argolas,
irriga o amor e os brolhos das amoras.

VIAGEM NO ARCO-ÍRIS

Na tarde azul o sonho abriu-se em leque
cor de esmeralda e verdes pedrarias.
Dir-se-ia que os deuses navegassem
com seus fanais por dentro do arco-íris.

Parece até que arautos rebelados,
fugidos dos palácios dos emires,
disparassem seus dardos de topázio
contra os falcões domados por Osíris.

Ao som das harpas, cordas espartanas,
sedas e opalas de linhagem pura
despetalam vertigens e suspiros.

Do mar de areias partem caravanas
para as rotas do amor e da luxúria,
onde se trocam virgos por safiras.

ALTO RISCO

Viver é uma aventura em pleno espaço.
Até os sábios morrem por enganos.
Na voragem dos meses e dos anos
nenhuma vida vale um epitáfio.

Um grande amor altera nossos planos
mas causa pode ser de aturdimento.
Pois não basta saber para onde vamos:
se a favor da fortuna ou contra o vento.

Uma rosa perfuma o seu espinho.
Mas logo murcha, e o espinho permanece
no caule em que o prodígio cambaleia.

Não nos dói o enfisema do vizinho.
Ninguém morre do fruto que apodrece
nem se vive do mito que semeia.

AZUL LEJO

Espanha do Quixote e de Picasso,
dos mortos rebelados de Guernica.
Do sangue derramado pelos touros
na terra, que os esmaga e glorifica.

Espanha das ameias onde os mouros
amolam as adagas cor de vinho.
Dos galos seduzidos pela aurora
ensangüentada à beira dos caminhos.

Espanha de Santa Teresa D'Ávila.
De Ortega y Gasset, de Lope de Vega,
de Cernuda e Calderón de la Barca.

Espanha dos claustros e da Mesquita
de Córdoba. Dos vitrais da Idade Média.
De Lorca e seus adágios para harpa.

AZULEJO MEDIEVAL

As orelhas dos cavalos
da quadriga eram de bronze.
Ao tropel do carro fúnebre,
arcanjos tocavam banjos.

A noite arrulha nos lagos,
junto às fogueiras do Tártaro,
Asas rebeldes semeiam
plumas de corvos e agouros.

O mar se deita na escarpa
onde as parcas tocam harpas
para o enterro dos monarcas.

Súbito, Dante e os relâmpagos
vêm de uma nuvem de fogo
contra os demônios dos pântanos.

BORBOLETA

Qual mensageira da chuva,
a borboleta amarela
ou chega pelo telhado
ou entra pela janela.

Como se fosse uma nuvem
que anuncia as tempestades
traz os aromas do inverno
dentro das asas molhadas.

Nas paredes, nos retratos
pousa o corpo de veludo.
Ali permanece imóvel

à espera dos ventos frios.
Só regressa quando chove
nas cabeceiras dos rios.

DIÁLOGO COM CDA

Os mortos nos escondem seus mistérios.
O carrossel das madrugada gira.
A chuva irriga as pedras, os minérios,
as casas e sobrados de Itabira.

Verso universo em todos os momentos,
jamais ardeste às cordas de uma lira.
Teu corpo se entrelaça aos elementos,
ao cobre, ao zinco e ao ferro de Itabira.

Minas é como um signo na epiderme,
nos versos de uma estrofe ou de uma ode,
nos passos de um fantasma que respira

o ar da montanha, o aroma da caverna.
O avô de fraque, a espuma do bigode,
retratos que te acenam de Itabira.

MORTE DE MEU PAI

Sonha meu pai na rede de varanda.
Um sonho mal começa e já termina.
O vento açoita as portas de imburana,
aves de agouro em núpcias de morfina.

O vento vem do rio ou das colinas,
semeia odor de seios de ciganas.
Nuvens peludas, essas ratazanas
que em vez de espigas comem turmalinas.

De longe escuto o choro das roldanas,
o alarido das patas dos cavalos
nas pedras esculpidas pelo inverno.

Nos intervalos dos clarins dos galos,
um deus senil descose nossas tramas
e tudo o mais que se supunha eterno.

II

Numa tarde de agosto e ventania,
rebanhos pastam nuvens nas ladeiras.
Mulheres cantam velhas litánias
escritas desde a infância das igrejas.

Vindas de alguma sombra dos outeiros,
aves de agouro pousam nos telhados
para ouvir os serrotes amolados
e as vozes espectrais dos carpinteiros.

Homens no apendrece fumam seus cachimbos.
Contam anedotas de emboscadas. Galos
da madrugada acordam nos poleiros.

Asas de abutre assustam os tamarindos.
Meu pai cavalga as patas dos cavalos
e sobe ao céu nos braços dos coveiros.

SONETO COM MOTE DE CAMÕES

A grande dor das coisas que passaram
e não deixaram rastros nem vestígios.
Das coisas que sumiram no dilúvio
ou na esteira de espuma dos navios.

A grande dor das coisas sem memória
escritas no papiro dos caminhos.
Dor de lembrar os mitos que já foram
sonhados pela infância dos meninos.

A dor apaga a chama da candeia,
descose a eternidade dos minutos,
borda com sangue os enxovais das noivas.

A grande dor do mundo. A que semeia
em solo fértil mas só colhe frutos
quando sobram da ceia das raposas.

SONETO DA ETERNIDADE

Para José Alcides Pinto

Eternidade é o tempo sem fronteiras,
sem começo nem fim, sem intervalos.
Rumor impressentido de cavalos
puxando uma quadriga de fogueiras.

O silêncio das horas derradeiras
ungido pela púrpura dos galos.
O murmúrio dourado das videiras
regadas pelo sangue dos vassalos.

Ao mergulhar nas trevas do mutismo,
medito a vida e a morte longamente.
Se Deus, que faz o tempo e escreve a história,

consente o amor e pastoreia o abismo:
em vez da eternidade permanente,
nos desse a eternidade transitória.

VINHO DE AZULADO AROMA

Relampeja o brasão dos Capuletos
entre azuis e dourados de Verona.
Das gavetas dos nobres esqueletos
jorram vestígios de azulado aroma.

Nos jardins dos palácios, os abetos
são signos da matéria que sazona.
Cordas acordam infantas de Verona
para ouvir os suspiros dos sonetos.

Desce a noite das pontas das escarpas.
Lâmpadas de reflexos amarelos
bocejam nas esquinas de Verona.

Ouve-se ao longe o funeral das harpas.
O vento arranca as mechas dos cabelos.
A morte é um vinho de azulado aroma.

TESTAMENTO

Venho das mutações do paroxismo.
Sou pó de volta ao pleno anonimato.
Não levarei remorsos para o abismo
nem versos escondidos no sapato.

Levarei a inocência dos meninos
mortos nas madrugadas pelos mísseis.
O odor das tardes, esse odor salino
dos rebanhos que pastam nas planícies.

Levarei a tristeza dos caminhos
desertos. A nostalgia da casa
abandonada onde a saudade mora.

A solidão dos velhos passarinhos
que ficaram sem olhos e sem asas
e já não cantam quando raia a aurora.

NÃO ATA NEM DESATA

Onde a cigarra explode os seus metais?
é verdade que o verso escolhe as rimas?
em que redil os déspotas engordam
a matilha peluda de seus crimes?

A eternidade é feita de intervalos?
o tempo é devaneio que nos mata?
de quantas mortes toda história é feita?
o amor é o que não ata nem desata?

Quem pastoreia os corvos da mortalha?
que deus fustiga as ancas da quadriga?
onde o inferno despeja os seus detritos?

Que esfinge habita o gume da navalha?
de que telhado despencou a viga
que esmagou meu rebanho de cabritos?

VISÃO DÚPLICE

Nas tardes de papoulas e amarantos,
o vento agita os braços dos ciprestes.
Até parece um gênio das galáxias
expulso pelos dardos das florestas.

Augúrios cambaleiam nas estradas,
divindades passeiam pelos bosques.
O céu semeia seu esgar de esfinge
na memória dos vivos e dos mortos.

Penso nos pobres que virão dos morros.
Das cavernas polidas pelos trópicos,
das catedrais e esquinas dos pivetes.

Penso na sua pelagem de cachorros.
Nos sonhos devastados pelos óbitos
ou pelos funerais dos canivetes.

ULISSES E O MAR

O mar é uma serpente mitológica
que engole navios e transatlânticos.
As marés são acordes ou são cânticos
de alguma estrela que fugiu da órbita.

Orquídeas dançarinas dos corais
entre faíscas de pérolas e seixos.
Uma baleia que mastiga os peixes
ao modo dos caninos dos chacais.

O mar, cadela egípcia que amamenta
os deuses e os homens. Loba de Ulisses,
ela o reteve aos olhos da placenta.

O mar semeia a lenda e escreve a história.
Celebra o herói em meio da tormenta
na madrugada em que voltou de Tróia.

HORAS DE BRONZE

Monarcas das comarcas,
a trombeta dos galos
acorda os passarinhos
em breves intervalos.

Seu canto pastoreia
as árvores dos vales
as sombras dos abutres
pousadas nos cavalos.

Vai alta a madrugada.
Soam as horas de bronze
no relógio sem pêndulo
da cancela da estrada.
Por onde, a passo trêmulo,
tudo volta para o nada.

NOTURNO DE OURO PRETO

I

Ouro Preto embriaga como o vinho
que amadurece em barris de carvalho.
Cristos barrocos sangram no calvário,
e o sangue irriga as mãos do Aleijadinho.

Ouro Preto, que já foi Vila Rica,
sobe ladeiras entre curvas e retas.
Bandolins cantam versos e serestas
pelas esquinas da cidade mística.

A noite branca assoma nos telhados
coloniais. Corujas de veludo
pousam no vento e torres das igrejas.

Ouro Preto e seus mitos soterrados.
Sonhos do Inconfidente lavam tudo
com o sangue que jorra das paredes.

II

Ouro Preto dorme nas torres das igrejas,
nas curvas do barroco, nas cornijas.
Nos telhados onde a memória do limo
traz de volta o esqueleto das intrigas.

Joaquim José da Silva Xavier,
Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga
Peixoto e Cláudio Manuel da Costa
com sangue escrevem a liberdade e a lenda.

A noite sobe escadas e ladeiras
de pedra-sabão. Anjos cor de vinho
descem subitamente dos altares.

Silvério dos Reis arde nas fogueiras
da páscoa. Fantasmas de areia e linho
fogem numa quadriga de centauros.

III

Descem fantasmas das escadarias.
Ao ressoar de trincos e de aldravas,
os Profetas semeiam confidências
de um tempo de salmos e de parábolas.

Vultos sobem ladeiras de pedra antiga,
de onde jorram palavras e centúrias.
Duendes costuram mortalhas de seda
para o noivado insone das corujas.

Galos de Andorra trazem madrugadas
nas plumas de bronze. Canções de mouros
assassinados com punhais e adagas.

Profetas confabulam nas escadas
de Ouro Preto. Anjos com chifres de touros
salvam do inferno as almas condenadas.

UM DIA DEPOIS DO OUTRO

Um dia depois do outro se agiganta,
atravessa a eternidade a galope.
À maneira da sombra de um ciclope
montado na caveira de uma anta.

Um dia depois do outro é a caravana
fustigada por ventos amarelos.
A lentidão dos rastros dos camelos
que se nutrem dos brolhos da semana.

Áspero como o pêlo de uma anta,
o alfanje da aurora abre uma fenda
no ventre ensolarado de uma infanta.

Um dia depois do outro se esfarela.
Ou se confunde com os cacos de uma lenda
ou se mistura à escória de uma estrela.

SONHO DE ÓPIO

Sou um planeta errático
perdido nas esferas.
Passam por minha sombra
mastros de caravelas,

noites de tempestades,
fantasmas de centauros.
Anjos roçam por mim
na estrada das galáxias.

Gansos, os meteoros
ardem na estratosfera.
São plumas de albatrozes

chegados de outras eras.
Volto ao ventre do caos,
entre os homens e as feras.

VERSOS A UMA CAVEIRA

Caveira de rainha ou de princesa
ou da estirpe dos nobres Capuletos.
Já não mereces odes nem sonetos
nem o louvor da glória e da beleza.

Hoje habitas no Estige das esfinges,
levadas pelos remos de Caronte.
Signos do amor são nada mais que cinzas,
iguais em tudo às fezes de um bisonte.

Nos seios, o azulado das opalas.
Teu vulto era uma deusa das cabalas,
de rubis adornado e de amuletos.

Hoje, um museu de tíbias e omoplatas,
és o brinquedo dos iconoclastas,
vaiada até por outros esqueletos.

II

Eras, talvez, uma gentil pastora
a cuidar dos rebanhos e das crias.
Acordavas o sol todos os dias
e os centauros domados pela aurora.

Ou te banhavas nas secretas fontes
dos grandes rios e das grandes árvores.
E cavalgavas o alazão dos pássaros,
as conchas do teu corpo e outras conchas.

Hoje, ao sabor dos ácidos, dos gases,
já não te aquece o amor nas noites frias
nem dança ao vento a negra cabeleira.

Já não seduzes velhos nem rapazes
com estas grandes órbitas vazias
de caveira enlaçada a outra caveira.

GIM COM SODA

Nada a estranhar se eu for ao bar da esquina
pedir à garçonete um gim com soda
e erguer um brinde à tarde que declina.
Sou da centúria que inventou a roda.

Não me perguntem pela dançarina
e os aromas vermelhos da espatódea.
Nem pela cor do cacho da vindima
que semeia o pecado e apaga a nódoa.

Não me perguntem pelo cogumelo
atômico e as catacumbas romanas,
nem pelo seio que amamenta a loba.

Nem pela ogiva nuclear. Nem pelo
feiticeiro de todas essas tramas.
Nem pelo sangue que semeia a nódoa.

EXÍLIO DOS VERSOS

Um verso de Quevedo,
de Petrarca ou de Antero.
Uma ode de Pessoa
nos aquece no inverno.

Num madrigal de Lorca
pasta uma égua castanha.
Os touros que se imolam
pelos mitos da Espanha.

Um verso do Quixote
desmorona fronteiras
ou causa terremotos.

Versos e borboletas
ou fogem para o exílio
ou morrem nas gavetas.

DAS VONTADES

Não quero ser o algoz dos insensatos
nem tropeçar na infância dos meninos.
Jogar ao vento as cinzas dos cachimbos
que os mortos esconderam nos sapatos.

Não quero ser o herói de espada em punho
esculpido na rocha ou no granito.
Nem ser o que promulga o veredito
sem atentar no falso testemunho.

Não quero ser o arauto da notícia
nem o morto embrulhado em telegrama
nem as telhas de vidro da República.

Nem tampouco o Arlequim do apocalipse.
Quero morrer de amor na mesma cama
em que os sábios tiveram morte súbita.

AOS 80 ANOS DO POETA LÊDO IVO

I

Pairas no umbral da noite metafísica.
Asteróides rastejam no esqueleto
do céu. Regressas da Estação Central
para o Acontecimento do Soneto.

A Cidade e os Dias abrem seus pórticos
ao fulgor do Crepúsculo Civil.
Chove quando anoitece em Nova Yorque.
Um fauno afaga a taça de um quadril.

Os emblemas do mar, rosas do manguê,
seduzem piratas e canibais
com seu odor de seios e moluscos.

A escada em espiral finda no cais.
Os navios somem no caos. Arbustos
de espuma, os dias manchados de sangue.

II

Nas tardes de marulhos e morcegos,
pousam gaiotas mortas. O mar perto
e o mar longe são dois cavalos verdes
sonhados pelas éguas do deserto.

Os trapaceiros são cosmopolitas,
têm almas de metal, corpos blindados.
O poeta sonha auroras interditas,
léguas azuis, sítios hipotecados.

Canta a estátua de bronze de um cavalo
que despencou das nuvens. Com certeza,
um puro-sangue de linhagem árabe.

A neve cai. O vento sopra forte.
O Empire State é uma coivara acesa.
Chove quando anoitece em Nova York.

III

O poema é a arquitetura de um ninho.
Ninho se faz com plumas e gravetos.
Da mesma forma que o poeta escreve
as rimas e vogais para os sonetos.

Chicago. A tarde cheirava a pipocas.
Arranha-céus de vidro e seus revérberos
de prata. Navios dormem nas docas.
Seios no asfalto e coxas de mulheres.

Teseu do Carmo escreve um labirinto
de palavras nas lápides dos gregos,
nos pórticos de bronze de Corinto.

A neve cai. O vento sopra forte
na madrugada espúria dos morcegos.
Chove quando anoitece em Nova York.

TRAGÉDIA REAL

Para Ivan Junqueira

Passa o cortejo da rainha morta
sob o dossel da pompa derradeira.
Curva-se a plebe ao cetro da caveira
ao vê-la desfilarem de porta em porta.

Morta por edital de Afonso IV
pelo crime de amar o infante Pedro.
A tragédia de Inês parece enredo
com sangue escrito por um mentecapto.

Puxado por parelha de cavalos,
vai o cortejo, a longos intervalos,
plantar no império o sangue de seus rastros.

Sinos do Tejo, bronzes de Lisboa.
Noivas de espuma, o vento que ressoa
lembram de Inês quando ofuscava os astros.

SEIOS DAS ALDEIAS

A noite é uma cadela negra. Vinda
dos vales úmidos ou das colinas.
Égua ferosa que sacode as crinas
e vai pastar centeio nas estrelas.

Vem do fundo dos charcos sonolentos
essa esfinge dos deuses e do Tártaro.
Vem das cavernas do primeiro bárbaro
que decifrou na pedra os elementos.

A noite deixa rastros nos caminhos.
Pastoreia os cavalos da montanha
e os seios de veludo das aldeias.

À noite os touros sangram pela Espanha.
Jograis do amor soluçam nas ameias,
ébrios de augúrio e de seus negros vinhos.

PONTO DE FUGA

A vida é um ponto de fuga. Verruga
no vértice do seio. Caravana
que pernitoiu no derradeiro oásis.
Concha esquecida nos confins do mar.

Borboleta chegada do dilúvio
antes da derrubada das cem portas
de Tebas. Regresso dos adivinhos
à infância mutilada de Tirésias.

Barco sem vela que adernou na angra.
Pássaro fulminado pelo raio,
guarda nas asas o frescor das noites.

A vida é uma galáxia que evapora.
O rastro de um leopardo no Aqueronte.
Concha esquecida nos confins do mar.

SONETO COM MOTE DE FERNANDO PESSOA

Perdida nau em pélagos de vidro,
a vida entre naufrágios se esfarela.
Somos a espuma das marés do abismo,
tangidas pelos corvos da procela.

Ao sabor dos augúrios de uma estrela
em mares de utopias navegamos.
As centúrias são patas de centauros,
esmagam visionários e tiranos.

Somos a rota de esquecida vela
entre plumas de sonhos e gaiotas.
O que sucumbe às chamas do prodígio.

O que contempla a infância da janela,
celebra o amor, semeia tantas mortes.
“Pórtico partido para o impossível”.

INFANTA DE PICASSO

Quando ela passa, o sol muda de rumo
e as ondas erguem os dorsos de baleia.
Na tarde que desmaia, é uma sereia
sonhada pelos olhos dos cardumes.

O vento agita os barcos ancorados,
esquecidos das velas e das rotas.
Uma canção desperta os namorados
para as plumas de cálcio das gaivotas.

De onde veio essa infanta de Picasso?
Pássaro de Sodoma, de onde veio
com seus pêlos dourados e essas plumas?

O amor é aquele emblema de mormaço
que o mar celebra em puro devaneio,
entre adágios de conchas e de espumas.

SONS DE FERRARIA

Os Sons de Ferrara, ainda os escuto
entre as cinzas da infância e da bigorna.
Sons de ferro gerado nas entranhas
do fogo que circunda o purgatório.

Sons de flecha tribal ou de fagulhas
moldados na oficina de algum sátiro.
Sons que fustigam os mortos e os acordam
para as orgias dos deuses do Tártaro.

Sons de meninos, tropel de centauros
que atravessam as nuvens a galope.
Sons da vida ou da morte. Sons de foice

decependo os seios de Ana Bolena.
Sons de escravidão e anjos rebelados.
De cães mordidos pelo anzol da noite.

COISAS PARALELAS

Sou o caule de folhas amarelas
que apodreceu no topo da colina.
Vida e morte são coisas paralelas.
Quando uma começa, a outra termina.

Um sino dobra pela concubina
que dissipou o corpo à luz de velas.
O amor sonhado já é coisa finda,
bandolins que soluçam nas janelas
onde as amadas sonham pastoreios.
Cisnes de espuma cismam nas esquinas
dos lagos e dos olhos das panteras.

Ouço o balir dos vales e dos veios,
o funeral das folhas amarelas
em memória das velhas dançarinas.

VASSALOS DO MITO

Somos vassalos do mito. “Os ombros
suportam o mundo”. A lâmina dos séculos
golpeia as velas das naus que não somos,
rumo à travessia dos arquipélagos

da alma. A vida, o reverso da medalha,
o cristal da matéria que incendeia.
O anzol do amor, a insônia da navalha,
ritmo que altera o pulso da candeia.

Somos súditos do mito. Os ombros
vergam ao peso da memória. A infância
trapaceia algarismos de Arquimedes.

As nuvens não são pombas. São escombros
da placenta dos deuses. A vingança
das Górgonas, que já foram palmípedes.

CEIA DOS MORTOS

Cachos de luz pendem dos candelabros.
A Hidra Fêmea num corcel de areia.
Aos poucos, vão chegando os convidados
da fina flor dos mortos para a ceia.

Os convivas flutuam pela sala.
Rosas e ardis disfarçam seus espinhos
de astúcia e sedução. Seios de opala
exalam mais aromas do que os vinhos.

Sons de clarins, que o dia vai raiar.
Ramalhetes de hibiscos se esfarelam
como os lírios de sal da maré cheia.

Anjos de azul no escuro limiar.
Estão imóveis, mas ainda esperam
pela vinda dos mortos para a ceia.

PLURIMETRIA

Tolos os que imaginam que os poetas
não são mortais da mesma argila dos outros.
Não têm furos nas meias nem sapatos rotos
nem escondem maus versos dentro das gavetas.

Os que pensam que poetas não são primatas
em cujas veias germina a herança espúria
das cavernas. Reminiscências de luxúria,
de larvas mais flexíveis do que as facas.

Poetas não são anzóis de pescar gueixas.
Se nutrem de proteínas e carboidratos,
de melancias, aspargos e de ameixas.

Os cabelos despencam dos retratos.
Arlequins que se aflagam nos espelhos,
parecem mais brilhantes do que os astros.

EVOCAÇÃO DO RIO

Este rio me lembra outros estios,
outras naus ancoradas noutras praias.
Este rio é um centauro fulminado
por um raio caído das galáxias.

Este rio me lembra uma serpente
enroscada debaixo de uma ponte.
As almas condenadas aos infernos
levadas pela barca de Caronte.

Uma estrada de espinhos para o exílio
dos afogados. Uma veia aberta
de onde jorra o balido das ovelhas.

Outros meninos, outras bicicletas,
outros fantasmas de algum deus sombrio,
de volta à infância, à chuva e às borboletas.

BORBOLETAS

Borboletas pousadas nas vidraças
é sinal de que o inverno se aproxima.
De que o vinho abre os olhos nas garrafas
para brindar à orquídea feminina.

Por longos dias elas permanecem
coladas ao veludo das paredes.
Anjos expulsos de um remoto éden
pela soberba e a cólera dos deuses.

Nuvens de orvalho e pássaros velozes
bailam no céu. O palpitar das asas
tem mais de madrigal que de acalanto.

Quando a primeira chuva alaga as várzeas,
desaparecem como por encanto
para o noivado das metamorfoses.

SONETO DAS MUTAÇÕES

Muda a pele dos tigres e das cobras,
a plumagem das espigas da ceifa.
Muda o inferno dos ricos e dos pobres.
De mutações a nossa vida é feita.

Muda a rosa dos inventos, a bússola
dos navios, as órbitas dos astros.
Muda a mortalha bordada de púrpura,
os bronzes e vogais dos epitáfios.

Muda o mar, muda a pérola na ostra.
Muda a escama dos peixes. Muda o cântico
do profeta no ventre da baleia.

Muda o arco-íris uma vez ou outra.
Muda o som do pântano, o fel do pânico.
E muda o abismo que nos pastoreia.

OGIVA

O mundo é dos mais sábios, dos mais fortes:
é o que se diz em laudas cristalinas.
Mais a verdade exposta na esquinas
passa longe dos vivos e dos mortos.

Bombas e ogivas não merecem rimas
nem madrigais nem cânticos nem odes.
Não basta o amor para apagar as nódoas
de sangue e horror de tantas Hiroximas.

Quando te deitas, quando te levantas,
quando vais ao cinema ou vais à rua
ou páras e ouves as canções do mar,
vozes do além explodem nas gargantas.
Não são vozes do vento nem da lua.
São rugidos da ogiva nuclear.

SOLIDÃO

A solidão rasteja em minha pele,
segue os meus passos pela vida afora.
Essa esfinge que aos poucos me devora
com a sensualidade de uma fera.

Ao pingar dos minutos e das horas,
seja no inverno ou seja primavera,
a solidão se encontra à minha espera
com seu odor de pêssegos e amoras.

Finda a ceia do corpo e não se brinda.
Subitamente empalidece o seio
que amamentou a nossa vida inteira.

A solidão me espreita e segue ainda
até sumir no abismo de onde veio,
montada no alazão de uma caveira.

POEMAS E EPITÁFIOS

Enquanto escrevo poemas, crianças e adultos
morrem de fome nas aldeias de palha da África.
Enquanto acaricio as plumas das metáforas,
bombas escrevem epitáfios com vogais de lágrima.

Enquanto escrevo poemas que ninguém decifra,
bombas explodem plantações de trigo e campos
semeados de arroz. Enquanto escrevo odes,
genocidas semeiam explosivos e gases tóxicos.

As portas de alumínio do inferno foram abertas.
As portas dos mísseis e das ogivas atômicas.
As portas vermelhas das catedrais da suástica.

Déspotas bombardeiam lavouras de meninos.
Infâncias e espigas já não brotam da terra
sem vestígios de sangue e rastros de pólvora.

SONETO PARA EMÍLIO MOURA

Deslizavas por entre os episódios,
teus silêncios, teus cigarros de palha.
Papéis de embrulho com sonetos e odes,
misturados à espuma da navalha.

Teu ser de luz lembrava o de um profeta
celebrado nos versos de uma lenda.
O menino espreitava a bicicleta
guardada nos porões de uma fazenda.

Minas te amamentou com seus mistérios.
Ruas, ladeiras, casarões, sobrados,
Marília de Dirceu, noiva do Alferes.

Amigos te procuram nas esquinas...
Mas onde estão teus gestos e cuidados
senão que urdindo o espírito de Minas?

